



Fabiana Duarte e Silva

Desafios da Maternidade na Corrida de Aventura

Juiz de Fora
2025

Fabiana Duarte e Silva

Desafios da Maternidade na Corrida de Aventura

Orientadora: Profa. Dra. Ludmila Nunes Mourão

Juiz de Fora
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Fabiana Duarte e .
Desafios da Maternidade na Corrida de Aventura / Fabiana Duarte
e Silva. -- 2025.
127 p. : il.

Orientadora: Ludmila Nunes Mourão
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,
Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Educação Física.
Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2025.

1. Maternidade. 2. Corrida de Aventura. 3. Gênero. 4. Análise de Discurso. I. Mourão, Ludmila Nunes , orient. II. Título.

Fabiana Duarte e Silva

Desafios da Maternidade na Corrida de Aventura

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação Física. Área de concentração: Exercício e esporte

Aprovada em 20 de outubro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Ludmila Nunes Mourão - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª. Drª. Clara Mockdece Neves

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª. Drª. Ellen Cristina Carmo Rodrigues

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª. Drª. Gisele Maria Schwartz

Universidade Estadual Paulista

Profª. Drª. Mariana Cristina Borges Novais

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais

Juiz de Fora, 23/09/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Gisele Maria Schwartz, Usuário Externo**, em 21/10/2025, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ellen Cristina Carmo Rodrigues Brandao, Professor(a)**, em 21/10/2025, às 11:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Clara Mockdece Neves, Professor(a)**, em 21/10/2025, às 11:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ludmila Nunes Mourao, Professor(a)**, em 21/10/2025, às 17:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Cristina Borges Novais, Usuário Externo**, em 22/10/2025, às 09:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2634505** e o código CRC **324F96B1**.

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.”

Simone de Beauvoir

AGRADECIMENTOS

Esta tese é fruto de muitas mãos, vozes e afetos. Por ser construída sob uma epistemologia feminista, é impossível não iniciar com meus agradecimentos às mulheres que caminharam comigo e me inspiraram nesta jornada acadêmica e de vida.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Profa. Dra. Ludmila Mourão, pelo cuidado, pela amizade, pela escuta atenta e pelo rigor acadêmico que tanto me fizeram crescer. Sua confiança em meu trabalho foi fundamental para que este estudo tomasse forma. Às minhas colegas do Grupo de Pesquisa em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS), especialmente à Profa. Dra. Mariana Novais, pela partilha generosa de ideias, leituras, discussões e pelo companheirismo que sempre me motivou a ir além. Às Profas. Dras. Gisele Schwartz, Marília Bandeira, Ellen Rodrigues, Clara Mockdece e Danilla Corazza, que compuseram a banca e contribuíram de maneira valiosa para a qualificação deste trabalho, instigando reflexões e ampliando os horizontes desta pesquisa.

Agradeço profundamente às mulheres da minha vida, que são a base do meu ser. À minha mãe, Vera (*in memoriam*), que foi exemplo de força, inteligência, conhecimento e amor. Viúva muito jovem, criou, com ajuda de minha “Vó Sinhá”, três filhas, ensinando-nos que a educação é caminho de liberdade. Este trabalho é, em muitos sentidos, uma homenagem a ela. Às minhas irmãs, Flávia e Fernanda, por ser porto seguro, sempre me apoiando em todos os momentos, celebrando cada conquista e me dando forças nas dificuldades.

Agradeço com amor ao meu marido, Rodrigo, pela parceria e compreensão nos dias mais intensos desta trajetória. E ao meu filho, Lorenzo, que, com sua presença e afeto, me ajudou a pensar a maternidade, o esporte e a vida de uma maneira mais sensível e profunda. Vocês são meu maior motivo para seguir.

Agradeço às instituições de fomento, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela excelência no ensino; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos; e à Prefeitura de Juiz de Fora, pelo período de licença remunerada para aperfeiçoamento profissional.

Por fim, agradeço às mães-atletas participantes desta pesquisa, às minhas amigas do pedal, aos amigos da Corrida de Aventura e a todas as pessoas que, de alguma forma, cruzaram meu caminho nesta jornada. Este trabalho é, também, sobre vocês e por vocês.

RESUMO

Esta pesquisa contribui para o debate teórico sobre gênero, esporte e maternidade em contextos pouco explorados como o da corrida de aventura (CA). Investiga os desafios enfrentados por mães-atletas, buscando compreender como conciliam a maternidade com a carreira esportiva e quais significados atribuem a essa experiência. Fundamentado nas teorizações Foucaultianas, o estudo examina como “regimes de verdade” generificados moldam expectativas e naturalizam papéis, tanto no esporte, quanto na vida familiar. A abordagem é qualitativa, e os dados foram produzidos por meio da técnica de entrevista narrativa com mães-atletas de CA experientes no esporte, as quais foram instigadas a revelar os desafios, negociações e estratégias para manter o desempenho esportivo enquanto vivenciavam a maternidade. A leitura dos dados da pesquisa se baseou na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa. Os resultados mostram que, embora a CA seja publicamente associada à resistência, à superação e à liberdade, as vivências dessas atletas são marcadas por negociações constantes entre demandas familiares e exigências competitivas, com persistentes assimetrias de gênero na divisão do cuidado e do trabalho doméstico. Apesar disso, a maternidade também se apresenta como um espaço de reinvenção de si e de “práticas de liberdade”, possibilitando novas formas de identidade atlética, mesmo sob restrições estruturais.

Palavras-chave: maternidade; corrida de aventura; gênero; análise de discurso.

ABSTRACT

This research contributes to the theoretical debate on gender, sports, and motherhood in underexplored contexts such as adventure racing (AR). It investigates the challenges faced by mother-athletes, seeking to understand how they reconcile motherhood with a sporting career and the meanings they attribute to this experience. Grounded in Foucaultian theorization, the study examines how gendered “regimes of truth” shape expectations and naturalize roles both in sport and in family life. The approach is qualitative, and data were produced through narrative interviews with mother-athletes experienced in AR, who were encouraged to reveal the challenges, negotiations, and strategies used to maintain athletic performance while engaging in motherhood. Data interpretation was guided by the French line of Discourse Analysis. The results show that although AR is publicly associated with endurance, overcoming obstacles, and freedom, the experiences of these athletes are marked by constant negotiations between family demands and competitive requirements, with persistent gender asymmetries in the division of care and domestic labor. Nevertheless, motherhood also emerges as a space for self-reinvention and “practices of freedom,” enabling new forms of athletic identity, even under structural constraints.

Keywords: motherhood; adventure racing; gender; discourse analysis.

SUMÁRIO

A AVENTURA DE CONTAR-SE.....	11
1 O TEMA.....	19
1.1 O QUE É SER MÃE? DEBATES SOBRE A MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA	19
1.2 MATERNIDADE E ESPORTES COMPETITIVOS	26
1.3 CORPO DE MÃE E BIOPODER.....	29
1.3.1 Dispositivo da Maternidade	32
1.4 MULHERES <i>OUTDOOR</i> E RESISTÊNCIA DAS MÃES-ATLETAS	33
2 CORRIDA DE AVENTURA	37
2.1 AS MODALIDADES.....	40
2.1.1 Mountain Bike	40
2.1.2 Trekking	42
2.1.3 Canoagem	43
2.1.4 Técnicas Verticais.....	44
2.1.5 Orientação Cartográfica	46
2.2 AS EQUIPES.....	48
3 RELATO ETNOGRÁFICO	51
4 A PESQUISA	68
4.1 CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	68
4.2 ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCESA.....	72
5 ANÁLISE DAS NARRATIVAS: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS.....	75
5.1 MATERNIDADE NO ESPORTE E IDENTIDADE DA MULHER-ATLETA.....	77
5.2 CULPA E LIBERTAÇÃO: SENTIMENTOS QUE ATRAVESSAM AS MÃES-ATLETAS NA CA.....	84
5.3 DESAFIOS DA MATERNIDADE NA CA: CUIDADO DE SI E DOS/AS OUTROS/AS.....	91
5.4 REDE DE APOIO COMO DISPOSITIVO E RESISTÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DE MÃES-ATLETAS.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT	Área de transição
ADF	Análise de discurso de linha francesa
A1	<i>Adventure 1</i>
ARWS	<i>Adventure Race World Series</i>
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CA	Corrida de aventura
CBCA	Confederação Brasileira de Corrida de Aventura
CEME	Centro de Memória do Esporte
CEP	Comitê de ética em pesquisa com seres humanos
CIMTB	Copa Internacional de Mountain Bike
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
FIV	Fertilização <i>in vitro</i>
GE	Globo Esporte
GPS	<i>Global Positioning System</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
KM	quilômetros
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Agênero, Pansexuais, Não-binárias e outras identidades e orientações sexuais não especificadas.
MG	Minas Gerais
MTB	<i>Mountain Biking</i>
PC	Ponto de controle
PVC	Policloreto de vinila
RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UIAA	<i>International Climbing and Mountaineering Federation</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Eu e Lorenzo na chegada da Expedição Terra de Gigantes em 4 de novembro de 2023	67
----------	---	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Perfil sociocultural das participantes.....	75
----------	---	-----------

A AVENTURA DE CONTAR-SE

Toda trilha de reflexão escolhida no percurso da pesquisa é atravessada pelo norte social de nossa vida. Como mulher, mãe, professora de educação física e atleta de Corrida de Aventura (CA), oriento-me pela bússola dos estudos feministas e de gênero para percorrer as trajetórias de mulheres atletas nesse esporte tão desafiador.

A perspectiva dos estudos de gênero me permitiu analisar a Educação Física como um ambiente político e, por consequência, um espaço de resistência e mudança nas relações de gênero. Segundo Silvana Vilodre Goellner¹ (2013), no âmbito da Educação Física, as pesquisas feministas e de gênero ajudam a desmistificar o determinismo biológico, que muitas vezes limita a participação de mulheres, meninos e meninas em certas práticas esportivas, ao argumentar, com base em características anatômicas e fisiológicas, que algumas modalidades são mais adequadas para homens e outras, para mulheres. Em síntese, ao desafiar as divisões binárias, esses estudos questionam a homogeneização da categoria "mulher", rompendo com a padronização de comportamentos e enfatizando a diversidade de experiências das masculinidades e feminilidades.

Embora o presente estudo dialogue com debates inaugurados pelo feminismo da segunda onda, especialmente no que se refere à crítica à naturalização da maternidade e à divisão sexual do trabalho, sua perspectiva teórica alinha-se ao feminismo pós-estruturalista, que compreende o gênero como efeito de relações de poder e saber, como teorizado por autoras como Joan Scott (1988), Judith Butler (1990) e Chris Weedon (1987). Portanto, essa abordagem, inspirada nas análises foucaultianas, permite problematizar como determinados discursos produzem e regulam modos de ser mãe e atleta, evidenciando as práticas de resistência que emergem nas experiências dessas mulheres. Considerando que as participantes desta pesquisa são, em sua maioria, mulheres brancas e de classe média, reconhece-se também o recorte situado dessa análise e os limites de generalização de suas conclusões, de modo a não invisibilizar outras experiências maternas atravessadas por marcadores como raça e classe.

A CA pode ser definida, de acordo com Wladimir Togumi (2017), como uma

¹ A adoção, nesta tese, do uso do nome completo das/os autoras/es, bem como da flexão de gênero (as/os, os/as, autoras/es, sujeita/o e outras), constitui uma escolha metodológica e política orientada pelas epistemologias feministas. Tal decisão visa romper com o apagamento das mulheres, historicamente silenciadas na produção científica, recusando o masculino genérico como norma. Ao escrever assim, faço aparecer quem veio antes, quem caminha comigo, quem abriu trilhas. A linguagem, aqui, além de campo de disputa, é também gesto de cuidado e afirmação da pluralidade dos mundos que compõem esta pesquisa.

competição multiesportiva que objetiva percorrer longas distâncias em diferentes modalidades, tais como *mountain bike*, *trekking*, canoagem, técnicas verticais e orientação cartográfica, no menor tempo possível, exigindo o máximo de resistência física e psíquica, por passar em locais naturais. Na CA, o quarteto misto é a principal categoria; dessa forma, as equipes são formadas, na maioria dos eventos, por mulheres e homens, sendo exigência da regra ao menos uma pessoa do sexo distinto dos demais membros de sua equipe. Nesse contexto, observa-se que, na maior parte das vezes, as equipes são formadas predominantemente por homens, com apenas uma mulher. Essa configuração, além de refletir uma conformidade limitada com as normas, pode ser interpretada como uma manifestação de preconceito. Não é sabido o motivo da criação desse regulamento, mas sabe-se que essas características de formação das equipes prevalecem desde o surgimento da CA.

Joanne Kay e Suzanne Laberge (2004) examinaram as relações de gênero na *Endurance-based Adventure Racing*, uma CA com vários dias de disputa entre quartetos mistos em gênero e sem paradas. Nesse estudo, as pesquisadoras evidenciaram as contradições presentes nesse espaço esportivo que, embora celebrado por seu caráter de desafio e superação, permanece atravessado por normas de gênero. A exigência de que as equipes sejam mistas, por exemplo, faz com que as mulheres sejam frequentemente tratadas como um “equipamento obrigatório”, ou seja, uma presença necessária apenas para atender às regras da competição, e não pelo reconhecimento pleno de suas capacidades atléticas. Essa posição simbólica revela as assimetrias de poder que atravessam o campo da aventura, onde a masculinidade segue sendo o referencial dominante de competência e resistência. Ainda assim, as autoras mostram que, ao participarem dessas provas e reivindicarem seus lugares em equipes e trajetórias tradicionalmente masculinas, as mulheres produzem deslocamentos nos significados atribuídos ao corpo, à força e à coragem. Suas experiências evidenciam as tensões entre submissão e agência, mostrando como, mesmo sob discursos que reforçam desigualdades, é possível construir modos singulares de resistência e subjetivação feminina na CA.

Para proporcionar um contexto adequado ao leitor nesta aventura intelectual, apoio-me em um conceito elaborado por Michel Foucault em 1970, segundo o qual a ideia de autoria é percebida como um eixo central na estruturação do discurso. Nesse âmbito, a noção de autor/a ultrapassa a simples definição de um/a sujeito/a que verbaliza ou elabora o discurso. Ao contrário, é vista como um elemento ordenador que dota o discurso de origem, significado e coesão. Foucault ressalta que, desde a era medieval, particularmente no domínio do discurso

científico, a vinculação do texto a um/a autor/a se fazia indispensável².

Pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome, pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. (Foucault, 2014, p. 26).

Portanto, apresento sucintamente minha história, de onde vem a motivação para esta investigação neste campo de pesquisa. Nasci em 1980 em Juiz de Fora (Minas Gerais) e tive uma infância muito feliz e simples. Sou a filha caçula entre três irmãs, e nossa mãe nos criou praticamente sozinha, com o apoio de nossa avó, pois se separou de nosso pai quando ainda éramos pequenas e, pouco tempo depois, ficou viúva.

Cursei o ensino fundamental e o magistério no Colégio de Aplicação João XXIII, onde sempre gostei das aulas de Educação Física, especialmente das atividades que envolviam movimento. Nossa família morava em uma casa alugada, próxima ao colégio, na qual havia um grande pátio externo. Assim, minha infância foi repleta de brincadeiras. Minha trajetória no esporte de aventura, no entanto, teve início apenas mais tarde, por volta de 2002, quando já estava cursando a graduação em Educação Física e realizava um estágio remunerado em uma academia de ginástica. Com esse trabalho, consegui comprar minha primeira bicicleta e, desde então, desenvolvi um grande apreço pelo *mountain biking* (MTB), influenciada também por meu marido, que na época era meu namorado. A partir de então, dediquei-me à prática do esporte, sempre conciliando trabalho e estudo com a vida de desportista amadora, treinando diariamente, participando de cicloturismo e competições locais. Em 2006, comecei a me interessar também por outros esportes de montanha, por influência de colegas do curso de Educação Física, como o *trekking* e a escalada em rocha; participei de pequenas e longas travessias em grupo e me aperfeiçoei em técnicas de montanhismo. Também comecei a correr a fim de melhorar meu condicionamento aeróbio; por conseguinte, participei de algumas provas do Ranking de Corridas Rústicas de Juiz de Fora. Em 2008, comecei a participar de provas de resistência, como a meia-maratona e o duatlo, incentivada pelos grupos de corrida das academias onde trabalhei no setor de musculação, já como Profissional de Educação Física. Nesse mesmo ano, fui convidada pelo atleta Marco Farinazzo a participar de uma

² Na obra "A Ordem do Discurso", Michel Foucault explora a função do autor como um elemento central na organização e controle dos discursos. A identificação do autor não é apenas uma questão de atribuição de autoria, mas um mecanismo que desempenha um papel crucial na regulação e na legitimação dos saberes.

prova teste para integrar o quarteto misto da equipe *Armadda Adventure Team*, de Petrópolis (RJ), de corrida de aventura. Marco é um atleta do exército, o qual competia profissionalmente em provas de corrida de orientação e participava de CA de forma amadora. Posteriormente, dedicou-se às ultramaratonas, nas quais foi destaque internacional em 2009, com participações em provas internacionais (Silva, 2018).

Nessa prova teste, para a qual fui convidada em 2008, a referida equipe levou mais duas mulheres, implicitamente, com o intuito de escolher a que apresentasse melhor desempenho para continuar competindo com a equipe. Fui “selecionada” e, desde então, participei das principais provas nacionais, incluindo a *Ecomotion Pro*, prova que valeu como final do campeonato mundial de CA, em 2008. Porém, a equipe *Armadda* parou de competir em 2010 por falta de investimento e por problemas de contusões do capitão da equipe, o petropolitano Marcos Fernandes (Silva, 2018).

Entretanto, continuei treinando e participando de provas individuais de corrida, *mountain bike*, duatlo e *multisport*. Foi na ocasião de minha participação, em 2010, na prova *Multisport Brazil*, em Florianópolis, na qual fui vice-campeã pela categoria elite, que abri as portas para uma nova oportunidade: no retorno da ilha catarinense, ainda no aeroporto, comprei a revista especializada em esportes de aventura, a *Go Outside*. Lá havia uma reportagem dizendo que a equipe de corrida de Aventura “Quasar Lontra”, de São Paulo, uma das principais e mais antigas do país, estava à procura de uma integrante mulher, já que a atleta que competia com a equipe se afastaria do país para fazer doutorado. Foi então que decidi fazer contato com a equipe por *e-mail*, apresentando meu histórico esportivo e me oferecendo para competir com ela. Assim o fiz e, para a minha surpresa, recebi um convite do capitão da equipe, Rafael Campos, para participar da *Haka Expedition*, que aconteceria em São Luiz do Paraitinga, no estado de São Paulo, no intervalo de um mês. Aceitei o convite e me dirigi até o interior de São Paulo, onde fizemos uma prova, inesquecível para mim, que era admiradora da “Quasar Lontra”. Conquistamos a primeira colocação da prova, o que me rendeu notoriedade no cenário nacional da CA e abriu oportunidades de receber novos convites de outras equipes importantes, como “Lobo Guará (SP)”, “Competition Aroeira (SP)”, “Terra de Gigantes (RJ)”, “Brou Aventuras (MG)”, “Lagartixa (RS)”, “Oskalunga (DF)”, entre outras (Silva, 2018).

Em 2015, engravidei e, por essa razão, afastei-me temporariamente das competições de CA. No entanto, continuei treinando todas as modalidades. Por volta do sétimo mês de gestação, considerei prudente interromper a prática do MTB, pois minha barriga já estava maior, o que me obrigava a pedalar com as pernas abertas, além do risco de quedas. Ainda

assim, manteve a prática de *trekking*, musculação e remo em *stand up paddle*, uma vez que já não conseguia mais acomodar-me no caiaque.

Em agosto de 2016, ingressei no Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, em parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFJF/UFV). Durante minha pesquisa, intitulada “Memórias de Atenah: Trajetórias de Mulheres Brasileiras na Corrida de Aventura”, tive a oportunidade de entrevistar as integrantes da equipe Atenah, a única equipe brasileira de CA composta exclusivamente por mulheres, que competiu entre os anos 2000 e 2007. Algumas dessas mulheres, ao serem questionadas sobre os motivos que as levaram a abandonar o esporte, relataram que “precisavam casar, ter filhos” e “dar um jeito na vida”. Essas narrativas, associadas à minha recente experiência como mãe, levaram-me a refletir sobre os desafios que a maternidade pode gerar na trajetória profissional e esportiva de uma mãe-atleta.

Minha primeira competição de CA em formato de expedição (com duração de cinco dias) após a maternidade ocorreu quando Lorenzo tinha um ano e oito meses. Desde então, após essa primeira experiência, retornei às competições com uma frequência e um desempenho quase equivalentes aos de antes, porém muitas mudanças marcaram a transição da Fabiana de antes do Lorenzo para a Fabiana mãe do Lorenzo.

No final de 2021, ingressei no Doutorado com a decisão de estudar os “Desafios da Maternidade na Corrida de Aventura” – e aqui estou, nesta aventura desafiadora que é escrever uma tese.

Portanto, identifico-me como uma mulher branca, cisgênero, mãe, professora de Educação Física, atualmente com 44 anos. Destaco que sou praticante de CA desde 2008, tendo competido em diversas equipes por todo o Brasil, sempre sendo a única mulher no time. Este aspecto singular serve como principal motivação para minha pesquisa sobre a participação de mulheres nesse esporte marcado pela superação de limites. É relevante mencionar minha idade, pois, em nossa sociedade, e em especial no contexto esportivo, mulheres na faixa etária da “meia-idade” frequentemente encontram-se subvalorizadas no mercado de bens simbólicos³, buscando legitimidade e reconhecimento no esporte.

³ Pierre Bourdieu (2012) aborda o mercado de bens simbólicos como um sistema complexo de trocas culturais que refletem relações de poder e distinção social. Para Bourdieu, os bens simbólicos incluem não apenas produtos culturais tangíveis, como obras de arte e literatura, mas também formas de capital cultural, como conhecimento, habilidades e educação. Ele argumenta que o mercado de bens simbólicos não opera apenas com base na oferta e demanda, mas é influenciado por estruturas de poder e hierarquias sociais. Bourdieu destaca que as/os agentes sociais competem por capital simbólico, buscando legitimidade e reconhecimento dentro de campos específicos, como arte, literatura, ciência, esporte entre outros. Essa competição muitas vezes resulta em estratégias de distinção e hierarquização, onde determinadas formas de cultura são valorizadas e outras desvalorizadas, de acordo com as convenções e normas estabelecidas pelos grupos dominantes.

Considero que ao longo da minha carreira esportiva consegui adquirir experiência necessária para manter-me competitiva na CA, ou seja, adquiri capital simbólico valorizado nesse campo no qual as relações de poder e hierarquias são convencionadas. Outro ponto importante é que a CA, como outros esportes de endurance, ultramaratonas e triatlo de longa distância, atrai atletas mais experientes, na faixa etária acima dos trinta anos. Alguns estudos como encontraram que, embora o envelhecimento traga desafios fisiológicos, atletas de endurance com idade mais avançada podem manter um alto nível de desempenho e qualidade de vida através de treinamento adequado, prevenção de lesões e adaptações específicas. Também mostram que atletas mais velhas/os (40-60 anos) muitas vezes superam atletas mais jovens em termos de resistência mental e estratégia de prova (Knechtle *et al.*, 2012; Hoffman; Krishnan, 2013).

Também é relevante ressaltar que a "regra de gênero", que estipula a necessidade de os quartetos (a categoria principal da CA) serem compostos por membros de ambos os sexos, pode ser vista como um aspecto positivo para a inclusão das mulheres no esporte. Estudo de Gisele Schwartz (2013) e colaboradoras/es, o qual investigou a aceitação por parte dos homens, bem como possíveis condutas preconceituosas referentes à presença feminina nos esportes de aventura, destacou que a exigência da presença feminina nas equipes torna as mulheres “peça-chave” no esporte, o que contribui para a forma positiva como as mulheres se percebem em suas equipes. Destarte, na CA, alguns atletas consideram as mulheres como um recurso valioso e escasso, comparando-as a um "diamante negro", uma peça rara para compor uma equipe. Pergunto-me até que ponto a presença feminina nesse esporte seria efetiva caso essa regra específica não existisse. Observa-se, até o momento atual, que, nas competições que oferecem categorias para duplas (masculinas, femininas e mistas), predominam as duplas de homens, com uma participação menor de duplas mistas e, ainda mais raras, as duplas exclusivamente formadas por mulheres.

Algumas iniciativas têm buscado ampliar a visibilidade e a participação feminina nas CAs, entre as quais se destaca a “Corrida de Aventura da Mulher”, organizada pela equipe “Os Pamonhas”, no Rio Grande do Sul. Com sua terceira edição, prevista para 2025, o evento realizado em 2024 reuniu 164 atletas distribuídas em 41 quartetos e se destacou por oferecer, além da competição em si, minicursos gratuitos das modalidades envolvidas antes da prova, possibilitando a iniciação e o aprimoramento técnico das participantes (Filho, 2024). Ao criar um espaço inclusivo e formativo, essa iniciativa contribui para o fortalecimento da

representatividade feminina na CA, favorecendo a inserção das mulheres e ampliando suas oportunidades de engajamento em um cenário historicamente marcado por barreiras de gênero.

Para além das questões de gênero, é importante observar que a CA é um esporte de difícil acesso, primeiramente pelas habilidades exigidas, por se tratar de uma competição com várias modalidades esportivas. Além do condicionamento físico, há a logística de prova, a vasta quantidade de equipamentos necessários e a necessidade de formação de equipe, ou seja, de encontrar, no caso do quarteto, quatro pessoas dispostas a competir com um objetivo comum. Isso posto, acredito que, devido à dificuldade que as equipes enfrentam ao buscar uma mulher qualificada para competir em eventos dessa magnitude, tive a oportunidade de competir em diversas localidades do país e até mesmo em alguns lugares no exterior com um investimento financeiro reduzido, uma vez que as equipes auxiliaram no custeio das despesas para viabilizar minha participação. Considero essa questão crucial para minha permanência prolongada nesse esporte elitizado⁴.

Destarte, Marília Bandeira (2021) problematiza que as/os praticantes autônomas/os de esportes de aventura no Brasil, especialmente as/os pioneiras/os, correspondem a estratos socioeconômicos privilegiados, uma tendência também observada por Belinda Wheaton (2013) no contexto europeu. As autoras destacam que as primeiras pessoas que tiveram acesso a equipamentos e viagens internacionais para a prática de esportes de aventura são, em sua maioria, integrantes de classes sociais ou intelectuais mais abastadas.

Na CA, as/os atletas devem treinar até vinte horas por semana, enquanto equilibram (às vezes sacrificam) o trabalho e a vida familiar. Durante as competições, as/os atletas são obrigadas/os a suportar privação de sono, dor, perda de peso, doença, lesão, condições meteorológicas extremas e terreno hostil. Nas provas, que podem durar até cinco dias, as/os atletas devem administrar e transportar seus alimentos, água e equipamentos e continuamente passar por áreas isoladas e desconhecidas (sem comunicação por telefone), com o mínimo de descanso e/ou sono (Kay; Laberge, 2004). Com base nessas características, tornou-se instigante investigar a participação das mães-atletas nessa modalidade esportiva a partir de questões como: quais barreiras estruturais e socioculturais indicam limitações ou facilidades à prática?; de que modo as identidades maternas influenciam a adesão e o desempenho?; como

⁴ A necessidade de um alto investimento financeiro para aquisição e manutenção de uma grande quantidade de equipamentos esportivos específicos, além de gastos com viagens e inscrições de eventos, tornam a CA um esporte caro e, consequentemente elitista, com predomínio de praticantes homens, brancos, de classe média/alta e elevado grau de instrução.

as políticas de apoio institucional impactam a continuidade da participação?; e de que maneiras as narrativas das próprias atletas revelam estratégias de resiliência, redes de apoio e gestão do tempo entre responsabilidade parental e treino.

1 O TEMA

1.1 O QUE É SER MÃE? DEBATES SOBRE A MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA

Entendemos a maternidade problematizando e questionando normas sociais, discursos dominantes e construções culturais em torno do ser mãe. Nessa perspectiva, criticamos as essencializações e os papéis fixos atribuídos às mulheres, explorando como a maternidade é construída histórica, cultural e socialmente, privilegiando um olhar pós-estruturalista, que varia de acordo com diferentes contextos e discursos. Assim, essa abordagem permite desconstruir ideias rígidas e abrir espaço para múltiplas experiências e identidades relacionadas ao ser mulher e mãe.

Algumas autoras, embora não tenham concentrado seus estudos exclusivamente na maternidade, contribuem com teorizações fundamentais para repensar a maternidade como uma construção social e não como um destino biológico. Judith Butler (2004), por exemplo, com sua teoria sobre performatividade de gênero e desconstrução das normas de gênero. Donna Haraway (2016), com suas reflexões sobre gênero, ciência, tecnologia e pós-humanismo, oferece ferramentas teóricas para repensar a maternidade de maneira crítica e não essencialista, pensar além das dicotomias natureza/cultura e sujeito/objeto. Essas autoras, entre outras, oferecem ferramentas teóricas para enxergarmos a maternidade de forma mais plural e menos normativa. Portanto, entendemos a maternidade para além do gestar e parir, já que muitas mães não são mães biológicas de seus filhos e filhas. Também corroboramos uma visão crítica e desconstruída da maternidade, questionando as normas sociais, os discursos de poder e as expectativas culturais que cercam o ser mãe.

De acordo com Jane Russo e Marina Nucci (2020), a definição de maternidade é altamente variável, tanto ao longo da história quanto em diferentes culturas. Recentemente, dentro de um contexto específico de valores que pode ser descrito como ocidental, individualista e contemporâneo, houve uma mudança na percepção da maternidade. Desde meados do século XX, ela tem sido vista predominantemente como uma experiência que se desenrola principalmente no corpo e nas emoções da mulher, envolvendo a relação entre seu corpo (no caso das gestantes) e o da futura criança.

Ainda segundo as autoras, para uma mulher pertencente a camadas médias, letrada, psicologizada e feminista, a maternidade não é uma questão predefinida. Pelo contrário, há uma crítica ao papel tradicional atribuído à mulher, o que levou a uma reavaliação da maternidade. A decisão de ter ou não um/a filho/a agora é considerada uma escolha

individual, muitas vezes decidida apenas pela mulher e, por vezes, em conjunto com sua pessoa parceira.

No entanto, para uma mulher atleta, cujo corpo representa sua principal ferramenta de trabalho, o projeto da maternidade pode entrar em conflito com seus objetivos esportivos, fazendo com que ela reavalie ou postergue a decisão de tornar-se mãe. Ademais, essa questão pode suscitar inquietações quanto à idade apropriada para a gravidez, considerando que a biomedicina sugere que uma gestação com menores riscos ocorra antes dos 35 anos.

A reconfiguração da maternidade em idade considerada tardia exacerba tais tensões, sobretudo quando confronta o projeto de vida profissional e físico da atleta. Embora os avanços biomédicos possibilite gravidez por fertilização *in vitro* (FIV) após os 40 ou até 50 anos, esses procedimentos implicam altos custos. No contexto brasileiro, os custos financeiros associados à FIV são variáveis. Segundo Fernanda Bassette (2024), estudos abrangentes mostram que o custo pode variar de R\$ 15 mil a até R\$ 100 mil por ciclo, dependendo da tecnologia usada, número de tentativas e contexto da clínica. A esse peso financeiro soma-se um impacto emocional relevante, já que pacientes submetidas a falhas em tratamentos manifestam níveis elevados de depressão, ansiedade e risco de abandono precoce da terapia. Na esfera social, a infertilidade ou a dependência de alta tecnologia médica pode intensificar o estigma e produzir isolamento, pressionando ainda mais a mulher na interseção entre o desempenho atlético, as normas maternas e as expectativas sociais (Bassette, 2024). Portanto, ao problematizar a maternidade tardia sob a perspectiva da atleta, destacam-se três custos críticos: financeiro, emocional e social, os quais podem inviabilizar ou postergar o projeto materno, reforçando o caráter disciplinar das normativas sociais e biotecnológicas sobre os corpos femininos.

Em síntese, para a atleta, o adiamento da maternidade não representa apenas uma questão de calendário biológico, mas de cálculo complexo envolvendo o custo financeiro elevado, o peso emocional intenso e a pressão social normativa, especialmente à luz de um discurso maternal que, segundo Elizabeth Badinter (2011), pode ser mobilizado para disciplinar, fragilizar e limitar a agência feminina. Essa tríade de custos introduz um campo de incertezas e torna a decisão materna uma reavaliação profunda do próprio projeto de vida e identidade profissional.

A noção de corpo adotada aqui corrobora a que Sônia Maluf (2010) aborda a partir de uma perspectiva antropológica, destacando a importância do corpo como uma construção cultural e socialmente situada. Maluf argumenta que o corpo não deve ser compreendido apenas como uma entidade biológica, mas também como um fenômeno culturalmente

construído e socialmente significativo. Ela discute como diferentes culturas têm diferentes concepções e práticas relacionadas ao corpo, e como essas concepções e práticas são moldadas por fatores sociais, históricos, políticos e econômicos. Além disso, Maluf explora como o corpo é utilizado como um meio de expressão e comunicação, bem como um local de poder e controle dentro das sociedades. No geral, Sônia defende uma abordagem holística do corpo, reconhecendo sua complexidade e sua interação com o mundo ao seu redor, destacando a importância de se considerar o corpo dentro de seu contexto cultural e social mais amplo ao examinar questões relacionadas à identidade, poder, saúde, estética entre outras.

A respeito da excessiva carga de obrigações e atenções dirigidas às crianças, que se impõe majoritariamente às mulheres, recorro às contribuições de Elizabeth Badinter (1980), em sua obra "Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno", traduzida para o português brasileiro em 1995. Nesse livro, a autora sustenta que o conceito de amor materno, tido como uma predisposição natural e instintiva inerente a todas as mães constitui, na realidade, um artefato social desenvolvido ao longo da história ocidental. Sua proposição principal contesta a ideia de que o amor materno seja um instinto inato, propondo, ao contrário, que tal sentimento foi esculpido sob a influência de pressões sociais, culturais e econômicas, notadamente a partir do término do século XVIII.

Badinter explora como, antes dessa época, a responsabilidade pelos cuidados infantis era frequentemente delegada a amas de leite, parentes ou empregadas/os (no caso de famílias abastadas), sem que houvesse uma expectativa universal de que as mães sentissem um amor profundo e instintivo por seus/as filhos/as. A mortalidade infantil elevada, as duras condições de vida e a necessidade econômica de que pais e mães trabalhassem fora de casa (famílias pouco abastadas) contribuíram para essa realidade. No entanto, com as transformações sociais e econômicas, incluindo a ascensão da classe média; a valorização da família nuclear e as ideias iluministas sobre educação e infância; começou a surgir uma nova ideologia em torno da maternidade. Essa ideologia enfatizava o papel central da mãe no desenvolvimento emocional e moral da criança, promovendo a crença de que o amor materno era essencial para a saúde física e psicológica das mesmas.

Badinter argumenta que essa idealização do amor materno teve várias consequências. Em primeiro lugar, colocou uma pressão enorme sobre as mulheres para que se conformassem a um ideal muitas vezes inatingível, gerando sentimentos de culpa e inadequação em muitas mães. Em segundo lugar, ao definir a maternidade como a expressão máxima da feminilidade, limitou as oportunidades das mulheres e restringiu sua liberdade e individualidade, confinando-as ao âmbito doméstico e aos papéis tradicionais de gênero.

Por fim, Elizabeth critica essa idealização não apenas por suas implicações para as mulheres, mas também por como ela afeta a relação mãe-filha/o, podendo levar a expectativas irreais e relações familiares tensas. Ao desmistificar o amor materno como um instinto natural e inquestionável, ela convida a uma reflexão mais ampla sobre as normas sociais que moldam as experiências de maternidade, defendendo uma visão mais flexível e diversificada das relações familiares, em que o amor é entendido como uma construção que varia entre indivíduos e culturas, em vez de ser uma exigência biológica universal.

Fernanda Alzuguir e Marina Nucci (2015) destacam que é essencial questionar a concepção de instinto natural presente em narrativas que utilizam evidências científicas para justificar a ideia de humanização e a crença de que as mulheres são inerentemente ligadas à natureza. Contraditoriamente, essas narrativas revelam que a habilidade natural materna está enraizada em um determinismo biológico, cujas consequências na manutenção das desigualdades de gênero foram identificadas há muitos anos por estudos feministas.

A discussão sobre maternidade é um tema recorrente em estudos sobre família, mercado de trabalho e nas áreas de estudos feministas e de gênero. Estes últimos têm desempenhado um papel significativo no avanço dessa discussão. A crítica feminista e os estudos de gênero destacam especificamente como a maternidade é percebida socialmente como um instinto natural feminino, impulsionado por um forte imperativo moral, e evidenciam a desigualdade na distribuição do cuidado com as crianças entre homens e mulheres (Nucci, 2018).

No ambiente acadêmico brasileiro, o Movimento Parent in Science, estabelecido em 2016, marcou um ponto de partida crucial na abordagem da maternidade. Composto por mães e pais cientistas, esse movimento tem como objetivo incitar debates essenciais sobre a maternidade no cenário científico nacional. Por meio de suas ações e iniciativas, lança luz sobre uma questão há muito negligenciada.

Paralelamente, um número notável de coletivos voltados para a maternidade no meio docente e discente tem emergido nas universidades brasileiras. Trata-se de cerca de trinta coletivos de mães, atuando em diversas áreas de conhecimento, muitos dos quais surgiram como uma resposta aos desafios impostos pela pandemia de COVID-19 (Silva; Salvador, 2022). Esse movimento mais amplo não apenas reconhece a importância de abordar a maternidade no âmbito acadêmico, mas também destaca a urgência de agir.

A temática da maternidade e as experiências das docentes, pesquisadoras e estudantes imersas no contexto acadêmico-científico têm se transformado em foco fundamental para a pesquisa e produção de conhecimento, ressaltando a necessidade premente de investigar a

influência da maternidade nas carreiras científicas das mulheres, bem como de desenvolver políticas e estratégias que as apoiem nessa jornada.

O debate sobre a maternidade tem se expandido para outros campos sociais, como o mundo do trabalho e o universo esportivo. De acordo com Aline Walczak e Fabiane da Silva (2023) mulheres cientistas enfrentam dificuldades em equilibrar a maternidade com suas atividades profissionais devido à alta demanda de tempo e energia. Segundo Livia Viana-Meireles, Antônia Meyer e Juliana Camilo (2023) tanto na ciência quanto no esporte, a maternidade é frequentemente percebida como um obstáculo para a progressão na carreira. Em ambos os campos, há preconceitos relacionados à ideia de que a maternidade reduz a dedicação e a produtividade. A escassez de creches, a falta de flexibilidade de horários e políticas de licença-maternidade adequadas afeta tanto mulheres cientistas quanto atletas. No âmbito esportivo, há evidências claras de que as mãe-atletas enfrentam um impacto significativo com a chegada das/os filhas/os, já que frequentemente continuam a suportar a maior parte das responsabilidades relacionadas aos cuidados domésticos e com as crianças. Algumas instituições científicas e clubes esportivos começam a oferecer políticas de apoio, mas ainda há barreiras estruturais.

A pesquisadora Dagmar Meyer (2005) chamou de “politização contemporânea da maternidade” algumas ações e programas brasileiros que têm entre seus objetivos a promoção e inclusão social das mulheres, mas que pecam ao interpelarem a mulher e a mãe como um/a sujeito/a único/a, contrapondo-se a um dos principais esforços das teorizações feministas, os quais legitimam mulheres e mães como posições de sujeito/a distintas e socialmente construídas, que não necessariamente devem se sobrepor ou configurar como extensão uma da outra. Segundo Clarin Klein (2003), esse tipo de abordagem pode valorizar a capacidade de inserção da mulher-mãe no mercado de trabalho e na família, na qual segue assumindo a maior parte do trabalho, como cuidadora da casa e das/os filhas/os e como provedora do lar, garantindo a renda da família com o trabalho formal e, assim, naturalizando a ausência do homem-pai e legitimando uma “des-responsabilização” desse sujeito pela vida das crianças brasileiras, especialmente as mais pobres.

No mundo dos esportes, Julio Cezar Fetter (2020), em estudo no qual analisou narrativas biográficas de atletas olímpicas, observou que, concomitantemente à associação de uma identidade de mãe coerente com concepções padronizadas e hegemônicas de feminilidade, marca-se um período de desconstrução do padrão feminino, atribuindo novos adjetivos às mulheres. Neste sentido, a maternidade para as atletas brasileiras tem muitas representações, repercutindo de maneiras plurais nas carreiras dessas mães-atletas. Porém,

destaca que a questão da maternidade aparece impregnada nas narrativas das mulheres atletas como conjunto de conceitos da função social dada às mulheres também no esporte, diferentemente do que ocorre no discurso masculino. Ser pai parece não acarretar consequências diretas na vida esportiva de pais-atletas.

Brooke McGregor, Richard McGrath, Janette Young e Carmel Nottle (2023) realizaram um estudo de revisão de escopo que desenvolveu uma abordagem abrangente, combinando artigos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos, para analisar as experiências de gravidez e maternidade entre atletas de elite. Através da análise da literatura, foi possível desenvolver uma compreensão aprofundada que abrange aspectos biomédicos e sociológicos relacionados à vivência dessas atletas. Os estudos qualitativos revisados focaram em diversos fatores sociais que influenciam o retorno das mulheres ao esporte de alto rendimento. As participantes enfatizaram os papéis importantes desempenhados por outras pessoas significativas, particularmente parceiras/os, familiares e treinadoras/es, no apoio às suas atividades atléticas e de cuidado. O cuidado infantil foi identificado como uma barreira relevante para o treinamento e a competição em esportes de elite em diversas pesquisas qualitativas que abordaram as experiências de atletas femininas no período pós-parto. As/os autoras/es sugeriram a realização de mais investigações para determinar até que ponto o cuidado infantil representa um obstáculo importante em diferentes contextos esportivos, buscando entender os desafios específicos e identificar soluções potenciais para apoiar atletas de elite para uma carreira bem-sucedida.

No entanto, a equipe de pesquisa identificou algumas limitações nesta revisão de escopo. Uma delas foi que a maioria das participantes nos estudos desenvolvidos era casada e contava com apoio financeiro de seus parceiros, o que pode não refletir as experiências de mães-atletas solteiras ou sem suporte financeiro conjugal. Além disso, a literatura sobre as perspectivas de atletas LGBTQIAPN+ e para-atletas é escassa. A produção acadêmica sobre atletas de elite e gravidez tende a ser dominada por atletas de nações ocidentais anglo-saxônicas, resultando em uma sub-representação das perspectivas de atletas de origens não ocidentais e sul-americanas, o que evidencia a necessidade de estudos que considerem diversas culturas. Além disso, apesar dos esforços para realizar uma revisão abrangente, existe a possibilidade de que estudos relevantes não tenham sido identificados devido aos termos de pesquisa utilizados. Também podem ter ficado de fora da análise mães-atletas de esportes amadores e/ou não convencionais (McGregor; McGrath, Young; Nottle, 2023).

Segundo Guacira Lopes Louro (1995) as práticas esportivas não podem configurar um espaço regido por normas comportamentais de masculinidade e feminilidade, tampouco de

reprodução de papéis sociais culturalmente relacionados a homens e mulheres. De acordo com Silvana Volodre Goellner (2013) os estudos feministas e de gênero procuram desconstruir a naturalização das vertentes que afirmam que os corpos são obras da natureza. Tais estudos introduziram “gênero” como categoria analítica imprescindível para o entendimento de que as diferenças biológicas entre os sujeitos são constantemente acionadas para gerir formas de exclusão de pessoas e grupos no interior de redes de poder. A normatividade cultural também influencia diretamente nos papéis sociais atrelados às mulheres e aos homens, dificultando, muitas vezes, o acesso e a permanência das mulheres nos esportes de aventura e competitivos.

Historicamente, de acordo com Kelly Massey e Amy Whitehead (2022), os discursos e normas sociais influenciaram as decisões das atletas em relação à gravidez e à maternidade, em virtude de preocupações sobre as interferências em suas carreiras esportivas. Kerry McGannon, Jenny McMahon e Christine Gonsalves (2028) acreditam que discursos culturais sobre maternidade, relacionados ao esporte, podem interferir nas identidades de mães-atletas ao produzir diferentes efeitos resultantes, por exemplo, sofrimento, melhoria/redução psicológica e de desempenho e desengajamento esportivo. Além disso, mães-atletas enfrentam pressão adicional das expectativas sociais em relação à maternidade e aos desafios de equilibrar o treinamento de atletas de elite com seus papéis maternos. Segundo Margie Davenport e colaboradoras/es (2023), geralmente, mulheres atletas reproduzem uma narrativa social predominante que sugere que as mulheres devem escolher entre ser uma atleta de elite ou começar uma família.

Contudo, nos últimos tempos, houve uma mudança na mídia e nos discursos sociais sobre a maternidade de atletas femininas de elite. Os retornos bem-sucedidos ao esporte de elite por diversas atletas após o parto oferecem uma oportunidade relevante para uma investigação mais aprofundada (Massey; Whitehead 2022; Darroch *et al.*, 2022; Martinez-Pascual *et al.* 2014, 2016, 2017; McGannon *et al.* 2015, 2019, 2022). Entre as diferentes experiências de mulheres atletas e mães, esta pesquisa busca conhecer a especificidade das atletas de CA que já vivenciaram a experiência de ser mãe.

Na esfera cível, vislumbramos muitas lutas que ainda terão de ser travadas para o avanço e conquistas por direitos das mulheres atletas. Na Lei Geral do Esporte (nº 14.597), instituída em 14 de junho de 2023, apenas um parágrafo faz referência à maternidade, no capítulo II, o qual dispõe sobre as relações de trabalho no esporte, na seção III, subseção I, artigo 86, parágrafo 10: “*Os contratos celebrados com atletas mulheres, ainda que de natureza cível, não poderão ter qualquer tipo de condicionante relativo à gravidez, a licença-maternidade ou a questões referentes à maternidade em geral.*” Posteriormente, a Lei nº

14.614 de 2023 altera a Lei Geral do Esporte para complementar sobre maternidade e esporte, principalmente no contexto da Bolsa Atleta, visando garantir os direitos das atletas gestantes ou puérperas, assegurando o recebimento do benefício, permitindo que as atletas gestantes ou puérperas continuem a receber a Bolsa Atleta durante o período da gestação e por até seis meses após o nascimento, com possibilidade de renovação: *“Altera a Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023 (Lei Geral do Esporte), para garantir às atletas gestantes ou puérperas, no âmbito da Bolsa-Atleta, o respeito à maternidade e aos direitos que as protegem. Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023 - Institui a Lei Geral do Esporte”*.

No Brasil, as lutas das mães-atletas de esportes competitivos vêm acontecendo ao longo do tempo de maneira individual. No voleibol, por exemplo, a atleta Tandara ganhou na justiça uma disputa com seu clube à época, em dezembro de 2014, quando defendia a equipe de Uberlândia (MG). Com o afastamento da quadra por conta da gravidez, Tandara passou a receber apenas a parte do salário que constava na carteira de trabalho, que correspondia a 0,5% do salário total previsto no contrato (GE/GLOBO, 2023)⁵. No âmbito do esporte coletivo de alto nível, Sams Forsyth *et al.* (2023) salientaram que a questão da assistência infantil constitui um desafio para os treinadores ao selecionar mães-atletas. As/os treinadoras/es manifestaram dúvidas sobre a capacidade das atletas com filhos de encontrar apoio adequado para a criança durante os jogos, o que refletiu em uma menor probabilidade de escolha dessas jogadoras. Essas descobertas evidenciam a relevância de considerar fatores sociais, como a assistência infantil e o apoio financeiro, para facilitar o retorno exitoso de atletas de elite às suas modalidades específicas após a gravidez.

Diante desse cenário de tensões entre exigências esportivas e responsabilidades maternas, torna-se fundamental ampliar o debate sobre como a maternidade incide nas práticas, trajetórias e subjetividades de mulheres atletas. A partir das disputas por direitos, das experiências individuais e das transformações discursivas em curso, evidencia-se a urgência de compreender de que modo mães-atletas vêm desafiando normas e reconfigurando sentidos hegemônicos tanto da maternidade quanto do esporte de alto rendimento.

1.2 MATERNIDADE E ESPORTES COMPETITIVOS

Logo após a largada me bateu um sentimento de “o quê que eu estou fazendo

⁵ MÃES do vôlei: gravidez planejada, preocupação com a carreira e luta por direitos trabalhistas. GloboEsporte.com, 2020. Disponível em <https://ge.globo.com/volei/noticia/maes-do-volei-gravidez-planejada-preocupacao-com-a-carreira-e-luta-por-direitos-trabalhistas.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2023.

aqui?!”. Me senti um pouco culpada, tipo a mãe desnaturada que abandona o filho [...] (Mãe-atleta da pesquisa de Silva; Mourão; Bandeira, 2020).

A epígrafe foi retirada do relato de uma mãe, atleta de CA, sobre sua participação na etapa do campeonato mundial da modalidade. A narrativa da atleta demonstra que, apesar de ser possível conciliar maternidade e esporte de *endurance* de alto rendimento, há muitas barreiras a serem enfrentadas pelas mães-atletas na nossa sociedade (Silva; Mourão; Bandeira, 2020).

Segundo Emma Belforth (2013), algumas atletas retornam às competições de alto rendimento após o parto, obtendo ótimos resultados; entretanto, elas representam uma minoria. A autora comenta que muitas mulheres acabam não retornando aos esportes competitivos depois de dar à luz.

Ariadne L’Heveder *et al.* (2022), Sian L. Beilock, Deborah L. Feltz e James M. Pivarnik (2001), bem como Sams Forsyth *et al.* (2023), analisaram os fatores sociais que podem influenciar o retorno de atletas de elite à prática esportiva de alto rendimento após a maternidade. Entre esses fatores, destacam-se o acesso limitado a creches, a perda de rendimentos financeiros e a privação de sono durante o período pós-parto, os quais podem comprometer a capacidade dessas atletas de treinar adequadamente e se recuperar.

Beilock, Feltz e Pivarnik (2001) constataram que 76% das atletas de elite participantes de seu estudo, de modalidades como natação, atletismo e corrida, relataram que a principal dificuldade enfrentada no retorno aos treinamentos, após o parto, foi a ausência de acesso a creches. De forma semelhante, Forsyth *et al.* (2023) identificaram que as questões financeiras representam um obstáculo recorrente entre mulheres atletas do futebol de elite em diferentes países, especialmente pela inexistência de pensão alimentícia, dificultando o retorno ao esporte profissional após a gravidez. Trata-se de um tema pouco estudado e explorado na literatura, portanto há necessidade de ampliar o conhecimento nesse campo de investigação sobre a maternidade das atletas no esporte competitivo.

Segundo Gisele Schwartz *et al.* (2013), no âmbito dos esportes de aventura, ao longo da história, algumas mulheres têm conseguido superar as barreiras impostas culturalmente para ingressar nesse campo, o qual abrange diversas modalidades. Contudo, sua presença nesse contexto ainda é, em grande medida, invisível, e as conquistas alcançadas por elas representam uma fração mínima diante dos inúmeros desafios que ainda precisam ser superados.

E quando a mulher é mãe? Posso responder que, quando a mulher assume o papel de

mãe, os desafios se intensificam e multiplicam consideravelmente. Como esclarecido anteriormente, meu interesse por este tema de pesquisa surgiu ao concluir minha dissertação de Mestrado, intitulada “Memórias de Atenah: trajetórias de mulheres brasileiras na corrida de aventura”, na qual, dentre diversos achados, foi sugerido que o envolvimento de mulheres nas CA poderia ser comprometido pelo casamento e pela maternidade (Silva, 2018). Naquele momento, eu mesma havia recentemente me tornado mãe, circunstância que me distanciou temporariamente das competições. Atualmente, meu filho tem oito anos, e estou retomando os treinamentos e participando de competições quase com a intensidade e frequência desejadas, mas não como mantinha antes da maternidade.

A pesquisa realizada durante o curso de Mestrado, juntamente com minhas experiências pessoais, fundamenta a afirmação de que as mulheres enfrentam numerosos obstáculos para marcar presença na CA. É crucial reconhecer que essas barreiras transcendem os desafios financeiros, logísticos, de preparação física e de disponibilidade de tempo para treinamento, comuns a muitos atletas. As dificuldades enfrentadas pelas mulheres frequentemente estendem-se para além do âmbito esportivo, englobando dimensões sociais, tais como a necessidade de negociar com familiares e outros grupos de apoio sua participação nas competições; a espera por um convite de um capitão ou uma capitã de equipe – frequentemente homens – para competir; e a obrigação de apresentar condição física adequada, considerando que as equipes tendem a selecionar mulheres com maior nível de treinamento no esporte.

A partir dos resultados desta pesquisa, constatamos que, para uma mulher se tornar atleta de CA, é necessário que ela desfrute de liberdade e independência, além de possuir recursos financeiros e tempo disponível para se dedicar ao treinamento e às competições. Tal condição parece conflitar com a realidade vivenciada pela maioria das mulheres casadas, sobretudo as que são mães. Em nossa sociedade patriarcal, as mulheres que possuem autonomia dentro do casamento, incluindo a capacidade de tomar decisões sem interferência do marido, constituem uma minoria. Esses achados sugerem que o casamento e a maternidade podem estar associados às dificuldades enfrentadas pelas mulheres para se manterem competitivas no contexto esportivo da CA de alto rendimento.

Segundo a antropóloga Lia Zanotta Machado (2020), o patriarcado contemporâneo consiste em um conjunto de discursos normativos que naturalizam a família como estrutura básica, na qual o homem adulto ocupa a posição central e suas atividades são consideradas superiores. Esse sistema impõe a submissão das mulheres e das crianças, relegando às mulheres os papéis de filha, esposa e mãe, e impondo uma "natureza materna" que atua de

forma violenta contra o sexo feminino. Outros autores e autoras, embora não tenham estudado diretamente o patriarcado, podem contribuir nesta discussão com suas teorizações sobre o poder do discurso normativo. Nesse sentido, Michel Foucault destaca:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância [...]. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (Foucault, 2014, p. 9-10).

Pierre Bourdieu, em sua obra intitulada *Le pouvoir symbolique*, de 1989, também abordou a questão do discurso, destacando-o como o principal instrumento utilizado pelos grupos dominantes para estabelecer e perpetuar uma visão hierárquica do mundo. Segundo ele, a falta de consciência por parte dos dominados sobre a tendenciosidade do discurso é o que assegura sua subordinação.

Na perspectiva dos discursos normativos no âmbito esportivo, segundo Ludmila Mourão (2000), observamos que as mulheres continuam a enfrentar avaliações desfavoráveis e limitantes em relação à sua presença no espaço público do esporte. Apesar disso, muitas de nós buscamos conciliar as responsabilidades cotidianas, como o trabalho e os estudos, bem como os cuidados domésticos, que incluem cuidar do lar e da família, a fim de nos envolvermos em atividades de aventura na natureza. Essa escolha nos coloca diante de barreiras sociais e limitações de disponibilidade de tempo, por exemplo. Assim, considero-nos transgressoras, borrando a norma da natureza selvagem como um lugar inapropriado para as mulheres, de acordo com Bárbara Humberstone (2007), um lugar de masculinidade hegemônica, dominado por homens, frequentemente heterossexuais e “não negros”, espaços nos quais, historicamente mulher é o “outro”.

Nesse cenário, ao ocuparmos espaços historicamente dominados por homens, desafiamos não apenas os discursos que regulam a presença de mulheres no esporte, mas também os modos de subjetivação que operam sobre nossos corpos e práticas, além de instauramos fissuras nas normas de gênero que ainda estruturam o imaginário esportivo. Assim, é necessário problematizar como os discursos de controle e normatização incidem sobre o corpo materno e compreender como ele é atravessado por regimes de saber-poder que

buscam governar e disciplinar suas experiências no esporte e na vida social.

1.3. CORPO DE MÃE E BIOPODER

A maternidade ainda está permeada por discursos normativos, forjando um padrão de mãe como mais adequado e legítimo. Michel Foucault denominou de “biopoder” o conjunto de discursos reguladores/normativos da saúde e do comportamento humano. Revestido de cientificidade, o poder da norma incide sobre os corpos e subjetividades com sua política terapêutica, com intuito de corrigir os desvios. Esse poder forja formas corretas de condutas, categorias identitárias de gênero e de sexualidade. A biopolítica é a forma política e racionalidade de governo que utiliza o biopoder como técnica de controle (Foucault, 2022).

Paul Rabinow e Nikolas Rose (2006) sugerem que o conceito de biopoder busca a individualização de estratégias e configurações que combinam três dimensões: discurso de verdade sobre os seres vivos; conjunto de autoridades consideradas competentes para falar aquela verdade; estratégias de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte. Os autores apresentam tais elementos a partir de breves formulações de Foucault em torno do conceito, porém enfatizam que seu principal lugar de investigação era histórico. De acordo com eles, seria um equívoco simplesmente projetar as análises foucaultianas das formas de poder no século XVIII e sua transformação no século XIX para o nosso contexto e suas possibilidades. Uma mutação básica está relacionada ao que se poderia denominar de polos macro e micro dessa modalidade de biopoder: de um lado, as ênfases e relações sobre os modos de pensar e agir ao nível dos grupos populacionais e coletividades; do outro, a individualização de estratégias biopolíticas.

No século XX, os Estados não apenas desenvolveram ou apoiaram mecanismos de segurança, mas também organizaram as arestas da provisão médica, especificaram e regularam padrões de habitação, engajaram-se em campanhas de educação de saúde, impuseram controles de imigração, incentivaram esterilizações compulsórias ou quase compulsórias, legitimaram orientações eugênicas sobre o casamento e a procriação etc. Muitas dessas configurações permanecem nos novos tempos e parecem possuir uma estratégia ‘micro’, por exemplo, a transformação dos lares em máquinas para a saúde, a educação e a requisição de mães como trabalhadoras auxiliares no cuidado com as crianças (Rabinow; Rose, 2006).

Dessa forma, a família configurou-se como célula de normalização e produção de sujeitos disciplinados, dóceis e úteis (Foucault, 2002). Dentro dessa perspectiva, o amor

materno é forjado como natural e incondicional, instituindo rígidos contornos sobre os corpos das mães. A boa mãe, como critica Valeska Zanello (2018) deve ser primorosa e dedicada dona de casa, características essas que são atribuídas à verdadeira prova de feminilidade, de ser mulher.

As políticas de enfrentamento às epidemias também são exemplos de biopoder. No Brasil, em 2016 e 2017, observamos o enfrentamento à Zica, quando o controle da natalidade se tornou mais rigoroso e os corpos de mães e bebês foram monitorados. Recentemente, vivenciamos a pandemia de Covid-19, na qual a forma de viver foi afetada radicalmente.

Entretanto, Achille Mbembe (2003) argumenta que o conceito de biopolítica foucaultiano não é suficiente para compreender formas de soberania que se organizam fundamentalmente em torno da capacidade de decidir sobre a morte. Assim, Mbembe propõe a ideia de “necropolítica”, a partir do conceito de biopolítica, para dar conta de contextos em que o exercício do poder se dá por meio da exposição de grupos sociais à morte, à violência e à exclusão absoluta. O autor enfatiza que, em regimes coloniais, no contexto do *apartheid* (ou mesmo pandêmicos), e nas sociedades marcadas por racismos estruturais, o poder não apenas regula a vida, como descreveu Foucault, mas exerce de modo brutal o direito de matar, de abandonar à morte, ou de permitir que certas vidas sejam consideradas “matáveis”.

Silvio Almeida (2021), ao trazer a necropolítica para o debate com o neoliberalismo, reforça essa crítica ao conceito de biopolítica. Para ele, o neoliberalismo intensifica as lógicas necropolíticas, uma vez que submete toda a vida social à lógica do mercado, desresponsabiliza o Estado das garantias básicas de existência e transforma a morte de determinadas populações (especialmente pobres, negras e periféricas) em algo banalizado, naturalizado. Almeida concorda com Mbembe que Foucault, embora tenha revelado mecanismos importantes do poder, não considerou suficientemente aspectos como etnia, racismo e colonialismo na constituição do poder moderno. Nesse sentido, os debates em torno da necropolítica permitem abordar questões interseccionais, como, no campo da maternidade (foco desta análise), os desafios vivenciados por mulheres negras, pobres e periféricas que exercem a maternagem.

Dessa forma, ao ampliarmos o debate foucaultiano por meio das contribuições das autoras e autores supracitados/os, reconhecemos que as experiências maternas não se distribuem de forma homogênea, mas são profundamente atravessadas por marcadores sociais como raça, classe e território. As maternidades de mulheres negras, pobres e periféricas, frequentemente deslegitimadas ou negligenciadas, revelam como o exercício do poder pode operar não apenas pela regulação da vida, mas também pela exposição sistemática à morte e

ao abandono. Essas experiências evidenciam que a maternidade, longe de ser uma vivência neutra ou universal, é também um campo de disputa política e de produção de subjetividades. Nesse contexto, torna-se essencial discutir o "Dispositivo da Maternidade", compreendendo como ele articula saberes, normas e práticas que regulam os corpos, os afetos e as condutas das mulheres, naturalizando papéis e desigualdades sob a aparência de cuidado, amor e vocação.

1.3.1 Dispositivo da Maternidade

A maternidade enquanto condição que atravessa múltiplos corpos interpelando formas de conduta pode ser compreendida como um dispositivo. A ideia de dispositivo se configura como a rede de elementos; saberes, práticas, discursos, normas, instituições, cujo objetivo é gerir, governar, controlar corpos e subjetividades para que se tornem úteis e adequados a uma determinada sociedade. Tais corpos constituem-se máquinas de produção de subjetivação, máquinas de governo (Foucault, 2006).

Foucault entende que a constituição e manutenção de um dispositivo abarca um duplo processo. O primeiro é a “sobredeterminação funcional”, na qual uma realidade é engendrada por uma multiplicidade de coisas e seus efeitos estabelecem uma relação de ressonância ou de contradição, exigindo uma rearticulação ou reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente. O segundo processo é o de “perpétuo preenchimento estratégico”, o qual mantém o dispositivo em permanente atualização em busca de reutilizar os efeitos imprevisíveis com finalidades políticas e econômicas (Foucault, 2006). Segundo Aline Matias, Maria Antonella Barone e Alexandro Rodrigues (2021), este último processo foi fundamental na constituição e manutenção do dispositivo da maternidade, pois foi responsável pela articulação dos saberes, biológico, médico, religioso e moral, atribuindo aos corpos das mulheres uma finalidade, tendo como efeito a reclusão ao ambiente doméstico.

Pensar a maternidade como dispositivo é compreender que ele recobre todo campo social, afetando todos os corpos, ainda que de forma desigual, reafirmando como devem ser, agir, comportar, relacionar, cuidar... Composto pelo saber médico e teológico, esse dispositivo opera como um conjunto de elementos que constroem os corpos a se manterem nos limites impostos das identidades. O dispositivo da maternidade não interpela somente os corpos categorizados como “mulher”: múltiplos corpos são atravessados por esse dispositivo biopolítico (Matias; Barone; Rodrigues, 2021).

Segundo Kleber Prado Filho (2012), o que nos mantém atrelados aos poderes do

dispositivo da maternidade é o jogo da norma, o qual abrange práticas sutis que envolvem “moralizações, normalizações, jogos de verdade, regulações das condutas cotidianas, pequenas conduções do/pelo outro, governo ético sobre si mesmo, estetizações e trabalho sobre si mesmo” (Prado Filho, 2012, p. 112).

Compreender a maternidade como um dispositivo permite evidenciar como ela opera, não apenas como experiência íntima e afetiva, mas como uma engrenagem estratégica de regulação social que incide sobre os corpos, moldando condutas, afetos e modos de ser. Seus efeitos ultrapassam os limites do privado, convocando sujeitos a se conformarem a normas históricas que definem o que é ser mãe, como agir, sentir e cuidar, muitas vezes de forma desigual, seletiva e excludente. No entanto, é justamente nas brechas desses mecanismos que emergem possibilidades de resistência. Nesse sentido, as experiências de mulheres em práticas esportivas ao ar livre, especialmente as mães-atletas, revelam modos de subversão dessas normas, reconfigurando sentidos atribuídos à maternidade e aos corpos femininos.

1.4 MULHERES *OUTDOOR*⁶ E RESISTÊNCIA DAS MÃES-ATLETAS

Os padrões de comportamento que prescrevem o papel social das mulheres, bem como aspectos culturais, esportivos, econômicos e demográficos, vêm sofrendo modificações nas últimas décadas. Houve o surgimento de uma nova identidade feminina e consequentes mudanças no modelo de estrutura familiar, em sua inserção no espaço público e no lazer.

Nos anos 1960, observou-se uma onda global de revolta política e cultural, causando grande impacto no campo do pensamento social, culminando em múltiplas insatisfações com teorias que canalizavam a explicação dos problemas e suas soluções no âmbito das relações econômicas, ignorando o conjunto das relações sociais. Segundo Loreley Garcia (2012), esse momento histórico foi marcado por movimentos e manifestações que levaram à reflexão sobre o papel do social, do cultural e dos/as sujeitos/as no interior das estruturas de poder.

A partir da década de 1970, encontramos uma forte expansão da participação das mulheres no mercado de trabalho, especialmente entre as mais escolarizadas. Juntamente com essa nova realidade, pode-se destacar o dilema existente na relação entre engajamento da mulher no mercado de trabalho e maternidade. Estudo de Lisandra Moreira e Henrique Nardi

⁶ O termo *outdoor*, de origem inglesa, tem sido incorporado ao vocabulário esportivo para designar práticas realizadas ao ar livre, em ambientes naturais e fora de espaços esportivos convencionais. Neste estudo, utilizo “mulheres *outdoor*” para referir-me às mulheres que se dedicam a esportes *outdoor* (como corrida de aventura, *trekking*, *surf*, *snowboard*, *mountain bike*, canoagem entre outros) cujas experiências são atravessadas por desafios específicos relacionados ao corpo, à performance e à maternidade.

(2010) sobre trajetórias de vida de mães trabalhadoras as enuncia como “equilibristas”, na tarefa de articular suas atividades cotidianas.

Portanto, apesar dos discursos normativos, há uma diversidade de marcas sociais e diferentes contextos que posicionam as subjetividades das mulheres. Percebemos, assim, diferentes maneiras de lidar com a norma da maternidade, ou seja, mães não são “todas iguais”. Mostrando a diversidade nas formas de ser mãe, é possível desconstruir os discursos nocivos das diferentes *performances* de mães (Moreira; Nardi, 2009).

Segundo Ludmila Mourão (2000), a partir da década de 1980, o aumento da participação das mulheres passa a ser encontrado também nas práticas esportivas, embora ainda com certa timidez. O dilema do engajamento da mulher-mãe em outras atividades que não a de ser mãe era ainda maior no esporte, na medida em que as atletas acreditavam que a maternidade era uma decisão que interromperia suas carreiras. Hoje, já encontramos outra realidade envolvendo as mulheres, o esporte e a maternidade, na qual o esporte aparece como um aliado. Simone Daiane, atleta do atletismo que coleciona títulos como campeã pernambucana e do Norte/Nordeste nas provas de revezamento de 1500 e 5000, declarou em entrevista: *“O esporte me ajudou na maternidade a não ter medo de viver essa nova vida. Me proporcionou mais força. Na experiência como atleta, a maternidade me ensinou a ser mais forte. Meu filho me encoraja a cada competição e me sinto mais firme”* (Lima, 2018). Destarte, mesmo com a rotina cansativa e com a cobrança social de que a mulher anule todas as suas outras tarefas em prol da vivência da maternidade plena, elas acreditam que a experiência da maternidade aliada ao esporte as torna mais capacitadas. Entretanto, estudo de Kerry McGannon, Christine Gonsalves, Robert Schinke e Rebecca Busanich (2018), sugere que mães precisam fazer “malabarismos” para manter a prática esportiva, o trabalho e os cuidados com os filhos.

Mais mulheres estão combinando com êxito a maternidade com carreiras atléticas de alto rendimento. Ainda assim, para muitas delas, a gestação e a maternidade são frequentemente uma das principais razões pelas quais interrompem suas trajetórias esportivas. As pesquisas qualitativas internacionais sobre o tema costumam destacar os aspectos sociais que influenciam o retorno de mães-atletas ao esporte de elite, incluindo a disponibilidade de creches e o acesso à licença-maternidade (McGregor; McGrath; Young; Nottle, 2023).

Lucy Spowart, Lisette Burrows e Sally Shaw (2016), em estudo que utilizou conceitos foucaultianos de governamentalidade e tecnologias do eu, mostraram que mães praticantes de snowboard na Europa enfrentam julgamentos sobre os riscos e moralidade de sua escolha, mas encontram no esporte um espaço para prazer e autoafirmação. Essas mulheres

reconstróem suas identidades maternas, resistindo a expectativas tradicionais por meio de práticas esportivas na natureza.

Outra pesquisa, também no contexto europeu, a qual investigou mães praticantes de *surf*, mostrou que elas superaram as expectativas sociais criadas pelo que as autoras chamaram de “ideologia da maternidade” e redefiniram o significado de “boa mãe”. O estudo também encontrou que o apoio de parceiros e membros da família é essencial para a permanência das mães nesse esporte (Spowart; Burrows; Shaw, 2010).

Karen Appleby e Leslee Fisher (2009) conduziram nos Estados Unidos uma pesquisa que investigou a experiência de mães-atletas à luz de uma perspectiva feminista crítica (não especificada), a qual revelou que corredoras de elite de longa distância, ao retomarem a competição em alto nível após a gravidez, passaram por um processo transformador ao conciliarem seus novos papéis maternos com a incorporação desse novo estilo de vida, articulando-o tanto com o discurso social sobre a maternidade quanto com seus próprios propósitos de permanecerem atuantes no esporte de alto rendimento. Em suma, as participantes afirmaram que passaram a equilibrar objetivos esportivos com responsabilidades maternas, aceitando que o desempenho poderia não ser o mesmo ou que a carreira teria de ser ajustada, contudo, apesar das dificuldades, muitas delas relataram que a maternidade trouxe um sentido de força e resiliência, que também impactou positivamente sua motivação esportiva.

Emma Belforth (2013) estudou mães-atletas suecas de elite em esportes de *endurance*. Os dados de sua pesquisa foram analisados utilizando Bourdieu (2012) e seu conceito de “Habitus” e de “Campo”. A autora concluiu que as mães têm um forte “habitus” esportivo, mas dividem partes de suas identidades do esporte, já que este não é mais o único capital social; o amor e a relação com os filhos configuram um novo e importante capital social, mas que contribui de uma forma positiva para o seu campo nos esportes.

Estudos de Yvette Miller e Wendy Brown (2005) evidenciam que as normas culturais de uma “boa mãe” e os cuidados “ideais” com as/os filhas/os podem dificultar o engajamento em atividade física por parte das mulheres. Essas perspectivas normativas enfatizam que as mulheres devem cuidar das crianças e colocar as necessidades da família acima das suas próprias.

Esses achados sugerem que o casamento e a maternidade são uma barreira de gênero para as mulheres seguirem em diferentes esferas esportivas e também na carreira de corrida de aventura. Entre as diferentes experiências de mulheres atletas e mães, esta pesquisa busca conhecer a especificidade das atletas de CA que já vivenciaram a experiência de ser mãe. Nos

depoimentos seguintes, em ocasião da exibição do *reality show* de corrida de aventura Eco-Challenge, ocorrido nas Ilhas Fiji em 2019, há pistas sobre os dramas e expectativas vividos pelas mães nas CA:

Faz tempo que não fico tão nervosa como estou com essa corrida. Há pouco tempo eu estava sentada no sofá amamentando o dia todo. Meu filho tem oito meses e meio. Não sei como vou me sair fisicamente, mas seria legal se outras mulheres se inspirassem a participar depois de ter filhos, sabendo que é possível (Sophie Hart, atleta da Nova Zelândia).

Estou velha demais. Fico melhor em casa com meus três filhos. Aqui não. Chega de corridas. Corrida de aventura é muito difícil. Tenho três filhos. Estou terminando meu doutorado em bioquímica. Tenho três empresas. Sou bombeira profissional. Não me coloque nessas coisas. Mas então você pensa: Por quê não? [...] É a vida. E eles também precisam crescer assim, olhar e ver os pais competindo e tendo essas experiências. Durante todos esses anos como bombeira ou competindo em muitas corridas, sempre fui minoria como mulher. Sempre havia poucas mulheres [...] Peço que mais mulheres, mais meninas tenham a oportunidade. Se podem ser capitãs de equipe em uma CA, por quê não? (Emma Roca, capitã da equipe espanhola Summit).

Observamos que a maternidade impõe transformações profundas na vida das mulheres, afetando não apenas a dinâmica familiar e as escolhas pessoais, mas também a continuidade da prática esportiva. Ao conciliar responsabilidades reprodutivas com altas exigências físicas e competitivas, as atletas frequentemente enfrentam interrupções no treinamento, escolhas de pausas para gestação e recuperação. Essas mudanças impactam a carreira, mas ao mesmo tempo promovem resiliência, redefinição de objetivos e criação de novas narrativas de sucesso. Políticas de apoio como licença parental, estrutura de treino adaptada, acesso a serviços de saúde de qualidade são cruciais para sustentar a participação de mães no esporte e para ampliar a representatividade das mulheres demonstrando que a maternidade pode coexistir com continuidade e evolução na vida esportiva.

2 A CORRIDA DE AVENTURA

De acordo com Caco Fonseca (2017), as competições de CA apresentam uma logística complexa devido às longas distâncias envolvidas e à quantidade de modalidades e equipamentos necessários. Trata-se de um esporte de alto custo financeiro, tanto para organizadores e organizadoras de provas, quanto para atletas. A prática da CA demanda um elevado preparo físico e psicológico, além de um espírito de equipe bem desenvolvido. Segundo Wladimir Togumi⁷ (2017), os competidores e competidoras precisam estar prontos/as para enfrentar diversas dificuldades e adversidades naturais.

As provas de CA podem ser categorizadas de acordo com sua duração. Existem as provas curtas, que geralmente têm entre 4 e 12 horas de duração, com um percurso médio de 50 a 100 quilômetros (km); as provas médias, que duram de 24 a 40 horas, com um percurso médio de 100 km a 200 km; e as provas de expedição (*Expedition Races*), que podem se estender por dois até dez dias. A mais longa prova registrada até o momento foi o Raid Galouises em 2002, no Vietnã, que durou 13 dias, com um percurso de 1.000 km (Togumi, 2017).

As regras das competições podem variar de acordo com a organização da prova, considerando a especificidade do local do evento e as condições climáticas. Não há uma ordem fixa para as modalidades nas competições, como no caso do triatlo, nem há limites estabelecidos para as distâncias. Uma prova pode começar com canoagem, outra com mountain bike (MTB), por exemplo. As modalidades podem se repetir e alternar várias vezes ao longo da competição. Cada trecho ou seção da prova é denominado "perna". Uma competição pode incluir múltiplas pernas de trekking, canoagem ou MTB.

As competições de CA ocorrem frequentemente em ambientes de natureza exuberante e pouco explorados pela ação humana. Conforme dados disponíveis no site da Adventure Race World Series (ARWS), as corridas integrantes do circuito mundial têm, em média, duração de uma semana. Os organizadores e organizadoras dessas competições esforçam-se para desenvolver percursos que proporcionem aos/às competidores/as a oportunidade de apreciar belezas naturais, bem como entrar em contato com as comunidades e a cultura local (ARWS, 2016).

Quanto à dinâmica das competições, elas são realizadas de forma contínua, ou seja,

⁷ Wladimir Togumi é um fotógrafo e comunicador esportivo de São Paulo responsável pelo Adventuremag, portal focado em esportes de aventura, montanhismo, escalada e atividades ao ar livre. Togumi participa da cobertura de corridas de aventura desde o surgimento do esporte no Brasil e é uma figura muito querida e conhecida no meio.

contra relógio; dessa forma, as equipes devem planejar suas estratégias de descanso e sono. Em algumas competições, especialmente nas expedições mais longas, são estabelecidos “dark zones” (zona de escuridão), onde há uma parada obrigatória para descanso, determinada pelo/a diretor/a da prova, caso uma seção específica apresente riscos elevados para ser percorrida à noite. Essas paradas são mais comuns em seções de canoagem em corredeiras ou em trechos que exigem técnicas verticais. Entretanto, o tempo de competição continua a correr enquanto as equipes aguardam o término da “dark zone”, sendo o descanso a única vantagem obtida (ARWS, 2016).

Antes do início da competição, as equipes recebem um mapa do terreno, geralmente na véspera ou algumas horas antes da largada. Este mapa indica os postos de controle (PCs), que são pontos obrigatórios de passagem para as equipes. É imperativo que toda a equipe passe junta por esses pontos; a omissão de qualquer PC resulta na desqualificação da equipe ao final da prova.

O percurso não é demarcado previamente. A rota escolhida pelas equipes depende exclusivamente da habilidade em navegação das equipes. Nas CAs, equipes com bons navegadores têm significativas chances de sucesso. Para orientação, as equipes utilizam um mapa e devem passar pelos PCs nele indicados. No terreno, cada PC é marcado por uma bandeira de controle ou por um/a fiscal, e a equipe utiliza um perfurador disponível no local para marcar seu cartão de controle, comprovando sua passagem. Cada PC possui um perfurador com padrão de furos único, permitindo que a organização do evento verifique, ao final, se a equipe completou todos os PCs. Alguns PCs são físicos, com um/a membro/a da organização registrando a passagem das equipes. Outras provas empregam PCs virtuais, nos quais as equipes devem tirar uma fotografia (com câmeras digitais, já que celulares são proibidos) como prova de passagem.

As CAs destacam-se como um dos raros esportes que permitem a participação de equipes novatas e profissionais no mesmo percurso, tendo como principal objetivo sua conclusão. Comumente, essas corridas incluem três modalidades principais de locomoção: a canoagem, praticada tanto em águas marinhas quanto em rios com corredeiras; o *mountain bike* (MTB), realizado em estradas de terra, trilhas e ocasionalmente em vias asfaltadas; e o *trekking*, que pode ocorrer em montanhas, desertos ou na travessia de matas densas, rios volumosos, ou mesmo na caminhada por leitos de rios, escaladas e descidas de penhascos, variando conforme a rota escolhida pela equipe. É frequente a incorporação de modalidades adicionais ao longo do percurso, como cavalgada ou esqui, algumas das quais representam a única maneira de alcançar o próximo PC, refletindo a cultura e os ambientes locais. Os

diretores e diretoras de prova esforçam-se para desenhar um percurso novo e desafiador em cada evento, visando proporcionar experiências únicas e atraentes para as equipes (ARWS, 2016).

Ao concluir cada etapa, as equipes chegam a uma área de transição (AT), onde podem reabastecer-se, trocar de equipamentos e preparar-se para a próxima etapa. Os suprimentos e equipamentos para o reabastecimento são previamente organizados em uma caixa ou saco pela equipe e transportados até a transição pela organização do evento, o qual não permite auxílio externo. Assim, a ausência de qualquer item necessário na caixa obriga a equipe a prosseguir sem ele. O relógio não é interrompido durante as AT, fazendo com que o tempo de permanência nessas áreas dependa da estratégia de cada equipe. As equipes avançam continuamente pelo percurso, definindo estrategicamente momentos para descanso, que geralmente ocorrem por alguns minutos predeterminados e, normalmente, isso envolve repousar diretamente no solo.

Este aspecto estratégico da competição inicia-se ainda antes da largada, com a necessidade de um planejamento detalhado da logística e da organização dos suprimentos e equipamentos nas caixas na véspera da prova. As corridas não contam com equipes de apoio, exigindo que os/as atletas sejam autossuficientes na gestão de equipamentos, alimentos e cuidados pessoais ao longo do evento. O vasto leque de equipamentos necessários inclui bicicletas, capacetes, remos, coletes salva-vidas, equipamentos para técnicas verticais, vestuário, equipamentos de segurança, além de alimentos e água.

As provas de expedição, em particular, apresentam alto grau de dificuldade, com poucas equipes conseguindo completar o percurso inicialmente proposto. Para preservar o espírito de aventura, a organização pode redirecionar as equipes para um percurso alternativo mais curto, permitindo-lhes cruzar a linha de chegada dentro do tempo limite. Esse procedimento é conhecido como "corte". As equipes que seguem o percurso alternativo continuam na competição, mas são classificadas após aquelas que completaram o percurso integral. Concluir uma expedição, seja pelo percurso completo ou pelo alternativo, é frequentemente visto como um objetivo principal para a maioria dos/as atletas, marcando um momento significativo em suas vidas (ARWS, 2016).

A preparação para as CAs demanda a formação de equipes com meses de antecedência, além de financiamento, equipamento e treinamento intensivo em habilidades específicas de alto risco. Os/as atletas devem equilibrar o treinamento com compromissos profissionais e familiares, enfrentando desafios como privação de sono, dor, perda de peso, doenças, lesões, condições climáticas extremas e terrenos hostis.

A autogestão de alimentos, água e equipamentos em áreas remotas e desconhecidas, com mínimo descanso, evidencia a resistência e estratégia envolvidas nesse esporte extremo. Portanto, é crucial que as equipes realizem um planejamento meticuloso da logística e organizem os suprimentos e equipamentos nas caixas na véspera ou na noite que antecede a prova. Qualquer falha na organização dos equipamentos e alimentos pode acarretar desgaste físico e emocional durante o percurso, potencialmente comprometendo o desempenho da equipe.

As CAs ocorrem em uma ampla gama de ambientes, culturas e condições climáticas. As equipes que participam dessas corridas devem estar preparadas para enfrentar e superar uma variedade de desafios apresentados durante a prova, que incluem desde as instabilidades naturais até adversidades específicas do ambiente em que se encontram. As características de determinação e foco no sucesso, típicas de atletas de CA, transformam a jornada das equipes em direção à linha de chegada em algo quase como um propósito de vida durante a competição. A CA é um esporte que requer resistência e estratégia, proporcionando aos praticantes uma experiência que os leva ao confronto com seus próprios limites físicos e mentais, bem como com outras equipes de atletas. Tudo isso acontece em locais de natureza exuberante e memorável. A CA pode ser considerada como uma das competições mais extremas em termos de resistência humana (ARWS, 2016).

A seguir, apresento uma breve explicação sobre as modalidades presentes na CA e, ao final, problematizo a inserção das mulheres na respectiva modalidade em relação às questões de gênero.

2.1. AS MODALIDADES

2.1.1. Mountain bike

O ciclismo de montanha ou *mountain bike* (MTB) é uma forma de ciclismo praticada em terrenos naturais como estradas de terra, trilhas e montanhas, utilizando uma bicicleta apropriada, comumente chamada de "*bike*". De acordo com Ronald Pfeiffer e Robert Kronish (1995), uma das modalidades mais populares é o *cross-country* (XC), que envolve competições em circuitos fechados com trechos estreitos e sinuosos (conhecidos como *single tracks*), bem como estradas abertas, frequentemente apresentando desafios como erosões, pedras, cascalhos, troncos, árvores e áreas de lama.

O MTB é um esporte que demanda habilidade técnica, força física e resistência. Em competições de CA, ao analisar o mapa, a escolha do trajeto pela equipe (ou navegador/a)

pode transformar as seções de MTB em desafios extremos de "empurra-bike" ou "carrega-bike". Isso acontece quando os/as participantes precisam atravessar densas matas ou rios com forte correnteza carregando suas bicicletas, o que demanda um esforço consideravelmente maior do/a atleta, tanto no aspecto físico, quanto no psicológico, em comparação a uma competição tradicional de MTB (Silva, 2018).

O MTB, assim como outras modalidades de esportes *outdoor*, é frequentemente associado a experiências de liberdade, superação e conexão com a natureza, valores destacados pelos praticantes da cidade de Juiz de Fora, conforme aponta o estudo etnográfico anterior (Silva; Santos; Mourão; Bandeira, 2019). No entanto, a pesquisa revela que o perfil predominante desses/as praticantes é composto por homens de classe média e alta, o que evidencia um padrão de exclusão ou baixa representatividade feminina na prática do esporte. Esse cenário revela a necessidade de refletir sobre os fatores socioculturais que limitam o acesso das mulheres à modalidade, seja por barreiras simbólicas, falta de incentivos, estruturas de apoio ou ausência de políticas de inclusão. Ainda que o envolvimento de mulheres no MTB venha crescendo consideravelmente, ainda permanece atravessado por desigualdades de gênero que precisam ser tensionadas. Promover o engajamento feminino no MTB não implica apenas ampliar o número de praticantes, mas repensar os modos de pertencimento e participação nesse espaço historicamente marcado por hegemonias masculinas.

Segundo Raquel Gontijo, “foram anos de luta para que as mulheres tivessem oportunidades e tivessem categorias reconhecidas nos órgãos de regulamentação do MTB. No Brasil, a Copa Internacional de Mountain Bike (CIMTB) foi uma das pioneiras na inserção de mulheres nas provas, e também na divisão de categorias”. Em 2020, a Copa teve um aumento de cerca de 50% no número de inscrições de mulheres. Uma das responsáveis por contribuir com esse crescimento, Raquel Gontijo, relata algumas dificuldades enfrentadas e como ela ajudou a transformar o esporte por meio da luta feminina por espaço e igualdade.

“O esforço para garantir um espaço para as mulheres dentro do Mountain Bike é grande, quando eu comecei existia só categoria Elite no Brasil e não tinha MTB para mulher, não tinha nem roupa adequada para nós. Eu tinha 42 anos quando comecei e tinha que pedalar sempre com a Elite, mesmo já sendo filiada eu não me sentia integrada” (CIMTB, 2020).

A atleta Jaqueline Mourão, que foi a primeira mulher a representar o Brasil nas Olimpíadas, e é campeã mundial, campeã da Copa Internacional em 2006, reconhecida cinco

vezes como a melhor atleta do MTB pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e também teve um papel importante na consagração das mulheres no cenário mundial das bikes, declara que:

“teve pessoas que me inspiraram muito e acompanhei de perto essa evolução. Hoje acredito que já temos o nosso lugar no MTB. O que eu deixo para as meninas que estão começando agora é de acreditar em si mesma, curtir e sentir amor pelo esporte, competir, desafiar a si mesma e nunca se comparar pois cada vitória terá um gosto especial. Nós somos metade da população mundial e porque não nos esportes?” (CIMTB, 2020).

Portanto, é importante destacar que, atualmente, várias mulheres competem nos mais altos níveis e categorias do MTB no Brasil e no mundo, ganhando medalhas e deixando seus nomes gravados na história do esporte, mas nem sempre foi assim, como demonstram os relatos acima.

2.1.2 *Trekking*

Vera Lúcia Bitencourt e Suzana Amorim definem o *trekking* como uma jornada a pé em ambientes naturais, como florestas, montanhas, savanas, rios e trilhas. Nas CAs, as etapas de *trekking* geralmente ocorrem em terrenos diversos, como altas montanhas, vales, florestas, savanas, desertos, litorais, cânions, entre outros.

Em provas de expedição, essas etapas podem durar desde algumas horas até vários dias, durante os quais os/as atletas caminham, trotam ou correm continuamente, inclusive à noite, quando a navegação se torna mais desafiadora devido à menor visibilidade das referências topográficas. Se a equipe se perder na navegação, o percurso pode se prolongar, e se os/as atletas não estiverem devidamente preparados/as com suprimentos adequados em suas mochilas, ou seja, podem enfrentar fome, sede, hipertermia ou hipotermia, dependendo das condições climáticas locais.

Devido à diversidade de terrenos encontrados em uma mesma competição, é crucial que os/as atletas cuidem adequadamente de seus pés, utilizando calçados e meias apropriados para evitar bolhas, rachaduras (também conhecidas como pés de trincheira) e lesões mais graves, que podem levar a infecções e até mesmo a abandonos da prova (Silva, 2018).

O *trekking*, como prática esportiva e atividade turística de aventura, tem se mostrado um campo fértil para a problematização das desigualdades de gênero e, ao mesmo tempo, para o surgimento de novas possibilidades de engajamento e inserção profissional de mulheres em contextos marcados por vulnerabilidades socioeconômicas.

No artigo de Margeaux Elizabeth Prinster (2017), o crescimento da indústria de

trekking nas proximidades do Monte Kilimanjaro, na Tanzânia, aparece como oportunidade para a transformação das relações de trabalho feminino, a partir da inspiração no modelo da empresa “*Three Sisters Adventure Trekking*”, do Nepal. Este modelo, ao promover a capacitação e inserção de mulheres como guias de *trekking*, função até então majoritariamente masculina, rompe com lógicas tradicionais que relegavam às mulheres posições subalternas no setor turístico. Assim, o *trekking* se revela não apenas como um esporte que desafia fisicamente seus/as praticantes, mas também como um campo de disputa simbólica e política, em que mulheres reivindicam visibilidade, autonomia econômica e reconhecimento em territórios historicamente masculinizados.

2.1.3. Canoagem

Na CA a canoagem pode ocorrer em distintos ambientes aquáticos, como mares, lagos, represas ou rios com corredeiras. As embarcações, cujo transporte é, em geral, de responsabilidade da organização do evento, variam de acordo com as características da prova. Comumente utilizam-se caiaques rígidos de polietileno do tipo *sit on top*, abertos e adequados para navegar em corredeiras, ou caiaques infláveis (*ducks*), que apresentam maior estabilidade, porém menor velocidade, devido à ampla superfície de contato com a água. Esses caiaques podem ser individuais, operados por um/a único/a atleta, ou duplos, permitindo a distribuição da equipe em pares. Em determinadas competições, empregam-se também botes de *rafting*, que favorecem a remada coletiva, além de caiaques oceânicos (fechados) e canoas canadenses, dependendo das exigências técnicas e logísticas do percurso. (Silva, 2018).

Para participar dessas provas, é essencial que as equipes dominem técnicas de canoagem, especialmente porque algumas delas ocorrem em rios com corredeiras de classe I a III, numa escala que vai até VI (Merkle, 2010). Em comparação, as competições internacionais de canoagem *slalom* se desenrolam em corredeiras de classe III a VI, com atletas geralmente treinando em rios de classe II e III. Eventos como os do ARWS incluem uma avaliação preliminar das habilidades de canoagem dos/as participantes. O uso de coletes salva-vidas é obrigatório em todas as competições, e, em certas circunstâncias, também se exige o uso de capacete, especialmente em trechos de corredeira. Times flagrados sem o devido equipamento de segurança são automaticamente desqualificados (Silva, 2018).

O termo "portagem" refere-se à ação de carregar o caiaque, prática comum quando um trecho do rio apresenta perigos significativos para a navegação ou quando a equipe opta

por essa estratégia para avançar mais rapidamente, como em rios sinuosos, desde que as regras da competição permitam. A portagem também se faz necessária em trechos de rio intransitáveis devido a baixo volume de água ou períodos de estiagem. Essa atividade exige um esforço físico considerável dos atletas, dado o peso dos caiaques, especialmente em áreas de vegetação ribeirinha (Silva, 2018).

A canoagem, assim como o *rafting*, insere-se no conjunto de esportes de aventura que articulam experiências intensas com a natureza e narrativas sociais sobre corpo, resistência e pertencimento. Os esportes ligados à natureza frequentemente são associados à força física, coragem e virilidade, atributos historicamente construídos como masculinos. A canoagem também é atravessada por essas desigualdades simbólicas, que tendem a invisibilizar ou desencorajar a participação feminina. A presença de mulheres nessas modalidades não apenas rompe com estereótipos, mas evidencia o enfrentamento cotidiano de barreiras culturais e estruturais que delimitam quem pode ocupar determinados espaços esportivos.

Marília Martins Bandeira (2018), em artigo etnográfico que objetivou refletir sobre a relação entre seres humanos e o meio ambiente por meio da análise da iniciação no *rafting*, observou que em Brotas (SP), a prática do rafting é majoritariamente masculina. Esse afastamento feminino era justificado pelas famílias com base em suposições sobre fragilidade corporal e menor resistência física. Assim, descer o rio tornava-se, além de uma tradição local, um rito de afirmação da masculinidade, com o rio funcionando como cenário para demonstrações de coragem e vigor, associados à virilidade. Embora existisse uma equipe feminina de destaque, a "Brotas 40 Graus", suas integrantes já não residiam na cidade. Durante o período em que a autora participou das atividades de iniciação, foi a única mulher presente, sem outras alunas ou atletas do sexo feminino.

O estudo também destaca que, embora alguns esportes de aventura expressem uma tentativa de reconciliação com a natureza, essa mesma natureza (vista como selvagem e incontrolável) continua a reproduzir desigualdades de gênero. Persistem associações simbólicas entre mulheres e natureza, historicamente subjugadas, enquanto homens são associados à exploração e à conquista. Apesar disso, novas interpretações mais alinhadas com os valores contemporâneos, influenciadas por perspectivas feministas e pela consciência ecológica, já coexistem com essas visões tradicionais (Bandeira, 2018).

2.1.4 Técnicas verticais

Nas CA, as atividades que envolvem técnicas verticais ou seções de corda têm como

finalidade avaliar não apenas as habilidades técnicas dos/as participantes, mas também colocar à prova seus limites psicológicos e capacidade de superar desafios físicos significativos, como íngremes encostas, montanhas ou cânions. Entre as práticas verticais mais comuns na CA, encontram-se a escalada, a ascensão por corda fixa, o rapel e a tirolesa (Silva, 2018). Tais atividades estão ligadas à prática do montanhismo.

A escalada em rocha demanda alto grau de especialização, incluindo conhecimento em técnicas de progressão vertical e manuseio correto de equipamentos específicos. Esses equipamentos abrangem cordas adequadas, dispositivos de segurança e ancoragem certificados pela UIAA (*International Climbing and Mountaineering Federation*), além do uso de um cinto de segurança (cadeirinha). A ascensão por corda fixa envolve a subida em uma corda com o auxílio de equipamentos de escalada individuais e um dispositivo conhecido como ascensor (Silva, 2018).

Durante as etapas de técnicas verticais, cada pessoa da equipe deve possuir seus equipamentos individuais de escalada, que incluem a cadeirinha, fita solteira, mosquetão e dispositivo de descida (freio). Geralmente, a corda é disponibilizada pela organização do evento e já está posicionada no local destinado à realização de atividades como rapel, escalada ou ascensão, contando também com o suporte de uma equipe especializada da organização ou terceirizada. Antes da competição, as equipes recebem da organização da prova um informativo com a relação de equipamentos obrigatórios definida para cada perna da competição, bem como os itens de uso individual e coletivo que serão necessários em cada segmento da prova, inclusive para as atividades verticais (Silva, 2018).

O rapel é um método derivado da escalada, empregado para a descida segura de inclinações íngremes como montes, rochas ou declives, por meio de cordas e dispositivos pessoais de segurança específicos para escalada, incluindo costuras, fita de ancoragem, mosquetão e dispositivo de descida. Quando essa técnica é aplicada em quedas d'água, recebe o nome de *cascading* (Silva, 2018).

A tirolesa, por sua vez, é um procedimento vertical utilizado para transitar entre dois pontos distantes, utilizando-se de uma corda ou um cabo de aço fixado de maneira horizontal. Durante essa atividade, o/a participante se desloca pelo ar, apoiado por equipamentos de escalada adaptados para tal, e, no caso de utilizar um cabo de aço, faz-se necessário o uso de polias para facilitar o movimento (Silva, 2018).

As técnicas verticais esportivas, como a escalada, o rapel e outras práticas que envolvem altura e domínio técnico, compartilham não apenas desafios físicos e emocionais, mas também estruturas simbólicas que refletem e reforçam desigualdades de gênero. A

participação de mulheres nesse tipo de esporte abre espaço para a ressignificação de papéis de gênero e desafia normas tradicionais, ainda que sob tensão constante.

O artigo "On the rocks: corpo e gênero entre os escaladores do Paraná", de Roberto da Silva Lima (2009), analisa a prática da escalada em rocha em Curitiba, mais precisamente na primeira vila exclusivamente formada por escaladores, a Vila (de final-de-semana) do Marumbi, berço da escalada esportiva no Brasil. Lima foca principalmente na relação entre corpo, gênero e identidade entre os/as praticantes. O autor busca entender como as diferenças de gênero se expressam e são negociadas na prática da escalada, ou seja, investiga como homens e mulheres constroem seus corpos e suas identidades a partir das exigências físicas, sociais e simbólicas do esporte. Ele observa claras desigualdades de gênero: os homens dominam numericamente e são vistos como mais "naturais" na prática da escalada – difícil e arriscada, enquanto as mulheres, frequentemente invisibilizadas, precisam provar constantemente sua competência, o que pode envolver a negociação de normas de feminilidade. Também observa que o corpo do escalador é um símbolo de prestígio e que o domínio técnico e físico legitima o pertencimento ao grupo e define a hierarquia entre os praticantes. O estudo também mostra que a escalada cria um espaço de ressignificação dos papéis de gênero, ainda que limitado: algumas mulheres desafiam normas tradicionais, mas, ao mesmo tempo, enfrentam resistência e são obrigadas a reafirmar certos estereótipos.

É interessante observar que, neste estudo, a inserção das mulheres no universo da escalada ocorre, na maioria das vezes, por meio de homens, como namorados, maridos ou irmãos, e que elas, em geral, permanecem no esporte à margem ou sob a sombra desses homens.

2.1.5 Orientação Cartográfica

O esporte da orientação é uma mistura de habilidades físicas e mentais. Consiste essencialmente em percorrer uma rota designada, visitando uma sequência específica de PCs na ordem estabelecida, utilizando-se de um mapa e uma bússola para a navegação. Os/as competidores/as devem avaliar o terreno para determinar o caminho mais eficiente, e o/a vencedor/a será quem mais rápido completar o percurso, passando por todos os PCs. A habilidade crítica para um/a corredor/a de orientação de sucesso inclui navegar eficientemente e fazer escolhas de rotas inteligentes em alta velocidade. A tomada de decisão ágil e a capacidade de se orientar em terrenos diversos são fundamentais na orientação. Originalmente

desenvolvida como uma prática militar, a orientação evoluiu para incorporar diferentes variações, que vão desde eventos tradicionais de longa distância em ambientes naturais até competições de urbanas de velocidade (Orienteering.org, 2018).

A origem do esporte de orientação remonta ao final do século XIX, na Suécia, onde foi inicialmente desenvolvido como uma forma de treinamento para o exército. A denominação "orientação" foi empregada pela primeira vez em 1886 na Academia Militar Sueca Karlberg, descrevendo a prática de navegar por áreas desconhecidas com o auxílio de mapa e bússola. O esporte ganhou um caráter competitivo com a realização da primeira competição destinada a oficiais militares suecos em maio de 1893, durante os jogos anuais da guarnição em Estocolmo. A primeira competição aberta ao público em geral aconteceu próximo a Oslo, na Noruega, em outubro de 1897 (Orienteering.org, 2018).

Nas CAs não é permitido o uso de *Global Positioning System* (GPS), apenas bússola e altímetros⁸ podem ser utilizados. Muitas equipes estão munidas de relógios que possuem a função de altímetro. Os mapas, frequentemente obtidos no IBGE no caso do Brasil, são geralmente fornecidos e, em muitos casos, atualizados pela equipe organizadora da prova.

A carta topográfica é uma representação em escala plana do relevo de uma determinada área, onde as variações de altitude são indicadas por meio de curvas de nível. A diferenciação de altitudes e tipos de vegetação é representada por cores graduadas. Além disso, a carta, comumente chamada de mapa em competições de CA, também inclui elementos naturais, como bacias hidrográficas, corpos d'água menores, estradas, trilhas e elementos de construção humana, como casas, igrejas e outras estruturas. Esses elementos construídos geralmente são representados por pontos escuros na carta. É importante notar que a carta topográfica reflete as condições ambientais na época em que foi produzida, podendo ser atualizada pela equipe organizadora da prova para incluir novas trilhas ou caminhos criados recentemente (Silva, 2018).

A corrida de orientação, ao combinar resistência física, raciocínio estratégico e navegação em ambientes naturais, é frequentemente percebida como um esporte neutro em relação ao gênero. No entanto, como revela o estudo de Noan Bouvier (2024), essa neutralidade aparente esconde desigualdades estruturais e simbólicas que impactam diretamente a experiência das mulheres na modalidade. A autora analisou como mulheres atletas de elite da orientação na Suécia e na França vivenciam e expressam suas identidades de gênero nesse esporte. Utilizando teorias feministas, especialmente a noção de

⁸Instrumento usado para medir altitude, comumente por meio de um barômetro, que registra alterações da pressão atmosférica que acompanham as variações de altitude.

performatividade de gênero de Judith Butler, a pesquisa explora como essas mulheres desafiam papéis tradicionais tanto em suas práticas esportivas quanto na forma como se apresentam nas redes sociais, como o Instagram. O estudo mostra que as estruturas culturais e organizacionais dos dois países influenciam significativamente as experiências das atletas. A pesquisa também evidencia desigualdades persistentes, como a predominância masculina em cargos de liderança e trajetos de competição mais longos para homens. Por meio de entrevistas e análises de conteúdo digital, o trabalho revela como as plataformas online funcionam como espaços de empoderamento e transformação da imagem da mulher no esporte. A investigação reforça a necessidade de mudanças estruturais para promover uma inclusão genuína e equitativa no ambiente esportivo.

2.2 AS EQUIPES

A constituição de equipes para as competições expedicionárias de CA requer a formação de quartetos mistos, compostos por quatro membros, incluindo pelo menos um homem e uma mulher. É mandatório que a equipe se mantenha num raio de não mais de 100 metros entre seus membros. Caso uma pessoa da equipe desista, a equipe inteira será desqualificada, conforme estabelecido pela ARWS em 2016 (ARWS, 2016). Em competições mais breves ou informais, são permitidas outras configurações de equipes, como duplas, trios, ou a participação individual, na qual o/a atleta compete sozinho/a. As pessoas da equipe desempenham variados papéis, tais como navegador/a, capitão/ã e carregador/a dentre outros.

O navegador ou navegadora, responsável pela orientação, deve possuir habilidades avançadas no manuseio de mapa e bússola para conduzir sua equipe de um ponto de controle (PC) a outro. Sua competência em analisar o terreno é crucial para definir a rota mais vantajosa, que nem sempre é a mais curta. Uma navegação eficaz pode compensar deficiências físicas da equipe, superando outras equipes com melhor condição física, mas menor habilidade em navegação (ARWS, 2016).

O capitão ou capitã, por sua vez, é encarregado/a da estratégia da equipe. Precisa equilibrar as habilidades e limitações dos/as integrantes frente aos desafios do percurso e da competição com outras equipes. Geralmente, ele/a determina o ritmo da equipe, decidindo os momentos de intensificar o esforço e de repouso ou sono.

O carregador ou carregadora, também conhecido/a como “mula”, é o/a participante de maior força física, capaz de suportar uma carga extra em benefício da equipe. É comum que, após dias de competição, alguém esteja debilitado/a por desidratação, enfermidade, desânimo

ou lesão. A equipe geralmente conta com um membro fisicamente mais robusto/a, que pode assumir cargas adicionais ou auxiliar os/a companheiros/as a prosseguir (ARWS, 2016). Ressalta-se que esse papel não é exclusivo de homens, mas normalmente é.

A CA desenvolveu um vocabulário e técnicas próprios. “Rebocar” refere-se à prática de um/a integrante auxiliar outro/a mais lento/a, utilizando uma corda, tanto no ciclismo de montanha quanto no *trekking*. Essa estratégia permite manter a equipe coesa e aumentar a velocidade média. As equipes desenvolvem sistemas de reboque que podem ser aplicados dinamicamente, sem necessidade de paradas (ARWS, 2016).

O fenômeno conhecido como “*sleep monster*” descreve o impacto extremo da falta de sono, que pode prejudicar o julgamento dos/as atletas e reduzir sua velocidade, podendo até provocar alucinações. Decidir quando e quanto dormir são questões críticas, com várias estratégias disponíveis (ARWS, 2016).

Normalmente, o/a capitão/ã decide o momento do descanso, e períodos de vinte a trinta minutos podem ser suficientes para recuperar as capacidades cognitivas. Em localidades habitadas, os/as atletas podem buscar abrigo para descansar; contudo, em ambientes inóspitos, o descanso ao ar livre (bivaque) torna-se necessário. Para tal, os/as atletas podem utilizar cobertores de emergência – folhas de material isolante, semelhantes às utilizadas em resgates – ou sacos de bivaque, feitos de material parecido. O cobertor de emergência, item obrigatório na maioria das corridas, visa preservar a temperatura corporal do/a atleta, evitando hipotermia, especialmente relevante quando o bivaque ocorre em montanhas, por exemplo (Silva, 2018).

Ao apresentar o funcionamento da CA e as dinâmicas que estruturam essa prática esportiva, considero importante situar também a minha própria experiência nesse universo. Em 2023 realizei observação participante nas provas do CBCA das quais fiz parte, competindo junto a uma equipe tradicional. As anotações decorrentes dessa experiência foram registradas em diário de campo, constituindo a base para a elaboração de um relato etnográfico incorporado à presente pesquisa.

A observação participante, de acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (1996), envolve a imersão ativa do/a pesquisador/a em uma comunidade ou grupo cultural que está sendo estudado. Durante a observação participante, o/a pesquisador/a não apenas observa o grupo, mas também participa ativamente de suas atividades cotidianas e interage com seus membros. Trata-se de uma abordagem que visa a compreensão profunda e contextual da cultura e da vida das pessoas estudadas, constituindo uma valiosa ferramenta na pesquisa antropológica.

Meu relato como mãe-atleta em uma das provas de CA das quais participei não constitui um resultado posterior da pesquisa, mas um elemento formativo do próprio processo de construção desta tese. Trata-se de um envolvimento que atravessa minha posição de pesquisadora e informa meu olhar sobre as narrativas analisadas, permitindo-me compreender, a partir da experiência vivida, sentidos, tensões e desafios que emergem desse contexto.

Por essa razão, antes de avançar para a metodologia, apresento, no próximo capítulo, um breve relato etnográfico que descreve essa vivência e explicita como ela contribuiu para a elaboração das escolhas teórico-metodológicas que sustentam este trabalho.

3 RELATO ETNOGRÁFICO

Após oito anos competindo em provas de aventura, tornei-me mãe. Minha gravidez coincidiu com a aprovação no Mestrado em Educação Física, no qual estudei mulheres atletas de CA. Esse estudo revelou as inúmeras dificuldades enfrentadas pelas mulheres em um esporte dominado por homens, o que me levou a aprofundar essa temática no âmbito do Doutorado. Assim, surgiu a presente tese, cujo objetivo é investigar as experiências de mães-atletas de CA. Porém, a pesquisa tem sido interpelada pelos meus próprios desafios pessoais. Minha trajetória acadêmica, esportiva, e de cuidados com meu filho levaram-me a refletir sobre minha própria experiência de vida e a necessidade de aliar essa “objetividade corporificada”, à pesquisa.

Segundo Luciana Silva Abdalad e Vera Lúcia Costa (2009), a dedicação das mulheres às práticas de esportes de aventura demanda não apenas coragem, mas também ousadia, contudo, de forma paradoxal, pode conduzir-nos a instantes de solidão e introspecção. Foi em um desses períodos introspectivos que decidi redigir o relato etnográfico a seguir, no qual me lanço à “escrita de si”⁹.

Tendo como abordagem a etnografia, busco com essa “ciência localizada” refletir sobre gênero e maternidade no esporte a partir do relato de minha participação em uma competição de CA de 250 quilômetros percorridos em aproximadamente 30 horas, sem paradas, nas modalidades de *mountain bike*, *trekking*, canoagem e orientação cartográfica, na qual meu marido e meu filho estiveram presentes para torcerem pelo meu time. Portanto, meu objetivo é refletir, com especial atenção, acerca da minha condição de mãe e atleta simultaneamente e os desafios que tal condição frequentemente me apresenta.

Esclareço que, neste relato etnográfico, compartilho o conceito de “objetividade corporificada” ou “ciência localizada”, proposto por Donna Haraway (1995), a fim de melhor integrar minha experiência como mãe-atleta de CA. Haraway discute o processo pelo qual as mulheres devem afirmar sua voz e autoridade no campo científico ao interpretar o que ela denomina de “texto da natureza”, fortemente influenciado por perspectivas masculinas. Ela destaca que o objetivo não é criar uma ciência que seja mais “real”, mas sim fomentar novas narrativas e abordagens. A autora sugere transcender a crítica aos preconceitos científicos e à

⁹ A autora Margareth Rago (2013) empregou o conceito de “escrita de si” em sua obra intitulada “A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade”, publicada pela editora Unicamp. Esse trabalho preenche uma lacuna deixada pela ciência tradicional, a qual historicamente obscureceu as mulheres, negando-lhes o reconhecimento como sujeitas históricas. Por meio das narrativas autobiográficas de mulheres que viveram durante o período da ditadura militar, o livro reconstrói uma parte significativa da história do Brasil, sob a ótica das trajetórias de luta de sete mulheres brasileiras.

divisão entre ciência "boa" e "má", defendendo a necessidade de uma postura política por parte da ciência feminista. Para Haraway, a objetividade não significa neutralidade, mas sim adotar diversas perspectivas e assumir responsabilidades. Ela propõe uma "objetividade corporificada" ou "ciência localizada", enfatizando a importância do envolvimento e da responsabilidade. Embora não ofereça soluções definitivas, sua abordagem pode enriquecer a etnografia e o debate sobre gênero, maternidade e ciência.

A antropóloga brasileira Mariza Peirano (2014) argumenta que o conceito de "método etnográfico" é complexo. Um dos motivos está no fato de que a pesquisa de campo não possui um início e um fim definidos, pois esses momentos são arbitrários e dependem da capacidade de causar estranhamento, da singularidade da experiência e da necessidade de investigar por que certos eventos nos surpreendem. Nesse contexto, as/os etnógrafas/os não são apenas observadoras/es, mas também participantes ativas/os da pesquisa. Isso levanta questões sobre a natureza da etnografia como método. Surge a pergunta sobre quando e como aprendemos que o estranhamento é crucial na pesquisa antropológica e o que exatamente esse estranhamento significa. A autora destaca que a empiria é o cerne ("ideia-mãe") da antropologia, sendo os eventos e fenômenos observados a matéria-prima da análise, não apenas dados coletados, mas fontes de questionamento e renovação teórica. Peirano também lembra que, ao longo da história, as concepções de etnografia variaram, mas atualmente é reconhecida como uma ferramenta essencial na antropologia, com a teoria emergindo do diálogo constante entre dados empíricos e reflexão teórica. Ressalta que podemos pensar, portanto, em "formulações teórico-etnográficas", uma vez que as monografias resultantes refletem não apenas os métodos do/a pesquisador/a, mas também as teorias emergentes das interações com os/as sujeitos/as estudados/as. Em última análise, afirma que a prática etnográfica desafia nossas ideias preconcebidas e nos convida a refletir sobre a diversidade de modos de vida humanos.

[...] o "método etnográfico" implica a recusa a uma orientação definida previamente. O refinamento da disciplina, então, não acontece em um espaço virtual, abstrato e fechado. Ao contrário, a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual (Peirano, 2014, p. 381).

A competição na qual participei em novembro de 2023 foi válida como final do CBCA, denominada Expedição Terra de Gigantes. Essa é uma prova tradicional e aguardada pelas equipes no circuito nacional de CA, reconhecida pelo seu alto nível técnico e pela presença das principais equipes do Brasil, além de algumas representantes de países vizinhos,

como Argentina e Uruguai.

Desde o início de 2023, tenho competido como parte da equipe mineira Capivaras¹⁰. Curiosamente, foi a primeira vez em que minha equipe convidou outra mulher para integrar o time e também a primeira vez em que viajei para competição acompanhada por meu filho, Lorenzo, e meu esposo, Rodrigo¹¹. Convencer Rodrigo a me acompanhar nessas viagens de competição foi um desafio, visto que ele não é muito entusiasta desses eventos devido à falta de oportunidade para programarmos atividades em família, dada a longa duração da prova. Além disso, a logística de preparação é bastante complexa, já que os atletas precisam organizar todos os equipamentos, alimentação, hidratação, mapas e estratégias da prova.

Consegui convencê-lo ao destacar que se tratava da final do campeonato e que estávamos bem posicionados no ranking, disputando o terceiro lugar no circuito. Além disso, o local da competição, na região serrana de Macaé, Rio de Janeiro, é conhecido por sua beleza natural, com belas cachoeiras, as quais ele aprecia. Em relação ao nosso filho, Lorenzo, a conversa foi mais simples, pois ele estava entusiasmado em ver sua mãe competindo. A prova se desenrola em meio à natureza, muitas vezes em locais de difícil acesso, o que torna quase impossível acompanhar toda a competição. A promessa era de que, enquanto eu competia, eles poderiam desfrutar dos parques naturais e das comodidades da pousada.

A largada da prova estava agendada para sexta-feira às 22h, e o plano era sair de Juiz de Fora¹² bem cedo, de modo a chegar a tempo para os preparativos finais antes do início da competição e também para descansar um pouco. A viagem já começou com certo grau de apreensão e estresse, uma vez que eu já havia organizado tudo, minhas próprias coisas e as do Lorenzo, e tudo estava pronto e no carro, enquanto tivemos que esperar por Rodrigo, que permanecia bastante calmo. O calor estava excepcionalmente intenso em todo o Brasil (especialmente considerando o feriado de Finados), com a sensação térmica alcançando cerca de 40 graus celcius à sombra.

Finalmente, partimos com aproximadamente duas horas de atraso em relação ao planejado, mas o simples fato de iniciarmos a viagem trouxe certo alívio para mim.

¹⁰ Nome fictício.

¹¹ Adotando uma perspectiva que valoriza a ética relacional, opto por mencionar os nomes verdadeiros de meu esposo e filho, dada a natureza autobiográfica deste trabalho. Acredito que tal escolha contribua para enaltecer os laços interpessoais no contexto do relato. Levando em conta a minha própria exposição pública, especialmente nas redes sociais, não se justificaria manter em anonimato os membros da minha família, visto que já compartilhamos uma visibilidade comum. É importante destacar, contudo, que os nomes dos demais colaboradores mencionados neste texto são fictícios, visando preservar a privacidade e a confidencialidade das suas identidades.

¹² Juiz de Fora, minha terra natal, é uma cidade situada no interior do estado de Minas Gerais, na região da Zona da Mata Mineira, a uma distância de aproximadamente 283 km da capital do estado.

Geralmente, considero que o aspecto mais desafiador das viagens para competições é deixar a casa. Quando viajo sozinha, costumo organizar tudo para a logística do Lorenzo (escola, roupas, medicamentos – ele é alérgico a picadas de formiga), para facilitar um pouco para Rodrigo, e mal consigo me concentrar na prova, reservando esse momento apenas durante a viagem, que geralmente é longa de ônibus, até encontrar os outros membros da equipe, que são de Belo Horizonte e região.

Dessa vez, apesar de ter que organizar minhas próprias coisas e também as do Lorenzo para a viagem, o sentimento de tê-lo ao meu lado foi muito gratificante, e eu estava extremamente feliz por eles estarem ali comigo. No início da viagem, Lorenzo começou a se sentir mal, queixando-se de enjoo e perguntando incessantemente se já estávamos chegando. Tive que me virar no banco do carro, conversando com ele, hidratando-o e acalmando-o, enquanto Rodrigo dirigia e expressava sua irritação com tudo.

Enfim, chegamos a Sana durante a tarde e nos dirigimos à arena, local onde a organização da prova monta a estrutura necessária, incluindo tendas para acolhimento de atletas, entrega dos kits de prova (que contêm coletes de uso obrigatório durante a corrida, número para fixar nas bicicletas, brindes dos/as patrocinadores/as, entre outros itens), aparelhagem de som, e o pátio de largada e chegada situado na praça de esportes e lazer do distrito. Esse é um local encantador, com instalações que parecem novas, oferecendo academia ao ar livre, parquinho, mesa de futmesa, entre outros. Próximo à praça, havia um acesso ao Rio Sana, e muitas pessoas se refrescavam em suas águas límpidas, crianças brincavam e algumas se balançavam em uma corda amarrada em uma árvore, lançando-se ao rio, enquanto famílias e casais desfrutavam do ambiente, sentados nas pedras. Observei alguns jovens que chegavam para se banhar ainda com uniformes da escola municipal, localizada ao lado da praça. O local é verdadeiramente fascinante e acolhedor. Logo ao chegar, decidimos ficar por ali. Lorenzo e Rodrigo foram os primeiros a despir-se e mergulhar na água. Gradualmente, molhei os pés e as pernas, e em poucos minutos já estava completamente imersa, ainda vestida. A tentação era irresistível, especialmente sob o calor intenso. Pouco a pouco, encontrei meus colegas de aventura, mulheres e homens de diversas regiões do Brasil que vieram para participar da final do campeonato.

Ainda enquanto nos banhávamos no Rio Sana, encontrei-me com os/as outros/as integrantes da equipe, Paulo, Marcos e Maria¹³, que, ao chegarem, dirigiram-se à margem do rio. Apresentei-os a Rodrigo e Lorenzo, conversamos brevemente e seguimos para a pousada

¹³ Nomes fictícios.

em que havia reservado acomodações. Localizada próxima ao centro e à arena da prova, a pousada era um ambiente simples, porém muito acolhedor, oferecendo quartos amplos equipados com ar-condicionado. A área externa contava com uma parte coberta, onde havia uma mesa de sinuca, e um gramado, onde se encontrava uma piscina redonda desmontável, com armação de PVC e lona de vinil. Usamos toda a área externa para montar e ajustar nossas bicicletas, e a mesa de sinuca serviu para espalharmos o resto dos equipamentos e organizarmos os alimentos e sacos de abastecimentos que deveriam ser entregues à organização. Esta, por sua vez, fornecia a cada equipe alguns sacos para a distribuição dos equipamentos e suprimentos, incluindo alimentos e bebidas, que seriam utilizados ao longo da prova, comumente encontrados nas áreas de transição (AT). Os sacos, ao serem entregues à equipe de logística de prova, são pesados, pois não podem ultrapassar o peso pré-determinado pela organização da prova. Até aquele momento, tínhamos acesso apenas ao informativo com a logística, que detalhava a ordem e a dimensão de cada etapa. Com essa informação, é possível planejar a distribuição de alimentos nos sacos de abastecimento e os equipamentos obrigatórios para cada etapa, como remos, coletes salva-vidas, equipamentos para técnicas verticais, entre outros. Alguns equipamentos obrigatórios, como cobertor de emergência, *headlamp* (lanterna de cabeça), anorak¹⁴ e kit de primeiros socorros, deveriam ser carregados pelas equipes em suas mochilas durante todo o percurso. Os mapas seriam distribuídos às 17h.

Enquanto nos ocupávamos com os preparativos pré-prova, Rodrigo e Lorenzo divertiam-se na piscina. Às 17h, Paulo e Marcos foram buscar os mapas. Aproveitei esse momento para sair e tomar um açaí com Rodrigo e Lorenzo. Geralmente, os navegadores se apressam em organizar seus equipamentos pessoais, de modo que, ao receberem os mapas, possam dedicar-se exclusivamente à análise deles. Eles usam canetas marca-texto para traçar o percurso que consideram mais vantajoso, levando em conta o relevo, o tempo estimado de percurso de um ponto de controle (PC) a outro, a vegetação, trilhas existentes e estradas, além da possibilidade de atalhos através de transposições de mata, por exemplo, em vez de seguir por trilhas ou estradas já existentes.

Às 19h, as equipes participaram do briefing da prova, realizado no ginásio poliesportivo de uma escola municipal. Fui de carona na caminhonete de Marcos, junto com Paulo e Maria, levando os sacos e equipamentos que ficariam com a organização. Rodrigo optou por permanecer na pousada com Lorenzo. No briefing, foram abordadas as regras gerais da prova, o tempo limite para cortes, os municípios e lugarejos por onde a prova passaria, a

¹⁴ Casaco impermeável e corta-vento.

possibilidade de comprar alimentos durante a competição, além de informações sobre os mapas e possíveis alterações no percurso devido a condições climáticas adversas. Também foram discutidos aspectos relacionados à preservação ambiental e à fauna local, alertando sobre a presença de animais potencialmente perigosos, como onças e cobras. Autoridades locais, como prefeitos/as e secretários/as de esporte, meio ambiente ou turismo, frequentemente são convidados/as a participar do briefing, no qual também são destacadas as belezas e a história da região.

Após o briefing, fizemos um lanche leve e retornamos à pousada para finalizar os preparativos para a largada. Despertei Rodrigo e Lorenzo, que dormiam, e pedi que me acompanhassem para se despedirem. Vestimos nossas roupas de prova, pegamos as mochilas e nos dirigimos de bicicleta ao pátio de largada, onde a prova teria início às 22h. Rodrigo seguiu de carro com Lorenzo.

A largada de uma prova, embora seja um momento de ansiedade e tensão, representa também um alívio, pois simboliza a conclusão de todas as etapas preparatórias. Acredito que, a partir do som da buzina e do movimento inicial das equipes, a experiência se transforma em pura diversão. Esse momento é altamente esperado pelos/as atletas, pois a complexidade e a totalidade da CA só podem ser plenamente vivenciadas durante a competição, algo que não se reproduz integralmente nem mesmo nos treinos mais intensos.

“Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um...” Larguei ouvindo o som da voz do Lorenzo dizendo “Tchau, mamãe!”. Uma mistura de intensa alegria, apreensão e emoção me envolveu. Era a primeira vez que ele testemunhava a mamãe partir para uma aventura. Desde pequeno, ele acompanha essa jornada, vendo meus troféus e medalhas, ouvindo as histórias e vendo as fotos. Ele aguarda ansioso a minha volta de cada viagem, provavelmente sentindo saudades, assim como eu. Pedalava lentamente entre as outras bicicletas dos/as demais atletas, minhas pernas tremiam... Um carro madrinha à frente e uma ambulância controlavam o ritmo das bicicletas no perímetro urbano. Logo, veio uma descida longa e eu pude sentir o forte cheiro de pastilha de freio “queimando” nos discos das rodas que giravam freneticamente. Percebi também que havia esquecido meus óculos de proteção, e a poeira da estrada começou a irritar meus olhos. Ao sair da cidade, a escuridão da estrada de terra se impôs: apenas a luz dos faróis das lanternas iluminava o caminho e as costas dos/as atletas. A velocidade do pelotão aumentava e eu tentava acompanhar o ritmo, já com a respiração ofegante, enquanto buscava avistar a Maria, que se juntara ao pelotão da frente, o mais veloz. Assim começou a corrida, com adrenalina nas veias e gosto de sangue na garganta.

O primeiro PC ficava após uma ponte de arame sobre o Rio Macaé. Algumas equipes perderam a entrada da ponte e passaram direto pela rodovia. Foi possível ver suas luzes à frente. Chegamos à ponte e encontramos um quarteto que já havia pegado¹⁵ o PC e estava retornando pela mesma ponte, que balançava muito. Também cruzamos com outro quarteto, a equipe Tapajós¹⁶, que optou por passar sobre a ponte com bicicleta e tudo, para seguir para o segundo PC por outra estrada, o que acabou por nos atrasar um pouco, pois não era possível ultrapassá-los sobre a ponte, e nossa estratégia era pegar o PC e retornar à estrada principal. No início de prova, é comum que as equipes fiquem emboladas, ou seja, próximas umas das outras. Geralmente é o momento de os/as navegadores/as ajustarem a orientação e se familiarizarem com o mapa da organização, que pode variar na questão de escala e referências, entre uma prova e outra. Foram 39 km percorridos em aproximadamente três horas, nessa primeira perna de mountain bike, até chegarmos na AT 1.

A estrutura dessa primeira Área de Transição (AT) estava muito bem organizada, talvez até excessivamente para o início de uma expedição. Havia água potável e bebida isotônica disponíveis para os/as atletas. Muitos/as ainda estavam em transição, mas pudemos perceber, pela quantidade de bicicletas no local, que a maioria das equipes já havia passado por ali e se dirigido para o trekking de 23 quilômetros. Sentimos uma leve decepção; talvez nossa estratégia inicial não tenha sido a mais adequada, mas tentamos manter o ânimo. Efetuamos uma transição rápida e partimos.

Esta primeira etapa de trekking exigiu considerável habilidade em navegação. A noite estava excepcionalmente quente, e a intensa transpiração nos obrigou a consumir uma grande quantidade de água para mantermos a hidratação. A navegação noturna apresentou-se como um desafio acentuado, especialmente em trechos onde não havia trilhas definidas e era necessário azimutar¹⁷. No entanto, nossa equipe, beneficiada pela presença de dois excelentes navegadores, não enfrentou maiores dificuldades, mantendo um ritmo satisfatório nessa fase. À medida que nos aproximávamos da segunda área de transição (AT 2), com o amanhecer, deparamo-nos com o quarteto Tapajós reabastecendo suas garrafas e sistemas de hidratação em uma torneira situada em uma residência próxima ao rio. Aproveitamos a oportunidade para também nos reabastecermos e nos prepararmos para os seguintes 39 km de canoagem.

¹⁵ Pegar ou bater o PC significa registrar a passagem da equipe, por meio de fotografia, picote ou assinatura de planilha, no caso de PC físico.

¹⁶ Nome fictício.

¹⁷ Azimutar em campo com uma bússola é um processo usado pelos/as navegadores/as geralmente quando não há um percurso claro visualmente ou definido, como uma trilha ou estrada, por exemplo. Com posição da equipe e do PC no mapa é possível, com a bússola, determinar a direção a seguir de um ponto específico em relação ao norte magnético.

Nesse ponto da competição, as equipes Tapajós e a nossa (Capivaras) ocupavam, respectivamente, a quarta e a quinta posições entre os quartetos. Não havia infraestrutura organizacional nessa AT; apenas localizamos a bolsa de canoagem, com a qual organizamos nossos equipamentos e provisões para as próximas etapas da prova, que incluíam a canoagem de 39 km e o subsequente trekking de 43 km. Antes de embarcar no caiaque, procurei um local discreto às margens do rio, um monte de terra, para urinar, considerando que realizar tal necessidade durante a etapa de canoagem costuma ser mais desafiador.

Remamos em caiaques duplos, nos quais, habitualmente, eu e Paulo formávamos uma dupla: eu na posição dianteira e ele no controle do leme, na parte traseira. Contudo, naquele dia, foi decidido que Paulo faria dupla com Maria e eu, com Marcos. Mantínhamos um ritmo de remada constante, sem pausas. Caso um de nós precisasse ajustar-se, pegar algo para comer, ou beber água, o outro continuava a remar. Conseguimos ultrapassar a equipe Tapajós.

Para mim, a etapa de canoagem é sempre a mais desafiadora, visto que é a modalidade à qual dedico menos tempo de treino e, inicialmente, sinto dores consideráveis nos ombros. Além disso, é o momento em que o sono mais me afeta. Devido aos preparativos para a prova, na véspera, não conseguimos descansar adequadamente, e a ansiedade apenas intensifica a dificuldade de dormir. Em competições com largada noturna, como esta, o desafio relacionado ao sono se amplifica.

Conforme o sol ascendeu, o calor se tornou ainda mais intenso. Frequentemente, retirava meu boné para enchê-lo com água do rio e resfriar-me, jogando a água sobre minha cabeça. Em determinado momento, o sono se tornou incontrolável e comecei a cochilar enquanto remava. Inevitavelmente, o “*sleep monster*” me pegou. Notava ocasionalmente que remava no ar, sem contato da pá do remo com a água. Marcos, atento, chamava minha atenção com um grito: “Fabi!”. Aproveitei um momento em que o caiaque de Paulo e Maria estava mais atrás para deitar-me e tentar repousar um pouco, enquanto Marcos seguia remando. Ao nos alcançarem e Maria me ver deitada, preocupou-se, pensando que eu poderia estar desidratada. Expliquei que o sono era o problema e que estava me hidratando continuamente, mas, ainda assim, ela sugeriu uma pausa para prepararmos uma bebida isotônica. Tomei também um comprimido de cafeína e prosseguimos. Deparamo-nos com vários trechos rasos no rio, exigindo que descêssemos e empurrássemos o caiaque, o que aumentava o esforço físico. Por outro lado, essa atividade ajudava a dissipar o sono.

Havia um PC situado no meio do percurso da canoagem. Conforme indicava o mapa, deveríamos adentrar um afluente do rio para alcançá-lo. Identificamos o braço do rio e entramos remando, mas logo percebemos que a profundidade era insuficiente; era possível

avistar a areia e pequenas pedras no fundo através da água cristalina. Tivemos, então, que desembarcar e seguir arrastando e empurrando os caiaques pela areia, o que representava um grande esforço físico para mim.

Sugeri a Paulo – que naquele momento liderava a equipe, por ser responsável pela leitura do mapa e parecer estar atuando como capitão do time – que deixássemos os caiaques ancorados e seguíssemos a pé para localizar o PC, já que teríamos que retornar ao mesmo local posteriormente. No entanto, ele não acatou minha sugestão. O PC consistia em uma pequena placa, posicionada junto à cerca de uma casa na margem do rio. Após registrar nossa passagem, retornamos arrastando os caiaques. Meus ombros doíam intensamente, e o calor do sol parecia queimar minha pele. Por três vezes, deitei-me nas águas cristalinas do rio raso para me refrescar, o que acabou resultando em alguns grãos de areia em minhas roupas.

Ao retornarmos ao rio principal, fomos surpreendidos: os atletas da equipe Tapajós, que havíamos ultrapassado, já haviam localizado o PC e estavam retornando ao rio principal. Eles optaram por seguir minha sugestão inicial e, até melhor, encontraram uma trilha que evitava a necessidade de atravessar o leito do pequeno rio, o que lhes conferiu uma vantagem significativa em termos de tempo e esforço. Confesso que me senti um pouco desapontada com o insucesso de nossa estratégia de pegar o PC com os caiaques. Comentei brevemente com Marcos sobre isso, e ele concordou, sem prolongar muito a discussão, e continuamos a remar.

O quarteto Tapajós conseguiu abrir uma vantagem em relação a nós na água, perdendo-se de vista. Foram cerca de seis horas remando no Rio Macaé até alcançarmos a AT 3. Ao chegarmos à AT, situada sob uma ponte da rodovia que cruzava o rio, reencontramos a equipe Tapajós, que se preparava para iniciar o trekking de 43 km. Realizamos uma transição tranquila, hidratamo-nos, comemos batatas cozidas que tínhamos guardado na bolsa e passamos filtro solar, já que o sol não dava trégua.

Continuamos a caminhar ao longo da rodovia até a entrada do Parque Natural Municipal Fazenda do Atalaia¹⁸. Dentro da reserva, seguimos por uma estrada de terra larga até chegarmos à sede do parque, onde pudemos reabastecer nossos reservatórios de água e refrescar-nos com uma mangueira. Nesse momento, percebi que minha região glútea estava ardendo, provavelmente devido a uma queimadura causada pelo atrito da areia com o caiaque, que se infiltrara em minha calça. Aproveitei a parada para aplicar creme para assaduras.

¹⁸ Reserva ecológica localizada nos perímetros dos distritos de Cachoeiros de Macaé e Córrego do Ouro, possui 235 hectares, sendo 75% de mata fechada e é uma das poucas reservas de Mata Atlântica ainda intactas no Estado do Rio de Janeiro. Fonte: <https://www.macaerj.gov.br/cidade/conteudo/titulo/ecoturismo#parque-municipal-atalaia>.

Sempre que possível, procurava molhar-me por completo, inclusive as roupas, como forma de amenizar a sensação térmica que ultrapassava os 40 graus à sombra. Evitava, no entanto, molhar os tênis para não prejudicar meus pés durante a longa e dura caminhada. Os/as guardas-parque nos alertaram sobre a presença de onças, que poderiam surgir durante a noite. Também nos informaram que o quarteto que ocupava a terceira posição estava a menos de meia hora à nossa frente, o que nos motivou ainda mais.

Continuamos nossa jornada pelas trilhas do parque, e, mesmo com a chegada da noite, o calor era persistente. Eu suava copiosamente, mas mantinha-me hidratada adequadamente. A natureza exuberante da reserva ecológica nos brindou com o privilégio de podermos reabastecer nossos sistemas de hidratação com águas limpas de nascentes. Conseguimos aumentar o ritmo e, em um ponto elevado, encontramos algumas equipes perdidas, incluindo a Tapajós, que estavam competindo conosco. Nesse estágio, provavelmente, ela também percebeu a oportunidade de disputar o terceiro lugar.

Seguindo com precisão o mapa, tomamos uma trilha íngreme e aceleramos o ritmo na tentativa de deixar as outras equipes para trás. Maria liderou o grupo na frente, e nós a seguimos pela trilha acima. Após alcançarmos o ponto mais alto, levou-nos algum tempo para encontrar a trilha que nos levaria de volta ao povoado onde estava localizada a AT 4, no mesmo local onde havíamos deixado as bicicletas durante a primeira etapa. Ao encontrarmos a estrada, reencontramos também as equipes que estavam "perdidas" na floresta. Dali, podíamos avistar as luzes da cidade, embora ainda enfrentássemos algumas horas de caminhada. Também avistávamos relâmpagos no horizonte e sentíamos ventos fortes: uma tempestade estava prestes a se formar.

Continuamos juntos/as, conversando com atletas das outras equipes; de vez em quando, até tentávamos acelerar o passo (embora sem muita energia) na esperança de deixar para trás a equipe Tapajós, mas ela também aumentava o ritmo, trotando. Ao nos aproximarmos da AT, cruzamos com o quarteto que ocupava o terceiro lugar, já pedalando. A tempestade que se formava não os intimidou.

Minha intenção ao chegar à AT era encontrar um banheiro, pois estava com muita urgência. Contudo, ao chegarmos lá, não havia banheiro! Deixei minha mochila, peguei lenços umedecidos e corri para fora do quintal da casa em busca de um local adequado para me aliviar. Avistei uma grande árvore ao lado do que parecia ser um curral, o cheiro já indicava que era o local certo. No momento em que me agachei, começou a chover e o vento balançava a árvore sobre mim. Confesso que senti medo, mas consegui alcançar meu objetivo. Foi um alívio momentâneo.

De volta à AT, os/as atletas corriam para encontrar abrigo da tempestade nas varandas da casa. Encontrei um lugarzinho para sentar perto de um tanque de lavar roupa; mesmo assim, a chuva molhava meus pés. Parecia sensato esperar que a chuva passasse antes de seguirmos para a etapa de 48 km de MTB. Maria, Marcos e eu aproveitamos para nos hidratar e alimentar, já que ainda havia isotônicos disponíveis da organização. Paulo deitou-se no chão, no canto da varanda, e adormeceu. Tentamos acordá-lo para discutirmos o que fazer em seguida, mas ele não se mexeu. Achamos prudente deixá-lo descansar, visto que o papel do/a navegador/a exige um esforço cognitivo significativo, além do físico, e decidimos descansar também.

Comi um sanduíche amassado de queijo suíço com tomate seco, além de batatinha chips e um chocolate com amendoim. Maria ofereceu um ovo cozido que estava em nossa bolsa de suprimentos, mas, quando ela abriu o recipiente, o cheiro não estava muito agradável, então decidimos não comer. Tentei me ajeitar para tirar um cochilo, mas tudo estava molhado. O barulho da chuva no telhado era ensurdecedor. Enquanto organizava minhas coisas, a energia acabou e tudo ficou escuro. Acendemos nossas *headlamps* e concluí as preparações para seguir para a próxima etapa, enquanto Paulo permanecia adormecido.

Finalmente, quando me acomodei entre o tanque, a parede e os pratinhos de ração dos cães, Marcos apontou o feixe de luz de sua lanterna atrás de mim e gritou: "Nossa, está cheio de carrapatos aí!". Apontei a luz da minha lanterna para a parede e me arrepiei ao ver a quantidade de carrapatos; meu corpo começou a coçar instantaneamente. Fiquei desesperada, pois eram muitos carrapatos. Maria nem se mexeu. Eu só queria sair dali e continuar a prova. Enquanto eles descansavam, eu rezava e, de vez em quando, reclamava e pedia para irmos embora, mas eles não davam ouvidos. Olhava ao redor e via os outros atletas das outras equipes também deitados pelo chão, aparentemente dormindo. Imagino que a esperança de todos ali era que a organização cancelasse algum trecho da prova devido à tempestade. Ou será que era só eu que desejava isso?

Após intensa ansiedade, resolvi abrir meu cobertor de emergência para me deitar sobre ele e os carrapatos. Nesse momento, a chuva já havia amainado um pouco. Quando finalmente me deitei, o diretor da prova chegou ao local. Interpelei-o sobre o andamento da prova, questionando se algum segmento seria cancelado devido às adversas condições climáticas, sobretudo considerando que, na sequência da etapa de MTB, havia um trekking de 9 km até um pico, o que representava um risco considerável pela alta probabilidade de incidência de raios. Ele informou que apenas a etapa de cordas havia sido suprimida, conforme esclarecido ainda no briefing, devido à previsão de chuva, mas que o restante da prova prosseguiria

conforme planejado e que, caso não partíssemos da AT antes das 6h da manhã, sofreríamos um corte, prosseguindo diretamente para a chegada de bicicleta. Indaguei sobre a hora e percebi que não passava de meia-noite. Olhei ao redor e vi que minha equipe ainda dormia. Um sentimento de inquietação se apoderou de mim, pois permanecer naquele local desconfortável não estava nos meus planos. Comecei a questionar a mim mesma sobre o motivo de estar ali. Meus pensamentos se voltaram para Lorenzo e Rodrigo. Pensava no banho quente e na roupa de cama limpa da pousada. Recordava-me do cheiro do cangote de Lorenzo quando me deitava com ele à noite para fazê-lo adormecer... E eu simplesmente não conseguia dormir.

Nesse momento, o capitão da equipe Tapajós perguntou-me sobre nossas intenções, dizendo que o que resolvêssemos, fariam também. Ele realmente parecia disposto a prosseguir com aquela disputa. Declarei que desejava continuar a prova sem cortes. Novamente, convoquei minha equipe, comunicando que a chuva havia diminuído e que devíamos prosseguir. Maria e Marcos concordaram e nos levantamos para despertar Paulo, que se ergueu lentamente, exibindo um semblante desalentado. Aconselhamo-lo a se alimentar, mas ele relatou que não conseguia, devido à náusea. Conseguiu ingerir um pouco de isotônico e, por fim, partimos da AT. A Tapajós e mais duas duplas vieram em seguida.

No início do percurso de bicicleta, percebi que o pneu traseiro de minha *bike* estava com pouca pressão. Paramos para verificar e identificamos um possível vazamento na válvula. Após ajustá-la, utilizamos a bomba manual para inflar o pneu. Logo adiante, enfrentamos uma subida extensa, na qual Maria demonstrou excelente habilidade ao escalar, liderando o grupo, comigo seguindo imediatamente atrás. Os “rapazes” ficaram um pouco mais atrás. À medida que a estrada se tornava mais íngreme, cruzamos com as equipes que haviam partido conosco, as quais haviam deixado suas bicicletas à margem da via e desciam uma escadaria a pé. Foi então que notamos que havíamos chegado ao primeiro PC da etapa, situado em uma cachoeira reconhecida como atração turística local. Conforme as instruções do briefing, um/a integrante da equipe poderia permanecer com as bicicletas enquanto os demais desciam para registrar a passagem pelo PC. Assumindo essa responsabilidade, incentivei os demais a descerem enquanto eu vigiava as bicicletas. Fiquei motivada ao vê-los descendo as escadas com destreza para agilizar nossa progressão e despachar a Tapajós. Retornamos revitalizados à disputa!

Continuamos pedalando sob chuva por longas ascensões. Com a chuva cessando, as subidas se mantiveram, alternadas por descidas longas e perigosas, repletas de pedras soltas. Observei que Maria e eu estávamos à frente, enquanto os rapazes ficavam cada vez mais para

trás. Foi necessário diminuir o ritmo para esperá-los, permitindo que outras equipes avançassem, desaparecendo de nossa vista.

Recordamos que fora mencionado no briefing que, em caso de chuva, seria aconselhável evitar um determinado trecho de trilha (*singletrack*) devido à lenta progressão provocada pelo lamaçal. A alternativa aumentaria o trajeto em aproximadamente 15 km. Decidimos, portanto, contornar esse trecho. Já durante a manhã de domingo, reencontramos as equipes com as quais havíamos partido, incluindo a Tapajós, que novamente conseguiram nos superar. Notamos que Paulo apresentava sinais de letargia e seu ritmo estava cada vez mais lento, mas continuamos avançando e alcançando os PC sem maiores contratempos.

A AT 5 localizava-se no cume de uma montanha, acessível por uma estrada asfaltada repleta de curvas, cujo término parecia infindável. Progredimos lentamente, com Maria e eu liderando e os rapazes logo atrás. Cruzamos com a Tapajós, que já estava retornando, indicando que havia alcançado o PC e, possivelmente, o corte, pois as equipes que chegassem a essa AT após as 8h de domingo teriam que seguir direto para a chegada, excluindo a etapa de trekking de 9 km que conduzia ao pico da montanha.

Naquele momento, uma forte chuva começou a cair, acompanhada de frequentes relâmpagos. Um raio caiu próximo a nós, iluminando o ambiente com um clarão seguido por um estrondo assustador. Após percorrermos mais de 70 km (desde o início da perna de MTB), finalmente chegamos à AT, localizada em uma pequena casa ao pé do pico, onde encontramos um casal muito simpático, responsável pela fiscalização da prova. O casal nos informou sobre o corte na competição. Naquela altura, nossa principal preocupação era simplesmente chegar ao fim da prova. Não nos importávamos mais com o resultado e tínhamos consciência de que não teríamos chances de chegar entre as três primeiras equipes. Após registrar nossa passagem no PC, aproveitamos para tomar um café quente e me proteger com meu anorak, pois, apesar de estar encharcada, era o único momento em que senti um pouco de frio durante a prova e me preparei para o downhill¹⁹. Quando todos estavam prontos, iniciamos a descida, rumo aos últimos 34 km da competição. Analisando o mapa, Paulo nos alertou sobre as longas subidas que enfrentaríamos pela frente.

Depois de algumas dessas longas subidas, chegamos a uma pequena cidade do interior e decidimos fazer uma pausa em uma padaria para tomar café e lanchar. Ao estacionarmos as bicicletas, Paulo deitou-se no chão e adormeceu novamente. Fiquei preocupada ao perceber que seu rosto estava muito vermelho, suspeitando de insolação e/ou desidratação. Sentamos

¹⁹ Descida no mountain bike.

em uma mesinha do lado de fora da padaria, protegidos pela marquise. Os/as moradores/as que entravam para comprar pão nos olhavam com curiosidade, alguns/as perguntando de onde vínhamos e para onde íamos. Estávamos sujos/as, exaustos/as e cheirando mal. Enquanto observava Paulo deitado no chão, uma série de pensamentos passava pela minha mente: refleti sobre sua força física e mental, admirando sua resiliência; também reconheci a nossa própria resistência, minha e de Maria, as mulheres da equipe. Suportamos todos os desafios físicos e emocionais até ali. Ponderava sobre como conseguiríamos prosseguir e completar os mais de trinta quilômetros restantes, a maioria deles em subidas íngremes até a linha de chegada. Além disso, ansiava por voltar para casa e estar com meu filho e com Rodrigo.

Um sentimento de angústia voltou a me dominar. Pensava no que Rodrigo estaria pensando naquele momento, se estaria preocupado ou chateado por eu ainda não ter chegado e por não termos conseguido passar um tempo em família naquele lugar tão bonito. Perguntava-me se ele estava cuidando bem do Lorenzo naquelas cachoeiras perigosas. Destarte, ao examinar as narrativas de outras mães atletas de aventura, percebemos que muitas delas enfrentavam sentimentos de culpa ao retornarem às competições. Essa constatação nos levou a refletir sobre a persistência de uma estrutura patriarcal que coloca a maternidade como o principal papel na vida dessas mulheres (Silva; Novais; Chaves; Mourão, 2023).

Deixamos Paulo descansar enquanto esperávamos o lanche. Pão com queijo, presunto e ovo, além do café puro. O lanche chegou, acordamos Paulo e ele conseguiu comer, lentamente. À frente da padaria havia uma pequena praça, na qual avistei um chuveiro. Sugeri ao Paulo que tomasse um banho, ou pelo menos molhasse a cabeça. Ele não queria, mas insistimos, e ele cedeu. Seguimos pedalando.

Antes de deixarmos a pequena cidade, fizemos uma pausa para redistribuir parte do peso carregado por Paulo, que tinha levado uma grande mochila durante toda a competição. Assumi a responsabilidade de uma pochete volumosa que ele portava, amarrando-a em minha cintura. Dentro dela, encontravam-se um frasco considerável de filtro solar, outro de óleo para corrente e uma bomba de pneu. Entre brincadeiras, questionamos a necessidade de transportar fluidos em recipientes de tamanho tão significativo, o que apenas contribuía para o excesso de peso. Marcos também assumiu parte da carga, e então prosseguimos. Paulo pedalava em um ritmo mais lento do que o restante de nós, o que nos levou a reduzir nossa velocidade para acompanhá-lo.

Naquele momento, intriguei-me (porém não me surpreendi) ao pensar sobre a dinâmica de gênero presente em nossa equipe e, de maneira mais ampla, em situações similares. Comumente, se uma mulher se mostra mais lenta que seus companheiros de equipe,

é praxe que o homem mais forte se ofereça para empurrá-la ou rebocá-la sem que haja uma discussão prévia sobre isso. Essa prática sugere uma expectativa implícita de que a mulher possa precisar ser auxiliada em algum momento, assumindo, portanto, o papel de "elo mais fraco" da equipe. Contudo, quando o membro que enfrenta dificuldades é um homem, percebe-se uma relutância em adotar o mesmo procedimento, evitando-se o reboque por outro homem e, mais raramente, por uma mulher. Parece haver um acordo tácito de que um homem não deve ser rebocado. Nesse contexto, predomina um desconforto geral, levando a equipe a simplesmente diminuir seu ritmo em vez de tomar medidas mais assertivas. Curiosamente, na nossa formação, a bicicleta equipada com reboque pertencia a Paulo.

À medida que enfrentávamos mais subidas e realizávamos breves paradas para nos refrescar, tornou-se evidente o risco de ultrapassarmos o horário limite para conclusão da prova em Sana, fixado para 14h, o que nos colocaria em risco de desclassificação. Seria uma grande injustiça, considerando o esforço despendido e a distância de mais de 250 quilômetros que havíamos percorrido. Lembrando a equipe dessa regra, sugeri que aumentássemos o ritmo para garantir nossa pontuação na etapa e assegurar uma posição entre as cinco primeiras equipes no circuito Brasileiro, além de um segundo lugar na A1 Adventure Series²⁰.

Em uma corrida contra o tempo, conseguimos, quase que milagrosamente, acelerar significativamente nosso progresso, chegando inclusive a ultrapassar uma dupla masculina. Esse final foi extremamente emocionante. Apesar do cansaço, mantivemos um ritmo intenso. Eu estava ansiosa para concluir a prova, questionando-me se Rodrigo e Lorenzo estariam à minha espera.

Atravessamos a linha de chegada na Praça de Sana exatamente às 14h e fomos recebidos sob aplausos de amigos e outros atletas, além da comunidade da CA. Fiquei emocionada ao ver Lorenzo correndo em minha direção para me abraçar. Rodrigo também estava lá, aguardando com uma marmita de almoço, que prontamente devorei. Ter minha família comigo naquele momento foi incrivelmente gratificante.

Aguardamos com expectativa a cerimônia de premiação e a chegada do caminhão da organização com nossos equipamentos. Posteriormente, retornamos à pousada. Apesar do esgotamento, não pude me permitir descansar imediatamente, pois era necessário organizar

²⁰ Adventure 1 (A1) é uma série de corridas de aventura que culmina na Final da Copa do Mundo A1 e nos Campeonatos Mundiais de Corrida de Expedição. As corridas A1 abrangem eventos em todas as regiões das Américas, Ásia, Europa, África e Oceania. Essas corridas variam de duração, indo desde 24 horas até eventos de expedição que duram vários dias. Cada país participante do A1 tem sua própria série nacional, que coroa um campeão nacional, com um número específico de eventos que se qualificam como corridas da Copa do Mundo em cada subcontinente (ADVENTURE1).

rapidamente meus pertences para a viagem de volta. Isso incluiu separar os equipamentos e as roupas, embalar os itens sujos, desmontar a bicicleta e carregar tudo no carro, tudo isso visando partir com a sensação de dever cumprido. Solicitei a ajuda de Lorenzo nesse processo, aproveitando para matar a saudade.

Já no carro, levei um tempo para conseguir adormecer, apesar da exaustão. A adrenalina parecia não ter se dissipado completamente. Minha mente revivia os momentos da prova, que continuariam a ecoar por semanas. Meu corpo estava dolorido, marcado por arranhões, assaduras, bolhas nos pés e um estado geral de letargia, atribuível à falta de sono. Contudo, experimentei uma satisfação indescritível, a qual talvez possa ser atribuída à tal felicidade.

Este relato teve como objetivo refletir sobre minha participação como mulher, mãe e atleta na CA, ampliando a reflexão sobre gênero e maternidade em um esporte dominado por homens. Na tentativa de transformar minha paixão pelo esporte em ciência, encontrei na etnografia um caminho possível, apesar da dificuldade em descorporificar os desafios vividos em palavras escritas.

Os desafios da escrita de si fizeram-me pensar na dualidade entre o imprevisto e o imponderável, proposta por Cristina Dias da Silva (2020), a qual oferece uma lente através da qual podemos examinar as complexidades encontradas na pesquisa de campo antropológica. A prática da escrita etnográfica busca elucidar os obstáculos que os/as pesquisadores/as enfrentam. O conceito de "imponderável" é essencial aqui, indicando tanto a tentativa de delinear os confins do que pode ser expresso ao narrar as vivências dos/as sujeitos/as de estudo (ou sua própria vivência), quanto o desafio do/a pesquisador/a em dar forma textual a essas vivências de maneira lógica. Os percalços do trabalho de campo são entendidos como complexas configurações socio-político-históricas, ressaltando a necessidade de questionar as dinâmicas de poder presentes nas interações de campo, com uma atenção particular às que envolvem o/a próprio/a pesquisador/a (Dias da Silva, 2020).

Mesmo que eu descubra minha verdadeira essência no esporte e, durante aventuras na natureza, acredite encontrar minha identidade genuína ao assumir o papel de uma mulher aventureira, o papel recém-assumido de mãe parece agora ser uma presença constante e indelével em meu corpo. Destarte, em análise de narrativas de mães-atletas de CA, identificamos a ideia de que a maternidade provoca uma transformação na identidade das mulheres (Silva; Novais; Chaves; Mourão, 2023).

Será o papel de mãe o principal papel entre todos aqueles performados por uma mãe-atleta? Ainda sem ter a resposta, e, assim como encontrado nas análises de narrativas de outras

mães-atletas de CA, também desejo compartilhar minha história esportiva imaginando que possa inspirar outras mulheres. Quando a história começa a interagir com a literatura, os estudos de gênero e as epistemologias feministas, ela promove debates que visam dar destaque às mulheres como personagens centrais na narrativa histórica. Portanto, é apropriado referir-se a múltiplas "histórias" e "mulheres", reconhecendo que não há uma única maneira de abordar a historiografia, assim como existem várias maneiras de retratar as mulheres (Goellner, 2007).

Assim, desejo evidenciar a natureza como um ambiente acolhedor para todas as mulheres, independentemente de estarem acompanhadas ou não por suas crianças. Encorajamos a levar suas crianças para aventuras na natureza ou a se permitirem um momento de conexão pessoal com o ambiente natural, procurando reencontrar-se com seu verdadeiro eu, sem a preocupação de que, ao retornarem, seus/as filhos/as não estejam à sua espera. Garantimos, eles/as estarão, e estarão bem.

Ilustração 1 - Eu e Lorenzo na chegada da Expedição Terra de Gigantes em 4 de novembro de 2023



Fonte: Foto de Wladimir Togumi. CBCA
(<https://cbcaventura.org.br/sobre-a-cbca/>).

4 A PESQUISA

Face ao exposto, esclareço que meu interesse nesta tese se centrou no tema da maternidade, especificamente na sua relação com o esporte. Dirigiu-se para a análise dos atravessamentos que a maternidade apresenta na vida e trajetória esportiva das mulheres praticantes de CA.

Portanto, esta pesquisa propõe investigar as histórias de vida esportiva de mães-atletas de CA, identificar seus desafios, suas estratégias de treinamento e conciliação da carreira esportiva com a vida familiar e profissional a partir de suas narrativas. Assim, meus objetivos com e a partir da análise dessas narrativas são:

- Identificar os desafios, as estratégias de treinamento e conciliação da carreira esportiva com a vida familiar e profissional de mães-atletas na CA;
- Analisar como as experiências da maternidade impactam a carreira esportiva e a vida de atletas de CA;

Para a constituição do corpo da pesquisa, foram entrevistadas quatro mães-atletas de CA, cadastradas na Confederação Brasileira de Corridas de Aventura (CBCA) em 2024.

4.1 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

A definição de um método de pesquisa que possibilitasse alcançar meus objetivos constituiu um desafio significativo. Recordo-me da obra de John Law (2004), “After Method”, em que o autor sustenta que descrições simples e lineares não são capazes de dar conta da complexidade dos fenômenos sociais, questionando, assim, o apego das/os cientistas sociais ao rigor dos métodos tradicionais. Nesse sentido, minha preocupação ao escolher o caminho metodológico consistia em identificar a forma mais adequada de desvelar a trajetória das mães-atletas da corrida de aventura. No entanto, à semelhança do argumento de Law, reconheço que não existe um método único ou ideal para tal tarefa.

Porém, também acredito que minha experiência como atleta de CA (e mãe) me garantiu uma entrada privilegiada nesse campo, bem como meus conhecimentos prévios sobre as mães-atletas. Na qualidade de mãe-atleta, pude aproximar-me com mais intimidade do objeto de pesquisa e obter acesso às outras mulheres, à CBCA, aos organizadores e organizadoras de provas e percursos das corridas, incluindo agentes de produção de mídia e conteúdos históricos do mundo da CA no Brasil; além das trocas informais antes, durante e depois das corridas, as quais foram registradas em diário de campo.

Segundo Menga Ludke e Marli André (1986), em abordagens qualitativas, nas quais são priorizadas as informações dos/as interlocutores/as, a aproximação do/a pesquisador/a com as/os pesquisadas/os é fundamental para que se estabeleça uma relação de confiança. Essa modalidade de pesquisa caracteriza-se pela obtenção de dados descritivos no contato direto do/a pesquisador/a com o objeto de estudo, preocupando-se em retratar a perspectiva dos/as participantes, ou seja, o significado que eles/as atribuem aos acontecimentos, às coisas e à vida.

Segundo essa linha de pensamento, nosso cotidiano é repleto de significações e configura um conjunto de vivências do dia a dia. Essas vivências, segundo Thelma Spindola e Rosângela Santos (2003), são percebidas individualmente e renovadas a cada instante. A vida cotidiana é, portanto, vista como ambiente de negociações de acontecimentos pelas pessoas e, ainda, como lugar de disposição da existência pela construção sempre renovada em interface com a natureza e a cultura. Portanto, por meio das narrativas individuais, é possível caracterizar a prática social de um determinado grupo, permitindo compreender as formas com que os/as sujeitos/as se inserem e atuam no campo ao qual pertencem.

Segundo John Law (2004), grande parte da realidade é efêmera e indescritível, o mundo é complexo e bagunçado, portanto não podemos esperar respostas únicas ou simplórias; ao contrário, precisamos conhecer novas maneiras de pensar as confusões da realidade, ou seja, termos a ousadia de usar métodos incomuns ou desconhecidos em Ciências Sociais.

Por exemplo? Aqui estão algumas possibilidades. Talvez precisamos saber através das fomes, sabores, desconfortos ou dores de nossos corpos. Seriam formas de conhecimento como corporificação. Talvez precisamos saber através de emoções “privadas” que nos abrem a mundos de sensibilidades, paixões, intuições, medos e traições. Estas seriam formas de saber como emotividade ou apreensão. Talvez precisamos repensar nossas ideias sobre clareza e rigor, e encontrar maneiras de conhecer o indistinto e o escorregadio sem tentar agarrá-los e segurá-los com força. Aqui, saber, tornar-se-ia possível através de técnicas de imprecisão deliberada. Talvez precisamos repensar até que ponto viaja o que conhecemos e se isso ainda faz sentido em outros locais e, em caso afirmativo, como. Isso seria saber como investigação situada. É quase certo que precisaremos pensar muito sobre a nossa relação com tudo o que sabemos, e perguntar até que ponto o processo de conhecer também o traz à existência. E como tema que permeia tudo, nós certamente deveríamos nos perguntar se “conhecer” é a metáfora que nós precisamos. Se ou quando. Talvez a academia precise pensar em outras metáforas para suas atividades – ou imaginar outras atividades. (Law, 2004, p. 11-12, tradução nossa).

Esta pesquisa consistiu na realização de entrevistas narrativas com quatro mães-atletas de CA, participantes de provas do CBCA em 2023 e 2024. As entrevistas foram realizadas sob

parecer de número 6.667.269, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora – CEP-UFJF. As participantes foram esclarecidas acerca da natureza da pesquisa e assinam Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Inicialmente, elaboramos um questionário sociocultural por meio da plataforma *Google Forms*, o qual foi distribuído pela coordenação do CBCA a todos/as os/as atletas inscritos/as, utilizando os endereços eletrônicos fornecidos no momento do cadastramento. Contudo, das 100 pessoas registradas à época, apenas 18 responderam ao formulário. Diante da baixa adesão, ampliamos a estratégia de divulgação, compartilhando o questionário em um grupo de *WhatsApp* de abrangência nacional, vinculado à CA. Essa ação resultou em mais sete respostas, totalizando 25 participantes. Entre esses/as, cinco eram mulheres, das quais quatro estavam cadastradas no CBCA e três também eram mães. Para a etapa seguinte da pesquisa, optamos por entrevistar as mulheres vinculadas ao CBCA, por entendermos que, em geral, tratava-se de atletas com maior experiência na modalidade. A quarta participante, apesar de não ter respondido ao questionário, também é cadastrada na CBCA e foi convidada por sua relevância na prática e na história do esporte em nível nacional. Outras três mães-atletas foram convidadas via Instagram, porém não responderam ao convite para participar da pesquisa. As respostas das participantes entrevistadas ao questionário sociocultural foram compiladas em um quadro o qual será apresentado a seguir no capítulo 5.

As participantes foram contatadas virtualmente por e-mail ou *WhatsApp*, e as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade delas, por meio do *Google Meet*. As entrevistas foram gravadas e as participantes foram informadas de que nas transcrições e em qualquer reprodução total ou parcial de suas narrativas lhes seria garantido o sigilo sobre sua identificação. Também foram informadas sobre a utilização de técnicas de anonimato (como nomes fictícios), conforme orientação do CEP, e a possibilidade de interrupção ou cancelamento das entrevistas, caso fosse de sua vontade.

Entretanto, a entrevista narrativa é o principal instrumento para esta pesquisa. A entrevista narrativa caracteriza-se de importante abordagem metodológica, frequentemente utilizada em investigações etnossociológicas, a qual busca compreender as interações entre diferentes grupos sociais e as dinâmicas culturais que engendram suas vidas. Nesse contexto, trata-se de uma ferramenta valiosa para coletar e analisar dados qualitativos, especialmente as narrativas pessoais e histórias de vida.

A abordagem da entrevista narrativa, segundo Edla Ribeiro e Sandra Vasconcelos (2020), se baseia na ideia de que as histórias contadas pelas pessoas podem revelar não apenas

informações factuais, mas também *insights* profundos sobre suas experiências, valores, crenças e percepções do mundo. Ao invés de fazer perguntas diretas ou estruturadas, o/a entrevistador/a geralmente busca encorajar os/as participantes a compartilharem suas histórias pessoais e vivências de forma livre e espontânea.

Ao coletar narrativas através das entrevistas, pesquisadores/as podem examinar como os/as interlocutores/as interpretam eventos, situações e contextos sociais em que estão inseridos/as. Isso pode fornecer uma compreensão mais rica das complexidades culturais e sociais que influenciam suas vidas. Além disso, segundo Daniel Bertaux (2010), as narrativas podem ser analisadas para identificar padrões, temas recorrentes, conflitos, mudanças ao longo do tempo e outras informações relevantes para a sondagem etnossociológica.

Edla Ribeiro e Sandra Vasconcelos (2020) recomendam que a pesquisadora ou o pesquisador acompanhe a conversa com um roteiro, pois, apesar da vontade de que a pessoa entrevistada conte sua história com o mínimo de interrupções e desvios, é importante evitar que a pessoa que narra se desvie ou ignore fatos relevantes ao tema da pesquisa. Nesse sentido, elaborei para cada interlocutora algumas perguntas exmanentes as quais chamei de questões gatilho. Estas são questões abertas e exploratórias, com objetivo de incentivar as participantes a discorrerem sobre suas experiências de vida, trajetória esportiva e relações sociais, além de procurar estabelecer um ambiente de confiança e empatia, de modo que elas se sentissem à vontade para compartilhar suas histórias pessoais. As autoras citam a abordagem de Bertaux (2010), a qual orienta que o roteiro não se trata de um questionário e sim de questões sobre o tema estudado.

[...] você encorajará o entrevistado a contar sua vida. Você o estimulará a se apropriar da entrevista, mostrando seu interesse por tudo que ele diz. Você deverá identificar o momento de pedir que desenvolva algum ponto que faz parte do seu roteiro para voltar sobre pontos não abordados (Bertaux, 2010, p. 80).

Nessa perspectiva, para conduzir as entrevistas, utilizei uma questão geradora das narrativas, a qual foi elaborada em conjunto com a orientadora do estudo. Foi realizada uma entrevista piloto nesse processo de construção para que pudéssemos alinhar a “pergunta geradora” também junto às experiências das participantes.

Conte-me sobre a sua rotina de treinamento para corrida de aventura e sobre como funciona durante as competições a conciliação com a sua rotina de mãe, começando o relato por quanto e como começou a participar de corridas de aventura. Relate ainda, em detalhes, como você organiza sua rotina de atleta e mãe (Entrevistadora, 11/12/2024).

Após a “coda”, ou seja, o indício de que a entrevistada havia terminado seu relato, iniciei a fase de questionamento com as questões imanentes (Jovchelovich; Bauer, 2002). Estas se referem tanto aos acontecimentos mencionados na história contada, quanto a tópicos das questões exmanentes levantadas previamente. Em suma, a fase de questionamento é a arte de transformar as questões exmanentes em questões imanentes. Ainda seguindo as recomendações de Sandra Jovchelovich e Martin Bauer (2002) para uma boa entrevista narrativa, tentei não criar um clima de investigação detalhada e, acima de tudo, não apontar contradições nas narrativas, embora as tenha notado algumas vezes. Porém, é imperativo lembrar que a narrativa é a história contada pela própria interlocutora, com espontaneidade e com base em suas memórias e que o objetivo da pesquisadora não é investigar a racionalidade ou a fidedignidade dos fatos narrados com outras fontes de pesquisa e investigação prévia.

As narrativas foram transcritas de acordo com as orientações do Manual Básico do Centro de Memória do Esporte (CEME), respeitando todas as formas discursivas apresentadas pelas participantes e os rigores metodológicos e éticos (Goellner, 2012).

Finalmente, utilizei a análise de discurso sob o enfoque pós-estruturalista, a qual, segundo Rosalind Gill (2015), rompe com as visões realistas da linguagem e rejeita a noção de sujeito unificado coerente. Assim, os enunciados de análise foram elaborados *a posteriori*, ou seja, após ampla exploração do material e em conjunto com os objetivos da tese.

4.2 ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCESA

A Análise de Discurso de linha francesa (ADF) propõe um aprofundamento conceitual do discurso, concebendo-o para além dos limites estritamente linguísticos, ao integrar elementos como o/a sujeito/a, o contexto, a história e a ideologia. Desse modo, para essa perspectiva teórica, a linguagem não é transparente, e justamente aí reside um de seus principais enfoques analíticos: investigar os modos pelos quais o texto produz significação. Assim, o objetivo central da ADF, segundo Eni Pulcinelli Orlandi (2013) é compreender os processos de construção de sentido e de constituição dos/as sujeitos/as em suas posições discursivas. Em outras palavras, é na articulação entre linguagem, sociedade, história e ideologia que se delineia o lugar de fala da pessoa, o qual se torna acessível à análise por meio dos sentidos produzidos e das posições que ocupa.

As condições de produção das narrativas estão intrinsecamente relacionadas aos

elementos que atravessam o discurso, sendo, em um sentido restrito, a situação de enunciação e, em uma abordagem mais abrangente, o contexto sócio-histórico-ideológico que envolve os/as interlocutores/as. Segundo Helena Nagamine Brandão (2015), as formações ideológicas, por sua vez, dizem respeito às posições sociais, políticas e econômicas a partir das quais se fala ou se escreve, estando vinculadas às relações de poder estabelecidas entre as pessoas e que se manifestam nas interações sociais.

Nessa perspectiva, as formações discursivas operam de maneira determinante sobre os sujeitos, conformando aquilo que se compreende como biopoder. A partir de Michel Foucault (1969), a ADF, a qual teve como um de seus principais expoentes Michel Pêcheux (2014), passou a compreender o discurso como um espaço de disputa, atravessado pelas forças da ideologia e do poder. Em contraste com a linguística estrutural tradicional, centrada na análise do texto e da língua enquanto sistemas fechados, a ADF concebe o discurso como expressão concreta da ideologia, arraigada em práticas sociais, nas instituições, nas transformações históricas e nas relações de poder que permeiam a vida social.

Michel Foucault é uma das figuras centrais para o desenvolvimento da ADF, mas é importante esclarecer que Foucault nunca propôs um método formal chamado "Análise de Discurso" nos moldes de uma metodologia fixa. O que ele fez foi oferecer ferramentas teóricas e analíticas que influenciaram profundamente o campo, especialmente a partir de obras como "A Arqueologia do Saber" (1969) e "A Ordem do Discurso" (1971).

Para Foucault, discurso é um conjunto de práticas que sistematicamente formam os objetos de que falamos. Não é apenas o que se diz, mas as condições históricas que tornam possível dizer certas coisas e não outras. Foucault concebe o discurso como produtor de saber e poder; assim, o discurso não reflete a realidade, ele a constrói, organiza e limita. O que pode ser dito, por quem, em que contexto e com que autoridade, tudo isso é condicionado por relações de poder, segundo o autor. Ele também acredita na ruptura da ideia de sujeito/a autônomo/a, ou seja, na análise foucaultiana, o/a sujeito/a não é uma origem fixa do discurso, mas um efeito das próprias formações discursivas. Ou seja, os discursos também produzem os/as sujeitos/as (Foucault, 2014).

Foucault propõe que, ao se conseguir descrever, dentro de um conjunto de enunciados, um determinado sistema de dispersão e, sobretudo, quando se identificam regularidades entre os objetos, os modos de enunciação, os conceitos utilizados e as escolhas temáticas, ou seja, quando se consegue delimitar uma certa ordem, correlações, posições, funcionamentos e transformações, é possível convencionar que estamos diante de uma formação discursiva e estas podem ser compreendidas tanto como processos quanto como ferramentas analíticas

(Foucault, 2014).

Os conceitos-chave da abordagem foucaultiana na Análise de Discurso são: 1- Formações discursivas: Conjuntos de regras que determinam o que pode ser dito e pensado numa época. 2- Regras de produção do discurso: limites, regularidades e exclusões que organizam os saberes. 3- Dispositivo: rede estratégica entre discursos, instituições, práticas e poderes. 4- Arqueologia: descrição das condições históricas que estruturam os discursos. 5- Genealogia: análise das lutas de poder e dos processos de constituição histórica dos discursos. Face ao exposto, pretendo analisar as narrativas das mães-atletas de CA à luz da ADF, com enfoque nos conceitos foucaultianos sobre discurso.

5 ANÁLISE DAS NARRATIVAS: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS

As narrativas das mães-atletas entrevistadas nesta pesquisa são discursos produzidos em um contexto sócio-histórico contemporâneo. O século XXI apresenta a figura feminina emancipada, integrada ao mercado de trabalho e em processo de realização pessoal, apesar de sobrecarregada com acúmulo de funções (Duarte e Silva *et. al*, 2024). Os discursos contemporâneos sobre maternidade ainda são marcados por alguns enunciados como: ideais de maternidade centrados na abnegação e cuidado total (ideologia da “boa mãe” ou “mãe-sacrifício”); mulher empoderada, que busca autonomia e autorrealização; valorização social da performance, tanto no esporte, quanto na vida pessoal e profissional (fruto do neoliberalismo); construção histórica de gênero que ainda coloca a maternidade em conflito com práticas esportivas de alta intensidade (McGregor; McGrath; Young; Nottle, 2023).

Antes de iniciar a análise das narrativas, considero fundamental apresentar um quadro síntese com o perfil sociocultural das quatro participantes entrevistadas. Embora a abordagem discursiva não trate tais informações como determinantes ou explicativas dos enunciados produzidos, elas contribuem para situar as condições de produção dos discursos, permitindo compreender os contextos em que essas mulheres constroem suas experiências como mães-atletas na corrida de aventura. Esse panorama inicial torna visíveis alguns marcadores sociais (como idade, formação, configuração familiar e inserção profissional, tempo dedicado ao treinamento) que atravessam, tensionam ou possibilitam determinados modos de dizer e de se posicionar, oferecendo subsídios para a leitura das análises desenvolvidas nas seções seguintes.

Quadro 1: Perfil sociocultural das participantes

PARTICIPANTE	1	2	3	4
IDADE	39	37	48	38
NACIONALIDADE	Brasileira	Brasileira	Brasileira	Brasileira
NATURALIDADE	Uberaba/ MG	Florianópolis/ SC	São Paulo	São Paulo
RESIDÊNCIA	Uberaba/ MG	Florianópolis/ SC	São Paulo/SP	Lencóis/ Bahia
ETNIA AUTODECLARADA	Branca	Branca	Parda	Branca

ESTADO CIVIL	Separada	Casada	Separada	Casada
FILHOS	Dois. Um casal.	Uma filha	Um filho	Um filho
ESCOLARIDADE/ FORMAÇÃO	Graduada em Administração	Pós-graduação	Graduada em Pedagogia	Graduada em Arquitetura
PROFISSÃO	Administradora	Farmacêutica e empresária	Pedagoga/ Empresária	Treinadora e atleta
RENDA FAMILIAR MENSAL (com base no salário mínimo de 2024)	Entre 6 e 8 salários	Entre 6 e 8 salários	Entre 6 e 8 salários	Entre 6 e 8 salários
HORAS DE TREINO POR SEMANA (em média)	15 a 20 horas	12 horas	15 a 20 horas	15 horas

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A partir das concepções foucaultianas de discurso, compreendido como prática que produz enunciados situados em determinadas condições de possibilidade, iniciei a análise das narrativas produzidas nas entrevistas buscando identificar regularidades, descontinuidades e modos específicos de dizer sobre maternidade, corpo, desempenho e prática esportiva. Esse processo analítico ocorreu em etapas articuladas.

Em um primeiro momento, realizei leituras exaustivas das transcrições, produzindo uma familiarização profunda com o material. Em seguida, procedi à identificação de enunciados recorrentes, entendidos como unidades discursivas que, ainda que expressas de modos variados pelas participantes, mobilizavam sentidos semelhantes e se apoiavam em condições discursivas compartilhadas. Para isso, observei marcas discursivas, tais como expressões reiteradas, justificativas, tensões, silenciamentos, modos de nomear a si e aos/às outros/as, além de contraposições que evidenciavam disputas de sentido.

Posteriormente, essas unidades foram agrupadas com base em regularidades discursivas e formações ideológicas subjacentes, considerando os regimes de verdade que circulam no campo esportivo e nas práticas sociais de maternidade. Esse movimento analítico permitiu compreender como os discursos das mães-atletas se organizavam em torno de certos eixos, revelando tanto sujeições quanto resistências. Assim, as ferramentas analíticas não foram pré-definidas, mas emergiram da própria materialidade discursiva, a partir das aproximações, tensões, deslocamentos e convergências identificados ao longo das narrativas.

O processo culminou na construção de quatro ferramentas analíticas – Maternidade no esporte e identidade da mulher-atleta; Culpa e libertação: sentimentos que atravessam as

mães-atletas na corrida de aventura; Desafios da maternidade na corrida de aventura: cuidado de si e dos outros; e Rede de apoio como dispositivo e resistência na experiência de mães-atletas – que representam os eixos discursivos em torno dos quais se estabilizaram os sentidos produzidos pelas participantes e que orientam a análise apresentada nas seções seguintes.

5.1 Maternidade no esporte e Identidade da mulher-atleta

A identidade pessoal, segundo Flávia Albarello, Elisabetta Crocetti e Mônica Rubini (2018), refere-se à forma como a pessoa atribui sentido à própria existência e define seu propósito de vida. Já a identidade social diz respeito ao modo como a pessoa se posiciona e se comporta dentro dos grupos aos quais pertence. No entanto, essas duas dimensões da identidade não são independentes; ao contrário, interagem constantemente e se influenciam mutuamente.

A identidade pessoal, segundo John Drummond (2021), é moldada ao longo da adolescência e da vida adulta, sendo impactada por experiências vividas, crenças, características individuais e traços de personalidade. No universo esportivo, de acordo com Allison Rasquinha e Cardinal Bradley (2017), ainda destaca-se a chamada identidade atlética ou identidade de atleta, que exerce papel central na forma como o sujeito percebe a si mesmo. Diante disso, eventos significativos, como a maternidade, podem provocar transformações importantes nessa construção identitária. Para mulheres, esse processo envolve, muitas vezes, a negociação contínua entre os papéis de mãe e de atleta, exigindo a reconstrução das fronteiras entre essas duas identidades (Darroch; Hillsburg, 2017; McGannon *et al.*, 2015; Palmer; Leberman, 2009).

Eu acho que foi muito proveniente do fato de eu ter sido mãe e daquela coisa que a gente se doa tanto, tanto, tanto para o outro que chega o momento que você não sabe mais quem que você é né... Você vive para os filhos e para família e eu cheguei no momento em que eu não sabia mais que parte do frango que eu gostava, que música que eu gostava de ouvir, que que é que eu fazia para mim... Eu já não estava fazendo mais nada que fosse para mim (Participante 1).

A fala acima demonstra a construção de uma oposição entre a identidade pré-maternidade e a dissolução do "eu" após o nascimento dos/as filhos/as. Há um campo semântico de perda de si, demonstrando um apagamento da identidade pelo papel materno: *"você não sabe mais quem você é", "não sabia mais que parte do frango eu gostava", "não estava fazendo mais nada que fosse pra mim"*. Na fala da mãe-atleta ecoa um discurso social

sobre a "mãe que vive para os outros", muito presente na formação ideológica da maternidade tradicional. Porém, há uma ruptura quando ela começa a reconhecer essa perda: o discurso da retomada da identidade emerge como resistência ao lugar discursivo da mãe-abnegada.

Margie Daveport, Ray Lauren, Autumn Nسدoly, Jane Thornton, Rshmi Khurana e Tara Mchugh (2023) realizaram um estudo de escopo centrado nas vivências de mães atletas, no qual revelaram importantes compreensões acerca da complexidade enfrentada por essas mulheres ao conciliarem as exigências e os estereótipos sociais com o desafio de construir e afirmar uma nova identidade que integra simultaneamente a maternidade e a prática esportiva. Francine Darroch e Heater Hillsburg (2017), por exemplo, realizaram entrevistas para explorar como corredoras de elite negociaram as identidades conflitantes de atleta e maternidade, e descobriram que essas identidades duplas podem ser complementares, em vez de conflitantes.

Então 2018 foi um ano que eu resolvi voltar treinar, assim, eu comecei a me distanciar da minha pessoa sabe? Filho pequeno, marido muito ciumento, e não queria que eu fizesse nada, não queria nem que eu treinasse... No começo você cede um pouco né, tipo, você acha que vai funcionar, daí depois você percebe, que eu não estava mais feliz, porque eu não era mais eu né, enfim... É... Quer dizer, não é que eu não era mais eu, mas é que eu estava sentindo falta de treinar mais, de competir, que sempre foi minha essência, sempre foi uma coisa que eu gostei muito. E aí eu voltei a treinar e competir. Eu até pensei, na época eu falei: Vou, tipo, se ele surtar, problema dele. Eu vou explodir o casamento, porque agora eu vou fazer o que eu quero. Se ele achar que não vai funcionar, então não vai funcionar. Dito e feito, né, eu meio que sabia que isso ia acontecer e também estava botando, sabe, é, querendo provar para ver mesmo né, e no fim, foi isso, a gente acabou se separando no meio de 2018 e aí foi quando eu voltei a treinar mesmo, de verdade né. Eu ganhei um espaço na minha vida, grande, de não ter mais ninguém me cobrando nada e me proibindo de fazer nada... De me proibir não, ele nunca me proibiu, assim, mas sempre era uma dificuldade sabe? (Participante 3).

A Participante 3 relata em sua narrativa a maternidade e o conflito com o parceiro, apresentando um discurso de resistência. Percebemos o discurso da maternidade atravessada pelo controle masculino: *"marido ciumento"*, *"não queria que eu treinasse"*, *"eu cedia"*, *"não era mais eu"*. Considerando a formação discursiva, percebemos que a mãe-atleta fala a partir de uma posição de resistência ao discurso patriarcal, que tenta limitar os espaços da mulher-mãe. O momento de ruptura é claramente marcado: *"Vou explodir o casamento"*. A partir de então, há uma mudança de posição de sujeita: de submissa a agente da própria decisão. A separação conjugal aparece como condição de possibilidade para a retomada da identidade esportiva.

A mãe-atleta em questão (Participante 3) “cedeu” por um período às expectativas do marido sobre o cuidado e dedicação materna. Porém, ao perceber que estava se afastando da sua identidade de atleta, a qual preservou desde muito jovem, optou pela ruptura no casamento, considerando que a conciliação da vida de esposa, mãe e atleta ficara insustentável.

E aí, quando o Arthur nasceu, em 2017, o Gu seguiu correndo, a gente arrumou outra mulher para colocar em algumas provas e [...] Meio que eu estava com o Arthur, não estava competindo tanto, a rotina tinha mudado drasticamente, porque a gente era livre, podia viajar pra todo canto a todo momento e quando o Arthur nasceu tudo mudou né, então [...] E aí com muito apoio do Gu né, esse retorno ele foi, foi difícil... Eu tipo, nossa, será que eu vou conseguir, será que... Nossa, muito difícil, tem muito tempo que eu não faço isso, não estou tão afim... E ele: “Não, vai, faz, sai, vai! Se mexe... Não, eu fico!”. Tipo, então foi bem legal sabe, esse momento assim pra, pra eu conseguir retornar relativamente rápido às atividades assim... Não deixar isso de lado né, porque não era pra performance, mas pra saúde né, muito mais pra saúde e... É... Ele estava querendo que eu voltasse logo a competir também [risos]. Porque ficou esse tempo todo é difícil né, sempre, fechar equipe, arrumar equipe e então estava nesse dilema [...] (Participante 4).

O discurso da Participante 4 apresenta insegurança (*"será que eu vou conseguir?"*) e presença de suporte (o marido, atleta da mesma equipe, incentiva o retorno ao esporte). Ela vivencia a maternidade com negociação e apoio, a performance aparece em segundo plano, com a retórica do bem-estar, porém, percebe a pressão para o retorno às competições, ou seja, o retorno ao esporte é motivado tanto pela saúde quanto por uma expectativa de voltar à competição de alto nível. Seu discurso revela conciliação de saúde, desempenho e cuidado, sempre com o apoio do marido que, em contrapartida parece não ter deixado de competir no período gestacional e pós-parto do filho. A mãe-atleta relata que no período gestacional e pós-parto a equipe convidou outra integrante feminina para o time, para substituí-la no período do puerpério.

Embora alguns/as estudiosos/as tenham solicitado mais pesquisas sobre o impacto da paternidade no engajamento em esportes e exercícios, segundo Kai Bellows-Riecken e Ryan Rhodes (2008), há poucos estudos que examinam explicitamente o impacto da paternidade no bem-estar físico dos homens. Uma pesquisa de Chris Knoester e David Eggebeen (2006) a qual investigou os impactos da transição para a paternidade e da chegada de filhos na saúde física e psicológica dos homens, nas dinâmicas familiares ampliadas, nas interações sociais e nos comportamentos relacionados ao trabalho aponta que a chegada de filhos acarreta mudanças no bem-estar e na participação social dos pais. Contudo, tais efeitos são mediados

pelo contexto estrutural da paternidade e pelo status parental prévio dos homens. De modo geral, as evidências revelam que tanto a transição para a paternidade quanto o nascimento de filhos reconfiguram principalmente a organização da vida masculina, especialmente quando os homens passam a ser pais co-residentes. Entre os principais impactos observados estão o aumento das interações com a família e entre gerações, o envolvimento em atividades de serviço e a ampliação das horas dedicadas ao trabalho remunerado, frequentemente em detrimento do tempo destinado à socialização.

Margie Davenport e Lauren Ray (2022), em pesquisa que investigou as vivências de atletas de elite no retorno ao esporte após o parto, identificaram um tema central presente em todos os relatos: a limitação de tempo no período pós-parto. As participantes relataram sentir-se pressionadas e envoltas em expectativas para retomar suas atividades esportivas rapidamente, muitas vezes contrariando sua própria avaliação e colocando em risco sua saúde física e emocional. As atletas enfatizaram a importância de cronogramas de retorno mais flexíveis, que possibilitassem a retomada dos treinamentos de acordo com seus próprios ritmos, sem que isso comprometesse suas trajetórias esportivas. O receio de perder espaço em uma equipe ou de não conseguir classificação para competições relevantes foi apontado como fator determinante para o retorno precoce, o que, em diversos casos, resultou em lesões.

Kelly Massey e Amy Whitehead (2022), em pesquisa focada nas experiências de mães-atletas, destacaram suas complexas experiências ao tentarem lidar com expectativas e estereótipos sociais, enquanto, ao mesmo tempo, tentam negociar sua nova identidade como mãe e atleta. Elas explicaram como as negociações de identidade mais desafiadoras ocorrem no primeiro mês pós-parto, pois esse período envolve mudanças de prioridades, sentimentos de incerteza e a navegação por mudanças de financiamento e patrocínio.

Karen Appleby e Leslie Fisher (2009) apontam a maternidade como um momento de reconfiguração das práticas esportivas femininas, especialmente em modalidades de pouca visibilidade. Diferentemente do que ocorre em esportes olímpicos ou de maior alcance midiático, nos quais o retorno pós-parto costuma ser atravessado por pressões de patrocinadores e expectativas de performance (McGannon *et al.*, 2012; Thorpe *et al.*, 2017), no caso da CA observa-se uma motivação distinta: o retorno ao esporte está mais associado ao bem-estar físico e mental, bem como ao desejo de manter o esporte como parte constitutiva de um estilo de vida.

A fala da atleta também aponta para o papel fundamental das redes de apoio, especialmente do companheiro, que incentivou sua volta às práticas e assumiu a responsabilidade pelo cuidado do filho durante os treinos. Essa dimensão corrobora a pesquisa

de Jeniffer Bruening e Marlene Dixon (2008), a qual evidencia como o suporte familiar é determinante para a continuidade da carreira esportiva de mães-atletas. No entanto, nota-se que o incentivo do marido para que a atleta retornasse logo aos treinos se articula com a lógica própria da CA em que a formação de equipes demanda disponibilidade contínua dos integrantes, o que pode gerar pressões indiretas para o retorno da atleta, ainda que não vinculadas a contratos formais de patrocínio.

Ao enfatizar que sua volta não estava vinculada à busca por performance, mas à saúde, a participante desloca o eixo normativo que costuma regular o retorno de mulheres ao esporte pós-maternidade. Em vez de corresponder a expectativas externas de rendimento, sua decisão expressa uma prática de cuidado de si, no sentido foucaultiano, em que o corpo em movimento é condição de equilíbrio físico e mental. Nesse caso, a CA aparece não apenas como prática esportiva, mas como estilo de vida que resiste à lógica utilitarista do alto rendimento e da performance atlética.

[...] Ahhh... E sempre fez parte da minha vida! Então os treinos e etc. são parte da minha rotina, como é parte de uma pessoa acordar de manhã, escovar os dentes, tomar café da manhã... Pra mim faz parte dessa rotina treinar e faz parte do meu calendário anual, que nem as pessoas têm Natal, ano novo, eu tenho as competições. Então tudo isso sempre fez parte para mim. E desde que eu engravidei da Antonela²¹, há quatro anos atrás, agora ela tem 3 anos... Isso sempre se manteve. Então não vou dizer que ahhh, foi uma grande mudança na minha rotina. É assim, quando a gente tem filho a gente não deixa de escovar os dentes, não deixa de ir no banheiro, para mim eu não deixei de competir. Então, é... eu tive que adaptar algumas questões de treino, né, então eu e meu marido a gente se reveza [...] Trabalho bastante, eu tenho uma empresa. Então gosto muito de trabalhar também. É... Mas não deixo de ter tempo pra ficar com a Antonela (Participante 2).

A Participante 2 apresenta um discurso desviante das demais, o qual chamou a atenção. Percebemos um discurso em que não se apresenta a maternidade como ruptura, mas como algo contínuo, integrado: *"não deixei de competir"*, *"como escovar os dentes"*. Ao afirmar que a maternidade não a afastou do esporte, ela produz um efeito de sentido de normalização da dupla identidade (mãe-atleta). Há ecos de um discurso de "mulher total"²²,

²¹ Nome fictício.

²² No romance *"Mal entendido em Moscou"*, Simone de Beauvoir (2011) apresenta uma crítica sutil, mas significativa, ao ideal da "mulher total", conceito associado à imagem de uma mulher que consegue conciliar perfeitamente todas as suas funções (esposa, mãe, profissional, amante, cuidadora e ainda manter autonomia e realização pessoal). Por meio da personagem de nome Nicole (uma mulher de meia idade), Beauvoir desmascara a figura da "mulher total" como uma construção histórica e cultural idealizada e opressiva, a qual exige da mulher uma performance constante de plenitude e autossuficiência, mascarando as dificuldades, angústias e contradições da experiência real feminina,

que dá conta de tudo: família, trabalho, esporte, empresa, casa. O discurso performa a ideia da mulher multitarefa, muito associada ao ideário neoliberal de produtividade feminina.

Michel Foucault (1979) construiu bases teóricas importantes sobre os impactos do neoliberalismo que, posteriormente, foram apropriadas, ampliadas e criticadas por estudiosas/os feministas. Sua noção de “biopolítica” e de “governamentalidade” abriu caminho para reflexões posteriores sobre como o neoliberalismo afeta desigualmente diferentes grupos sociais, especialmente mulheres, pessoas racializadas, classes populares entre outros. O autor adota uma postura descritiva e analítica, buscando entender como o neoliberalismo transforma a forma de governar e de produzir subjetividades, incluindo a substituição da ideia de cidadania por empreendedorismo; a responsabilização individual por problemas sociais e a difusão de uma lógica de concorrência e eficiência no cotidiano.

Segundo Danielle Guizzo Archela e colaboradores (2017), o neoliberalismo não apenas perpetua, mas reconfigura as desigualdades de gênero, ao corroer os fundamentos da democracia, esvaziar o sentido de cidadania e converter a vida social em mercado. Para as mulheres, isso significa tanto a intensificação de antigas formas de dominação quanto a emergência de novas formas de subjetivação e controle. Nesta perspectiva, de acordo com Wendy Brown (1995), as mulheres, tradicionalmente marginalizadas na esfera econômica formal, são particularmente prejudicadas por essa lógica que ignora desigualdades estruturais. A cidadania deixa de ser um espaço de direitos e se torna um espaço de desempenho competitivo.

O trabalho de cuidado, historicamente atribuído às mulheres, é invisibilizado ou desvalorizado no neoliberalismo, já que não gera lucro direto. Isso enfraquece as bases da justiça de gênero, pois o neoliberalismo ignora e precariza atividades fundamentais para a reprodução da vida, como cuidar de crianças, idosos ou doentes (Brown, 1995). A autora também critica como o neoliberalismo incorpora a linguagem dos direitos e da igualdade, transformando reivindicações feministas em discursos de empoderamento individual desvinculados de crítica estrutural. Em vez de lutar por justiça coletiva, mulheres são incentivadas a se “empoderar” individualmente dentro da lógica empresarial, como “empreendedoras de si mesmas”. A lógica meritocrática desconsidera o papel das opressões históricas e sociais, como o patriarcado e o racismo.

especialmente com o passar do tempo. Assim, Beauvoir denuncia que essa ideia é uma armadilha, pois, ao invés de libertar, aprisiona a mulher em uma busca incessante por completude e perfeição que muitas vezes leva ao esvaziamento de sua subjetividade. Nicole, durante uma viagem com a família para Moscou, reflete sobre sua trajetória pessoal e acaba por perceber que não é “total” e isso revela-se como uma libertação: o reconhecimento de sua fragilidade e de seus limites a reconecta com sua própria humanidade.

Finalmente, analisando esses excertos das entrevistas, é possível pensar que eles são afetados pela interferência de um dispositivo. Para Foucault, em suma, um dispositivo é um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, normas, saberes, leis, práticas e mecanismos que se articulam para regular comportamentos e produzir sujeitos/as dentro de relações de poder. O dispositivo opera para responder a urgências históricas, funcionando como uma rede estratégica. A maternidade, sob essa ótica, pode ser vista como um dispositivo social que constrói discursos normativos sobre o que é ser uma “boa mãe” (dedicada, abnegada, disponível); regula práticas corporais e afetivas, impondo modos de ser e agir (por exemplo, a ideia de que a mãe deve priorizar os filhos acima de si mesma); produz subjetividades ao fazer com que as mulheres internalizem essas normas como parte de sua identidade.

Nesse sentido, o dispositivo da maternidade impacta a subjetividade das mães-atletas de várias formas, uma das quais é gerando um conflito entre identidade materna e identidade atlética. A mãe-atleta vive uma tensão constante entre os discursos que exigem dedicação integral à maternidade e aqueles que exigem disciplina, foco e desempenho no esporte. O corpo da atleta, antes valorizado pela performance, passa a ser visto (inclusive por ela mesma) através das lentes da maternidade, como corpo reprodutor e cuidador. Essas atletas, no entanto, também resistem a esses discursos, elaborando novas formas de viver a maternidade e o esporte. Essa resistência pode ser entendida como uma reconfiguração subjetiva, que desafia o dispositivo dominante e cria possibilidades de existência para mães no campo esportivo.

As narrativas analisadas também revelam a não homogeneidade dos discursos. Cada participante ocupa uma posição-sujeita diferente, articulada a diferentes formações ideológicas (patriarcado, neoliberalismo, feminismo, discurso de saúde, etc.). A análise deixa visível o processo de produção de sentidos conflitantes sobre o ser mãe e o ser atleta, mostrando que a identidade é sempre resultado de atravessamentos ideológicos e históricos.

Portanto, à luz do conceito foucaultiano de dispositivo, a maternidade pode ser compreendida como uma estrutura normativa que impacta profundamente a identidade e a subjetividade das mães-atletas. Ela impõe formas específicas de ser mulher e mãe, ao mesmo tempo em que oferece terreno para disputas, resistências e reinvenções de si. Nesse processo, as mães-atletas não apenas reproduzem, mas também podem transformar os sentidos culturais da maternidade e do esporte.

Desse modo, ao operar como dispositivo, a maternidade não apenas orienta normas e expectativas sociais, mas também incide sobre as dimensões afetivas das mães-atletas,

produzindo sentimentos de culpa frente à prática esportiva de alto rendimento. Contudo, é nesse mesmo espaço de tensão que o esporte pode ser vivido como possibilidade de libertação e reinvenção de si, como será apresentado no próximo tópico deste capítulo.

5.2 Culpa e libertação: sentimentos que atravessam as mães-atletas na CA

Quando compreendida como dispositivo, a maternidade não se limita a organizar normas e expectativas sociais em torno do ser mãe, mas também atravessa de modo intenso as experiências emocionais das mães-atletas. Nesse atravessamento, sentimentos de inadequação e a constante exigência de corresponder ao ideal materno podem produzir uma sensação de culpa diante do tempo dedicado ao treinamento e às competições, como já relatado em alguns estudos (Darroch, Hillsburg, 2017; Martinez-Pascual *et al.*, 2016; Palmer, Leberman, 2009).

A culpa, portanto, não emerge apenas como vivência individual, mas como efeito de um regime de verdade que define o que seria uma “boa mãe” em contraste com as práticas esportivas de alto rendimento. Ao mesmo tempo, esse mesmo cenário abre fissuras que possibilitam movimentos de resistência, nos quais a prática esportiva pode ser ressignificada como espaço de libertação e reinvenção de si, revelando a complexidade das experiências maternas no esporte.

[...] então a gente viajava às vezes pra competir, às vezes não, e ficou meio nômade com o Arthur, vivia de competição em competição, saía um pouco de Brasília até vir a pandemia né, aí na pandemia a gente acabou voltando pra Brasília, não teve tantas competições, então meio que quando começou a ficar talvez um pouco muito assim, porque eu tive duas vezes que o Arthur acompanhou, me acompanhou em expedição com esse amigo, encontrando nas áreas de transição, foi a Expedição Guaraní de 2018 de 2019, no final de 2018 fui lá para o mundial da Ilha da Reunião e aí foi a minha primeira viagem sem, sem ele, quando ele tinha um ano e um mês... Foi assim devastador, eu chorava no avião, tipo: “Ahhh o que que eu tô fazendo”, assim sensação de culpa né, e... Mas depois com o desenrolar lá da prova, as funções que tinha que fazer eu meio que pensei em outras coisas assim também não fiquei muito... Mas antecipei a volta, tipo, fiz tudo assim pra, pra voltar o mais rápido possível né. E aí essa também foi a primeira vez que minha mãe ficou mais tempo com o Arthur e aí começou a criar esse vínculo também que, que ela é minha maior rede de apoio né, isso é uma das coisas mais importantes assim que... Como sou eu e o Gu que vamos competir né, não tem como o Arthur ficar com um de nós, sempre nós dois, então ela entra tipo como o nosso braço direito esquerdo e tudo mais né (Participante 4).

A narrativa da Participante 4 expressa efeitos do dispositivo da maternidade, o qual articula saberes, práticas sociais, normas morais e afetos na constituição das subjetividades

femininas no campo esportivo. A experiência da atleta evidencia como a maternidade é atravessada por discursos normativos que exigem presença constante e dedicação exclusiva ao filho, produzindo sentimentos como a culpa, especialmente quando ela se distancia fisicamente da criança em função das competições. Contudo, essa mesma narrativa também revela formas de resistência e reconfiguração da maternidade, por meio da mobilização de redes de apoio e da criação de estratégias logísticas e afetivas para conciliar os papéis de mãe e atleta (“*mas antecipei a volta*”; “*minha mãe ficou mais tempo com o Arthur*”). Esses movimentos demonstram o funcionamento do dispositivo enquanto tecnologia de poder que, ao mesmo tempo em que regula e sujeita, também possibilita a emergência de práticas de liberdade e modos alternativos de subjetivação.

A pandemia, ao interromper o ritmo das competições, atua como elemento desestabilizador desse dispositivo, exigindo rearranjos nas práticas cotidianas e nos vínculos familiares. Dessa forma, o cuidado com o filho se torna uma prática coletiva, reorganizada segundo as demandas do esporte. O discurso da participante torna visível o entrelaçamento entre corpo, emoção, gênero e poder, revelando como as pessoas são produzidas em rede e negociam constantemente os limites entre as exigências sociais e seus próprios desejos e projetos.

Michel Foucault (1990) chamou de “tecnologias do eu” as práticas pelas quais o/a sujeito/a atua sobre si mesmo/a, mas também sobre os/as outros/as e com os/as outros/as, de forma relacional.

Técnicas que permitem aos indivíduos efetuar um certo número de operações em seus próprios corpos, em suas almas, em seus pensamentos, em suas condutas, e de um modo tal que os transforme a si mesmos, que os modifique, com o fim de alcançar um certo estado de perfeição, ou de felicidade, ou de pureza, ou de poder sobrenatural, etc., etc. Permitam-me que chame a esse tipo de técnicas, as técnicas ou tecnologias de um si mesmo [the self] (Foucault, 1990, p. 35-36).

Em outro momento da narrativa, a participante 4 demonstra a importância que sente em estar ao lado do filho e a preocupação em “*estar presente em cada um dos momentos*”:

[...] E a demanda com o Arthur também é grande, porque eu quero passar tempo com ele, eu quero estar com ele né também, então, e essa fase passa rápido demais [risos] né, tipo, as fazes vão mudando igual videogame, vai ficando mais desafiador assim, mais... Da criança [risos] mas... Eu quero estar presente né, eu vejo a importância disso, de como foi a minha infância com a minha mãe, com meu pai. Tem coisa que eu quero fazer igual, tem coisa que eu quero fazer diferente... Também, é... Não quero... É... Eu não quero que o tempo passe e de repente eu me dê conta disso, eu quero estar presente em cada um dos momentos né, assim [pausa] acho que é isso

[coda].

Francine Darroch e Heather Hillsburg (2017) investigaram mães corredoras de elite do Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, Irlanda e Austrália, as quais relataram se sentir egoístas e culpadas ao priorizarem suas próprias necessidades em detrimento das de seus filhos e cônjuges. Da mesma forma, Beatriz Martinez-Pascual *et al.* (2016) descobriram que as mães-atletas de elite espanholas, ao retornarem aos seus papéis como atletas após a gravidez, experimentaram sentimentos de culpa. Farah Palmer e Sarah Leberman (2009), em pesquisa com mães-atletas neozelandesas, também comunicaram que suas participantes mencionaram sentimentos de culpa que se manifestaram na sensação de que estavam perdendo eventos importantes na vida de seus/as filhos/as devido aos seus compromissos esportivos.

Já a narrativa da participante 2 de nossa pesquisa revela a constituição de uma subjetividade que se inscreve nas tensões entre maternidade, desempenho esportivo e os “regimes de verdade”²³ que regulam essas esferas.

Eu vejo que ela desde o início nos vê fazendo esporte, então ela gosta muito e... Eu não sinto que ela é... Tenha restrições por isso, eu vejo que ela se empolga, que ela adora. Vai nas competições junto, então... Claro, às vezes uma competição muito longa, a gente sente muita falta de estar junto né, porque tu queria que a pessoa tivesse junto aproveitando esses momentos. Então sempre que nós viajamos para competir nós tentamos ir a família toda junta, é... Pra aquela prova da... Da África, foram nove dias, ela não foi... Então ali eu senti bastante... Falta, bastante saudade... Toda prova, claro, tu fica junto, tu fica afastada dos seus filhos por qualquer motivo, seja uma viagem, seja um trabalho tu sente saudade, mas é uma saudade muito saudável assim, depois tu chega, tu conta: Ai, eu vi isso, vi aquilo... Aproveitei assim, aproveitei assado... Então tu vê que eles gostam e eles viajam junto, mesmo não tendo indo presencialmente.[...] No meu caso eu não posso dizer que foi ahhh... Que eu tenha impedimentos né, que tenha mudado tanto a minha rotina de treinos ou de participações nas provas e eu acho que às vezes a gente se sente até mais forte e melhor para competir porque tu pensa: Olha, eu podia estar em casa com minha filha, eu estou abrindo mão pra estar aqui, então eu vou aproveitar muito, muito... Então eu vejo que, assim eu aproveito muito! Cada vez que eu estou numa prova, cada vez que a gente viaja a gente aproveita o máximo possível para fazer valer muito a pena.[...] (Participante 2).

²³ Michel Foucault (2014) entende como regimes de verdade os sistemas históricos e sociais por meio dos quais determinadas ideias ou discursos passam a ser reconhecidos como verdadeiros em uma dada sociedade. Para o autor, a verdade não é algo absoluto ou universal, mas produzida dentro de relações de poder e de saber, que definem o que é considerado verdadeiro em um determinado contexto.

O enunciado mobiliza formações discursivas que articulam maternidade e performance de forma positiva, desafiando estereótipos sociais que tradicionalmente opõem o cuidado materno à prática esportiva de alto rendimento. A fala enfatiza a presença da filha nas competições, mesmo quando ausente fisicamente, como um modo de sustentar um laço afetivo que não se rompe com a distância. A elaboração desse discurso pode ser entendida dentro da ética do “cuidado de si”, tal como proposta por Foucault (1990), a qual se traduz na defesa de um espaço pessoal, inegociável, voltado à saúde mental, ao prazer e ao desempenho esportivo. Portanto, a mãe-atleta elabora narrativas que reinscrevem a ausência como presença simbólica.

Além disso, o enunciado revela a internalização de uma racionalidade contemporânea que valoriza o aproveitamento máximo de cada experiência, ecoando as tecnologias neoliberais que produzem sujeitos/as eficientes, motivados/as e autônomos/as. Ao enfatizar que *"abro mão de estar com minha filha, então vou aproveitar muito"*, a atleta manifesta um investimento subjetivo que transforma a ausência familiar em uma justificativa ética para intensificar a performance. Trata-se de um deslocamento dos impedimentos estruturais, muitas vezes impostos às mulheres no esporte, para uma leitura legitimadora da experiência.

Não, um pouco mais, em 2018 ele tinha cinco, foi quando eu realmente voltei a treinar, e aí, tem uma coisa assim que a gente tem que ser um pouco egoísta na vida, pra gente garantir a nossa saúde mental e a nossa situação né.[...] Então, então eu acredito muito nisso, né, que a gente educa pelo exemplo, então eu acho que a gente tem sim, tem que ser egoísta e não ceder ao pedido do filho de ficar em casa entendeu? Ele pediu inúmeras vezes: “Ah mamãe, fica comigo, não vai treinar.” Eu, não, não, não, espera aí que eu já volto, eu vou sim treinar né? E até hoje... Assim, hoje em dia ele está com onze, mas vira e mexe.... É... Ele chega em casa às seis da tarde e eu tenho treino das sete às oito e eu vou no treino das sete às oito no Ibira, entendeu? E volto, espera aí que eu já volto, ou final de semana, sábado, eu quero sair pra pedalar, e eu sei que às vezes eu vou pedalar três horas porque eu vou pra estrada, eu falo: Filho, eu vou cedo, olha, quando você acordar eu não vou estar em casa. “Ah, mas não, eu quero...” Não. Me espera eu voltar que depois a gente faz o que você quer né? Então... Eu meio que eduquei meu filho nesse modelo, né? [...] Então, a minha rotina de treino eu não abro mão. [...] Não adianta nada né? É melhor você não estar perto do seu filho o dia inteiro e na hora que você está, você está completo né, estar ali participando e vivendo junto.[...] Então a gente tem que trabalhar muito mais a segurança da mãe para a mãe ficar tranquila, entregar e falar vai ser feliz filho, sabe, assim, vai curtir aí que eu tô aqui de boa, porque o que acontece é isso a mãe não fica... Ai meu filho... Aquelas mães que ficam olhando na janela... Ai, será que ele tá chorando... No fundo quem tá chorando por dentro é a mãe né, que tá desesperada, ela sentindo falta do filho, não deixando o filho ser feliz, livre né, porque assim, a criança veio nesse mundo pra explorar e se divertir, ela não precisa ficar grudada na mãe. Então essa é uma coisa que eu também sempre torci muito assim, a missão como mãe é fazer com que ele não seja dependente de mim, tipo, eu quero muito que

meu filho seja feliz eu estando por perto ou não. Até porque, a Leo morreu, o Enzo tinha de 9, pra 10 anos. Então nada garante que a gente vai estar do lado dessas crianças pro resto da vida, e essas crianças têm que saber ser feliz sem a gente, que nada garante, entendeu? Então isso também foi uma grande missão para mim (Participante 3).

Na narrativa da participante 3 percebemos um campo de tensões entre os discursos normativos da maternidade, que prescrevem a dedicação incondicional e abnegada da mulher ao filho, e a ética do “cuidado de si”, tal como proposta por Foucault (1990). Quando ela afirma que *“tem que ser um pouco egoísta”*, inscreve-se em uma ruptura com o modelo de “boa-mãe” ou “mãe-sacrifício”, abrindo espaço para uma maternidade que coexiste com o projeto individual.

Esse gesto discursivo também pode ser compreendido dentro do conceito de “prática de liberdade” de Michel Foucault (1990), pois implica a recusa de se submeter integralmente ao regime normativo da “boa-mãe” para a compreensão da constituição de si como sujeita que negocia limites. Nesse sentido, o “egoísmo” é ressignificado como estratégia de resistência diante de uma estrutura que tenta capturar a totalidade da subjetividade feminina pela função materna.

A fala *“eu meio que eduquei meu filho nesse modelo”* revela também como a mãe se posiciona como agente pedagógica de uma nova ética relacional, fundamentada na autonomia mútua. O filho aprende desde cedo que a mãe possui um campo de existência que não se esgota na maternidade. Ao dizer que *“não abre mão”* da rotina de treino, a atleta marca o corpo como território de reivindicação e exercício da soberania de si, opondo-se aos mecanismos de disciplinamento que fazem da mulher-mãe uma presença permanente e submissa.

Do ponto de vista foucaultiano, portanto, esse relato é atravessado por tecnologias de si, práticas pelas quais a pessoa age sobre si mesma para transformar-se. O cuidado com o corpo, a saúde mental, a escolha consciente por afastar-se temporariamente do filho, e a tentativa de ensinar a autonomia a ele, são estratégias que evidenciam esse movimento de subjetivação. Ela não nega a maternidade, mas a reinscreve em um modelo em que o ser-mãe não anula o ser-atleta.

Por fim, quando afirma que sua *“missão como mãe é fazer com que ele não seja dependente de mim”*, a mãe-atleta tensiona o ideal de maternidade fusional, e reivindica uma perspectiva em que o amor materno não se confunde com o controle ou a presença contínua. Esse discurso desafia os “regimes de verdade” que sustentam a maternidade como destino e como presença obrigatória, e propõe uma ética baseada na liberdade e confiança.

A participante 1 descreve que “uma vez que eu vou Fabi, eu nem lembro de mais nada”:

[...] Se falasse, você lembra dos seus filhos? Sei lá se eu lembro você entendeu [...] É tanto sentimento de gratidão é tanta sensação de pertencimento eu me sinto tão bem de estar ali que eu não sinto falta de nada... Assim já me perguntaram, igual acaba a prova, você está com saudade dos seus filhos? Não! Sabe... Assim não, eu não estou, porque assim realmente eu não sinto falta de nada assim é um sentimento de tanto preenchimento que eu vivo aquilo intensamente [...] Minha cabeça em nenhum momento vai para fora, vai para outro lugar... Eu desfruto sabe... Eu me entrego assim totalmente para jornada e não me sinto pesarosa não levo culpa sabe, eu vou assim com a maior alegria e com um sentimento de gratidão assim pulando por poder tá vivendo isso entendeu mesmo ali na dor eu estou dando risada, falo obrigado senhor por ter força e poder estar vivendo tudo isso então assim eu sou muito desprendida dos meninos quando eu estou em prova porque... Eu sempre eu acho que até essa minha busca por estar sempre no meio do mato eu preciso desse momento eu né, eu preciso me auto observar eu preciso voltar para mim então eu faço isso continuamente né, eu acho que inclusive o esporte que a gente escolhe é meio muito isso, esse momento que a gente vai é muito meditativo... Tem gente que toma remédio né Fabi, a gente treina. Então assim para botar tudo para você dar conta das coisas... Então quando eu estou lá eu sinto a minha hora entendeu, é tipo a festa, chegou o dia da festa mais ou menos essa sensação, agora eu vou curtir, entendeu, tudo que eu me preparei, tudo que eu me abdiquei, tudo que abdicamos [...] E acho assim, sinto libertadora essa coisa de não ter contato entendeu, isso em nenhum minuto me aperta o coração, na verdade me dá um senso de liberdade assim de viver mesmo né, totalmente presente assim, sem distrações [...] até a hora que eu voltar porque eu sempre volto [risos] e tem que voltar né porque também mãe não pode morrer não, por isso tem que ser mais bruta que o normal porque morrer também não pode [risos] tem que voltar [coda] (Participante 1).

Percebemos no discurso da mãe-atleta que, embora afirme não sentir culpa, coloca-se no lugar de dar explicações sobre o motivo pelo qual não manifesta tal sentimento ao afastar-se temporariamente dos/as filhos/as para competir. A maternidade, vista aqui como um dispositivo, aparece como uma tecnologia de poder que produz sujeitas-mães, vigiando e normatizando seus comportamentos por meio de discursos sociais, entre eles o discurso midiático.

Kerry McGannon, Christine Gonsalves, Robert Schinke e Rebecca Busanich (2015) conduziram uma análise de conteúdo etnográfico da representação da mídia durante o ano olímpico de 2012, com foco em como as mães atletas eram retratadas. Um dos principais temas identificados em sua análise foi o conflito entre a identidade da atleta e da mãe, descrito como onde as demandas do esporte e da maternidade eram vistas como forças opostas. A mídia frequentemente apresentava uma narrativa que forçava as mulheres a escolher entre

seguir suas carreiras atléticas e cumprir seus papéis sociais como mães. Nos discursos midiáticos, as mães atletas eram frequentemente retratadas como aquelas que vivenciam sofrimento psicológico e sentimento de culpa quando precisam abdicar de um tempo com os/as filhos/as para treinar ou viajar para competir.

Outro estudo analisado mostra que a presença de atletas-mães nas principais mídias esportivas brasileiras ainda é rara e tratada de forma superficial, com apenas 23 matérias publicadas entre 2020 e 2024, em sua maioria relacionadas ao Dia das Mães, evidenciando uma abordagem oportunista e alinhada ao calendário comercial. As reportagens cobrem poucas modalidades esportivas, deixando de fora diversas práticas populares entre mulheres-mães, e tendem a reforçar estereótipos ao destacar o papel materno em detrimento da identidade profissional das atletas. Segundo Laura Martins, Emilly Brito e Soraya Barreto (2024), embora haja avanços impulsionados por debates sobre equidade, o tema ainda carece de visibilidade, abordagem crítica e aprofundamento.

O pós-estruturalismo entende que a identidade não é fixa ou essencial, mas construída discursivamente. Nesse caso, a mídia age como um aparato discursivo que produz e reforça uma identidade específica para mulheres atletas que são mães: a de alguém que está em constante conflito entre dois papéis antagônicos, o de mãe (associado ao cuidado, à presença, à abnegação) e o de atleta (associado ao desempenho, à ambição, à autonomia).

Foucault (2014) propõe que as formas de saber e poder constroem “regimes de verdade”, ou seja, discursos que definem o que é considerado verdadeiro em determinada época e sociedade. O dispositivo da maternidade é um desses discursos, o qual institui a mulher-mãe como essencialmente materna, definindo sua identidade a partir do cuidado, da abnegação e da presença constante junto aos filhos. Nesse cenário, a mãe-atleta que escolhe priorizar sua carreira momentaneamente é posicionada como transgressora dessa norma, sendo então representada como sofredora, dividida e culpada.

Ao afirmar: “*me perguntaram [...] você está com saudades dos seus filhos? Não!*”, a Participante 1 desafia esse regime de verdade. Há uma ruptura com o discurso dominante de que a mãe deve estar permanentemente voltada para os filhos, devotada e culpada por qualquer afastamento. Ela subverte ao reivindicar o direito à ausência sem culpa, deslocando o centro da identidade feminina da maternidade para a experiência pessoal de liberdade, prazer e pertencimento.

Foucault (1990) trata das tecnologias de si como práticas pelas quais os sujeitos constroem a si mesmos, exercendo certo domínio sobre seus corpos, afetos e condutas. No esporte, isso se manifesta como uma forma de disciplinamento e também de libertação. Trata-

se de uma técnica de constituição da subjetividade.

Quando a atleta (participante 1) diz *“eu preciso me auto-observar, eu preciso voltar para mim”*, ela expressa uma prática de subjetivação. A CA é mais do que um evento esportivo: é um ritual de construção de si. O corpo em movimento, a dor, a superação, tudo é vivenciado como parte de um processo de reintegração subjetiva. Quando a atleta diz: *“Tem gente que toma remédio [...] a gente treina”*, revela como o esporte opera como uma tecnologia de cuidado de si, substituindo dispositivos biomédicos por práticas corporais autônomas e transformadoras.

Foucault (1993) concebe a resistência como imanente ao poder. Os/as sujeitos/as não apenas são moldados/as pelos discursos, mas também podem resistir a eles, produzindo “contra-condutas”. A mãe-atleta resiste aos imperativos de culpa, sacrifício e abnegação materna, e produz um novo discurso possível sobre ser mãe.

Ao dizer *“eu não me sinto pesadosa, não levo culpa”* e *“isso em nenhum minuto me aperta o coração, me dá um senso de liberdade”*, a atleta se posiciona como sujeita de resistência. O humor funciona como um marcador discursivo que suaviza, mas não esconde a crítica à romantização da maternidade como função totalizante e absoluta: *“eu sempre volto, e tem que voltar [...] porque mãe não pode morrer não”*.

Para Foucault (2014), o corpo é o alvo dos discursos de poder, mas também é seu ponto de resistência. O corpo da mãe-atleta é atravessado por discursos disciplinares (da maternidade, da feminilidade, do rendimento esportivo), mas também é apropriado por ela como espaço de liberdade e experiência.

O discurso está centrado no corpo vivido: *“mesmo ali na dor eu estou dando risada”*, *“é tipo festa”*. A corporeidade aparece como espaço de presença plena, de suspensão das expectativas normativas, de recusa da vigilância social. Ela reivindica o direito à intensidade, ao prazer e à autonomia, seu corpo não está a serviço de ninguém naquele momento, nem mesmo dos/as filhos/as, mas de si mesma.

5.3 Desafios da maternidade na CA: cuidado de si e dos/as outros/as

Eles nunca foram numa expedição comigo até porque é sempre... Vale, muito legal falar isso primeiro porque a gente pra treinar pra uma expedição a gente treina muito então obviamente os filhos participam né [...] Para a última prova que eu fui, fazer uma ultraciclismo eu passei horas e horas e horas durante 4 meses pedalando com eles na sala e assistindo filme então assim eles estão é... Quantas vezes né eu tenho que abdicar do meu tempo com eles ou de dividir, de criar essas outras alternativas para poder criar e

poder né que eu sou mamãe solteira né, o pai dos meninos mora na cidade mas não mora com a gente então [...] Casar tudo isso com essa vida de mãe é complexo. Eles também precisam se estender, eles também precisam [...] comprar os meus sonhos e ver o quanto isso é importante para mim [...] Porque não tem como falar que eles não participam disso, eles participam ativamente né até porque para mim sair para uma competição ficar 10 dias fora tem que virar o mundo no Giraia, é mãe é, vô é tio, entendeu, para dar conta do barangolé, assim é muito[...] Tudo para todo mundo eles saem de casa existe né ou chega alguém de fora então assim quando eu compro essa coisa da corrida de aventura e isso eles acabam comprando comigo né eles participam sempre, e aí estão sempre pedalando aqui na bicicleta também todo mundo é da bike [...] Mas é né os filhos eu falo eles tem que cumprir esse sonho comprar esse sonho também porque é muita dedicação né a gente se dedica a gente passa tempo fora e treina de manhã e treina de noite ainda faz musculação, então você dá a janta e vai para academia e o outro espera e então tem toda [...] Eu muito grata hoje dos meus filhos entenderem enquanto isso é importante para mim, o quanto, apesar disso não ser profissional, o quanto isso é... De não trazer dinheiro, a gente não ganhar, na verdade a gente gasta dinheiro com isso né Fabi, mas traz uma realização e uma questão muito forte né assim que a gente não consegue pensar sem fazer isso né, tipo, isso faz parte do que eu sou né [coda] (Participante 1).

A narrativa da participante 1 evidencia a tensão constante entre as demandas da maternidade e os investimentos esportivos, revelando estratégias de conciliação que não se apresentam como simples escolhas, mas como negociações cotidianas com múltiplas forças que atravessam seu corpo e sua vida. O relato mostra como o treinamento esportivo é ressignificado para incluir os/as filhos/as, seja com sua presença física durante os treinos, seja engajando-os/as simbolicamente na “compra” dos sonhos da mãe-atleta. Nessa perspectiva, percebe-se uma prática de subjetivação em que a atleta constrói uma identidade sustentada no entrelaçamento das posições de “mãe” e “esportista”, mesmo quando isso exige renúncias, rearranjos e reinvenções de si.

O discurso mobiliza tecnologias de si ao descrever como ela cria formas próprias de manejar a vida familiar e a esportiva, cuidando de si como prática de liberdade que afirma a importância de continuar se realizando enquanto sujeita. Simultaneamente, a narrativa mostra o dispositivo da maternidade operando como um regime de verdade que impõe à mulher a responsabilidade quase total pelo cuidado das crianças, o que se evidencia pela ausência paterna e pela necessidade de mobilizar toda uma rede de apoio para possibilitar sua saída para as competições. Ao mesmo tempo, há resistência a esse dispositivo: ao incluir os/as filhos/as em sua trajetória atlética e ao afirmar que *"isso faz parte do que eu sou"*, ela desloca o lugar da maternidade tradicional e propõe uma nova forma de ser mãe que não se opõe à realização pessoal e ao esporte.

A estratégia da participante 1 de compartilhar seu sonho com os/as filhos/as

(*“comprar os meus sonhos e ver o quanto isso é importante para mim”*) evidencia uma forma de subjetivação em que o projeto pessoal da mãe-atleta é legitimado por meio da aceitação e do envolvimento afetivo das crianças. Esse discurso indica uma inversão sutil no dispositivo tradicional da maternidade, o qual exige da mulher dedicação exclusiva aos/às filhos/as, para uma lógica em que a mãe também reivindica reconhecimento de seus próprios desejos e práticas.

Ao dialogarmos com Michel Foucault (1990), especialmente com sua noção de cuidado de si, podemos compreender que a atleta não está apenas narrando uma rotina de sacrifício, mas performando uma ética de existência que se sustenta na autoconstrução de si como sujeita de desejos, ativa, e comprometida com uma forma de vida que ultrapassa as lógicas produtivistas e utilitárias (já que *“não traz dinheiro”*, *“a gente gasta com isso”*). O cuidado de si, portanto, aparece como prática ética e estética, em que o corpo não apenas performa um ideal atlético, mas evidencia uma fonte de prazer e um modo de ser no mundo: um estilo de vida imerso nas atividades esportivas na natureza.

Simultaneamente, a relação com os/as filhos/as também é atravessada pelo que Foucault (1990) descreve de cuidado dos/as outros/as, na medida em que o sonho individual só é possível com a implicação emocional e prática deles/as. A gratidão expressa pela compreensão dos/as filhos/as não apenas legitima o desejo materno, mas reconfigura o vínculo afetivo como algo baseado no reconhecimento mútuo, e não na abnegação unilateral. Em vez de uma maternidade sacrificial, o discurso aponta para uma maternidade negociada, em que a subjetividade da mãe não é apagada, mas compartilhada, derrubando regimes de verdade e reformulando a maternidade como território de resistência e reinvenção de si.

Então, é... eu tive que adaptar algumas questões de treino, né, então eu e meu marido a gente se reveza... Por exemplo, eu acordo todo dia às 4:30 da manhã, tomo café, estudo uma hora, saio pra treinar durante uma hora, uma hora e meia, volto, assumo ela pra ele ir treinar ou fazer outras coisas e aí eu venho pro trabalho [...] Até estar grávida de nove meses eu ainda competi em prova de trail. É... Não que isso seja uma coisa que eu digo assim, ah é aconselhável, eu super sugiro... Mas no meu caso como participa da minha rotina, eu sempre fiz isso, era natural para o meu corpo que eu me mantivesse correndo. Então, óbvio, parei de competir de bicicleta pelo risco de queda, mas de corrida até [risos] a minha irmã é médica, eu falei para ela: Corre atrás, mas qualquer coisa você me ampara e ela nasce no meio da prova e tá tudo certo. Mas... E daí quando ela fez 20 dias a gente já tava competindo de novo... A primeira coisa que ela comeu na vida que não leite materno até foi por causa de uma corrida, nós fomos competir uma prova do Evandro²⁴ na Bahia, e aí... No Morro de São Paulo. E aí meu pai e a minha boadrasta foram junto... Chegou na hora da largada eu entreguei ela pra eles,

²⁴ Nome fictício.

e eles assim, tá, mas o que ela vai comer? Tu tirou leite? Alguma coisa? E eu falei, não, vai, ela é boazinha, compra aí.... Dá um jeito... Voltei ela já tomava suco de manga, água de coco... Chupava no canudinho que era uma beleza [risos] então [risos], super se virou, assim [risos]. E... bem desde o início ela já faz trilha conosco, então bem desde pequeninha... E os nossos colegas e amigos da corrida mesmo já estão acostumados, eu digo, a primeira trilha dela, ela tinha uma semana, fez vinte quilômetros no colo de uma amiga nossa, eu ainda tava meio me recuperando, já foi no colo dela, então tudo... Participa super de tudo junto... É... Como eu disse, eu não vejo maiores impedimentos, eu entendo muitas vezes que as pessoas colocam né, que...

Questões físicas, fisiológicas, assim mudanças do corpo com a maternidade, eu senti mais logo depois da gestação, assim, ahhh, um pouquinho de fraqueza abdominal, mas aí já faço alguns treinos de pilates, já recupera a questão da fraqueza abdominal... Senti algumas questões logo depois da gestação... A gente tem muita liberação do hormônio relaxina... Então os ligamentos eles ficam mais como se fossem frouxos. Então eu tive ali uma questãozinha de joelho, porque tu acha que tu tá supermulher do mundo, porque tá com muita vontade, aí meu joelho deu uma incomodadinha, mas foi muito rápido assim, como a recuperação, eu acho que a gente tá tão à flor da pele que a gente também se recupera muito rápido. Então a recuperação também foi muito rápida. Em nenhum momento eu sinto que eu tenha piorado em desempenho e etc., pela, pela maternidade...

Da... das questões da corrida de Aventura é isso... Que não senti maiores dificuldades, para ser bem sincera, eu sei que às vezes as pessoas, ah, querem ouvir das dificuldades que existem da maternidade, mas eu posso dizer que tenho muita sorte de não ter... De não sentir essas dificuldades, porque como eu falei eu sinto como sendo algo fisiológico, algo que faz parte da nossa rotina e tendo filho, óbvio que o teu banho vai ser mais rápido, mas vai continuar tomando banho. Óbvio que talvez tu quisesse passar mais tempo esfregando o cabelo nanana... [Inaudível] ali rapidinho, então, tudo pode ter que reduzir um treino ou outro, uma competição ou outra, mas... Tudo se ajusta muito bem [Coda] (Participante 2).

Esse trecho da narrativa da participante 2 evidencia práticas discursivas que atravessam os regimes de verdade sobre maternidade e desempenho esportivo. Quando examinado sob a lente crítica do neoliberalismo e articulado ao imaginário da “supermulher” ou “mulher total”, revela os modos pelos quais os discursos contemporâneos de governamentalidade moldam subjetividades femininas e maternas, especialmente no contexto esportivo. A mãe-atleta não apenas narra sua experiência como um feito de resistência, mas também, ainda que de forma ambígua, reproduz ideais neoliberais de produtividade, desempenho e autossuficiência. Tal posicionamento desloca o corpo materno de um lugar de tutela médica ou moral, reinscrevendo-o como um corpo ativo, potente, gerido pela própria mulher a partir de sua experiência e autoconhecimento.

No paradigma neoliberal, como argumenta Wendy Brown (1995), a subjetividade é cada vez mais constituída como empresa de si mesma, orientada por métricas de eficácia,

superação de limites e autoaperfeiçoamento constante. A mãe-atleta se inscreve nesse modelo ao relatar uma rotina intensa e programada: acordar às 4h30, estudar, treinar, cuidar da filha, trabalhar... Tudo encaixado com precisão e sem espaço para pausas ou vulnerabilidades. Essa narrativa remete diretamente à figura da “supermulher neoliberal”, analisada por autoras como Angela McRobbie (2006) e Rosalind Gill (2011), ou “mulher total” (como apresentada na personagem Nicole do romance de Simone de Beauvoir), que descrevem como a mulher contemporânea é interpelada a dar conta de tudo – maternidade, carreira, autocuidado, vida conjugal – com entusiasmo, leveza e competência, mascarando o peso dessas exigências.

O próprio modo como a atleta descreve seu corpo, que, mesmo gestando ou no puerpério continua performando, é exemplar de como os discursos da performance e da resiliência colonizam a experiência da maternidade. As alterações fisiológicas são narradas como breves obstáculos superados com Pilates e força de vontade, e o retorno precoce às competições é enunciado como escolha pessoal, apagando ou minimizando os riscos e os custos subjetivos e físicos envolvidos. A “*recuperação rápida*” e a afirmação de que “*não sente que tenha piorado em desempenho*” evocam a lógica neoliberal de que tudo é superável mediante esforço individual, deslocando as condições estruturais (como ausência de políticas de cuidado, tempo, apoio institucional) para o plano da responsabilidade pessoal.

Ao dizer que sabe que as pessoas esperam ouvir “*as dificuldades da maternidade*”, mas que no seu caso tudo se ajusta, a mãe-atleta recusa a queixa, mas também naturaliza um modelo de mulher que não pode falhar, contribuindo para a reprodução de um ideal inatingível. Essa postura, embora contra-hegemônica em relação ao arquétipo da mãe abnegada e passiva, ainda se insere no jogo de forças do poder. Segundo Michel Foucault (1987), o corpo é o alvo privilegiado dos discursos de poder, nessa perspectiva, observamos como essa mãe-atleta produz contra-condutas em relação aos saberes médico-científicos que regulam o corpo gestante. Quando ela diz “*não que isso seja uma coisa que eu digo assim, ah é aconselhável... mas no meu caso...*”, há a emergência de uma subjetividade que negocia com os saberes instituídos, mas não se submete inteiramente a eles, produzindo uma espécie de resistência imanente ao próprio poder, nos termos foucaultianos.

O relato mobiliza também uma forma de cuidado de si como Foucault (1990) chamou de uma prática ética voltada à gestão da própria vida e da relação com os/as outros/as, no caso com o marido, a filha, os/as colegas e familiares que compõem a rede de apoio. O revezamento com o parceiro e a integração da criança às rotinas atléticas (desde a trilha com uma semana de vida) revelam práticas de liberdade que se distanciam de uma maternidade sacrificada e solitária.

Além disso, a narrativa da mãe-atleta revela uma estratégia de manutenção da prática esportiva que, embora apresentada como um revezamento com o parceiro, evidencia assimetrias de gênero na organização do tempo e da carga de cuidados. Ao acordar diariamente às 4h30, antes que marido e filha despertem, ela realiza treino, estudo e, em seguida, assume o cuidado com a criança para que o parceiro possa treinar, ajustando-se a um regime que parece preservar os horários e o descanso dele.

Sob a perspectiva foucaultiana, tal rotina constitui uma tecnologia de si que permite à atleta sustentar sua identidade competitiva, mas que se dá em um campo de possibilidades limitado por dispositivos de gênero e regimes de verdade que naturalizam a ideia de que cabe à mãe assumir a maior parte do cuidado, sacrificando-se e responsabilizando-se por quase todos os compromissos, sem comprometer o cotidiano familiar. Nessa perspectiva, as pesquisadoras Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), em estudos sobre patriarcado e sobrecarga de cuidados, discutiram a persistência hierárquica/patriarcal na divisão sexual do trabalho e analisaram como o modelo de “delegação” e a retórica da “conciliação” acabam mantendo a sobrecarga de cuidados sobre as mulheres. Corroborando esses resultados, Farah Palmer e Sarah Leberman (2009) perceberam em seu estudo que a igualdade aparente do revezamento do cuidado encobre uma desigualdade estrutural, na qual o sacrifício de sono e tempo de recuperação recai sobre a mulher-mãe. Tais achados reforçam a lógica de que o corpo e o tempo femininos devem se adaptar às necessidades dos/as outros/as.

Assim, a narrativa é atravessada por ambivalências: ao mesmo tempo que resiste a certos dispositivos normativos da maternidade, ela reforça outros, atualizados pelos imperativos do neoliberalismo, como a produtividade constante, o culto à performance e a idealização de uma mulher-mãe que dá conta de tudo com autonomia e positividade. A “supermulher” que emerge do discurso não é apenas resultado de uma escolha individual, mas efeito de um regime de verdade neoliberal, que transforma a maternidade e o corpo feminino em territórios de otimização e responsabilização permanente.

Ao final da entrevista narrativa com a participante 2, foram conduzidas as seguintes questões iminentes, ao passo que a mãe-atleta apresentou as seguintes respostas:

Outra coisa que você falou que me chamou um pouquinho de atenção foi que às vezes é... O banho fica mais rápido. No caso dos treinos, você notou alguma diferença da duração, de quando você ainda não era mãe, e agora, ou mesmo a rotina de treinos continuou a mesma coisa? (Entrevistadora)

Não, eu aumentei um pouco a intensidade e reduzi o tempo (Participante 2).

Por que você reduziu o tempo? (Entrevistadora)

Pra ficar mais tempo com ela ué, e eu posso treinar tão bem em uma hora quanto eu levaria duas horas pra treinar, é só fazer mais força (Participante 2).

Esse trecho adicional da entrevista amplia e aprofunda as questões já discutidas anteriormente, permitindo uma análise mais densa a partir da crítica ao neoliberalismo, especialmente em relação à construção da subjetividade materna e à lógica da otimização do tempo e da intensificação da performance. É possível perceber que a mãe-atleta utilizou a estratégia de aumentar a intensidade das sessões de treinamento e reduzir o tempo, com objetivo de passar mais tempo com sua filha, porém, na narrativa principal que precede o questionamento, esse fato não é comentado, ou seja, a atleta reforça o discurso de que sua rotina não mudou com o advento da maternidade, exceto quando afirma *“eu tive que adaptar algumas questões de treino”*.

Esse recorte evidencia como a experiência da maternidade, longe de romper com a lógica produtivista, é absorvida por ela. O discurso da atleta não é simplesmente o de uma mulher que “dá conta de tudo”, mas de uma mulher que incorpora e naturaliza os imperativos da eficiência, traduzindo-os em escolhas cotidianas que, embora pareçam livres (*“eu acordo todo dia às 4h30 da manhã, tomo café, estudo uma hora, saio pra treinar durante uma hora, uma hora e meia, volto, assumo ela pra ele ir treinar ou fazer outras coisas e aí eu venho pro trabalho”*) são atravessadas por regimes de verdade que governam corpos e condutas. Trata-se, portanto, de uma subjetividade moldada entre a resiliência (recusa à vitimização), o desejo de presença (com a filha) e a exigência de desempenho (no esporte) e produtividade (no trabalho), constituída em meio às tensões entre o cuidado e o rendimento, entre a afetividade e a otimização do tempo, ou seja, tensões centrais nas formas contemporâneas de ser mulher e mãe sob o a ótica do neoliberalismo.

E eu levei ele pra corrida, então, bem ou mau, eu meio que botei na mochila e levei o moleque pra onde eu ia né, não estava treinando muito e nem competindo, mas eu estava em uma corrida de aventura, tocando a corrida né, também sem dormir, enfim, praticamente com o menino na mochila, com o neném na mochila né (risos) [...] Então era uma coisa que quando eu cheguei perto dos 30, 31, 32 eu falei, gente, ou eu vou ter que... Tudo é uma questão de estratégia na vida e planejamento né, inclusive o que a gente faz, o que a gente escolhe pra gente né (risos) [...] Se eu continuasse correndo, correndo pelo mundo afora, passando meses fora do Brasil, eu não parando quieta aqui, realmente ia ser muito difícil eu encontrar alguém, um parceiro, né? Então realmente foi uma decisão estratégica na minha vida parar um pouco de correr né [...] Aí, quando eu separei, primeiro tu ganha um final de

semana livre e um não né, então, que eu já ganhei. Eu ficava pensando, nossa, vou ter um sábado inteiro pra treinar o quanto eu quiser. Isso era uma das coisas que eu sonhava: Nossa, se um dia eu separar eu vou ter um final de semana livre só meu, porque meu filho vai ficar com meu ex-marido [risos]. [...] Mas assim, falando da minha rotina, bom, antigamente era muito mais fácil treinar né e... Quando não tinha filho eu fazia minha rotina, sempre treinei bastante né, aí depois que ele nasceu e depois, quando ele tinha uns três anos e meio, que aí é esse ano que eu falei que foi em dois mil e... Não, um pouco mais, em 2018 ele tinha cinco, foi quando eu realmente voltei a treinar, e aí, tem uma coisa assim que a gente tem que ser um pouco egoísta na vida, pra gente garantir a nossa saúde mental e a nossa situação né. É claro que eu organizo de um jeito aonde eu consigo estar com ele o máximo possível, mas eu não preciso estar grudada né. Então eu faço uma função... (Participante 3).

A análise desse excerto da entrevista da Participante 3 permite vislumbrar como a subjetividade da mãe-atleta é atravessada por diferentes formações discursivas que operam na articulação entre maternidade, carreira esportiva e estratégias de vida. A narrativa se estrutura a partir de uma memória discursiva que remete ao ethos da mulher forte, multifuncional, que “carrega o filho na mochila” enquanto realiza a complexa tarefa de coordenar um evento esportivo de grande porte. Essa imagem, reforçada pelo riso e pela naturalização do acúmulo de tarefas (“*sem dormir*”, “*com o neném na mochila*”), evidencia o modo como a mãe-atleta se inscreve em discursos que legitimam a sobreposição de funções e o sacrifício pessoal como marcas de competência e dedicação.

O deslocamento temporal (“*quando cheguei perto dos 30*”) introduz um ponto de inflexão na narrativa, em que a enunciação se alinha a um discurso estratégico sobre escolhas de vida, revelando a influência de uma racionalidade contemporânea que interpela os/as sujeitos/as a se autogerirem. Ao afirmar que “*tudo é uma questão de estratégia na vida e planejamento*”, a interlocutora ativa uma discursividade neoliberal de gestão da própria existência, na qual até mesmo o amor, a maternidade e a carreira são objetos de cálculo e otimização. A narrativa, portanto, é tensionada diretamente por discursos normativos sobre a maternidade, particularmente aqueles que estabelecem uma idade ideal e uma forma ideal de ser mãe. A mãe-atleta relata que, ao se aproximar dos 30 anos, sentiu a necessidade de fazer escolhas estratégicas em sua vida afetiva e profissional, indicando que estava sob o efeito de uma normatividade que institui esse período da vida como “tempo certo” para a maternidade e para a constituição de um núcleo familiar. Esse momento é atravessado por um regime de verdade que associa a maturidade biológica e cronológica da mulher a uma expectativa de estabilização: encontrar um parceiro, cessar as viagens constantes e assumir a maternidade em sua forma socialmente valorizada (estável, cuidadora, presente e renunciante).

Segundo Michel Foucault (2014), os regimes de verdade se sustentam por meio de dispositivos que articulam saberes, práticas, instituições e normas de conduta. A ideia de que há um “momento certo” para ser mãe, e que esse momento deve ser acompanhado de uma reorganização de prioridades, geralmente em direção à contenção e à vida doméstica, é parte de um dispositivo de sexualidade que regula corpos femininos e seus potenciais produtivos e reprodutivos. Ela menciona que se via “*correndo pelo mundo afora*” e, por isso, temia não encontrar um parceiro, o que evidencia a força desse dispositivo na produção de subjetividades femininas: é esperado que, em determinado ponto da vida, a mulher cesse o movimento, o risco e a liberdade, e se estabilize em função do casamento e da maternidade.

Entretanto, a enunciação também performa um deslocamento dessas normas. Ao relatar que levou o bebê recém-nascido a um evento esportivo e que continuou organizando e planejando suas atividades com o filho por perto (e não necessariamente em função exclusiva dele), a mãe-atleta inscreve-se em um contradiscurso que desafia o ideal de maternidade abnegada, sedentária e centralizadora. Da mesma forma, ao articular a separação como uma forma de conquistar tempo livre para si ela desestabiliza a ideia de que a maternidade deve ser vivida exclusivamente no interior de um arranjo heteronormativo.

Ao dialogarmos com Foucault (1990), podemos entender que essa mãe-atleta opera “práticas de liberdade” ao constituir sua maternidade de forma estratégica e negociada, em confronto com os saberes normativos que buscam naturalizar uma trajetória linear e homogênea para os corpos femininos. Seu discurso explicita uma gestão de si que não se reduz à submissão, mas que agencia autonomia, reconfigura papéis e desafia os dispositivos que regulam a maternidade como destino inevitável e modo de vida exclusivo.

Assim, a análise evidencia como os discursos normativos sobre a idade e a forma ideal da maternidade operam como tecnologias de poder que incidem sobre os corpos e os modos de vida das mulheres. No entanto, também revela fissuras nesses discursos, por meio de práticas que, embora situadas no campo da normatividade (planejamento, gestão, cuidado), são apropriadas de forma estratégica para abrir espaço a uma maternidade mais plural, menos regulada e mais voltada à experimentação de si.

Finalmente, ao afirmar que é preciso “*ser um pouco egoísta na vida*” para garantir a saúde mental, a mãe-atleta confronta o discurso dominante da maternidade sacrificial. Tal enunciado inscreve-se em uma formação discursiva que desafia os regimes de verdade que instituem a “boa mãe” que renuncia a si mesma. A contraposição entre “*estar com ele o máximo possível*” e “*não precisar estar grudada*” revela uma estratégia de reposicionar a maternidade em termos mais fluídos, negociáveis e compatíveis com a afirmação de uma

subjetividade autônoma, ainda que atravessada pelas normas e expectativas sociais que regulam o que é ser mulher, mãe e atleta. Essa análise permite, assim, evidenciar a pluralidade de vozes que constituem a mãe-atleta em questão, seus deslocamentos identitários e as estratégias discursivas e de conduta que sustentam formas possíveis de viver a maternidade para além do modelo normativo hegemônico.

Daí quando o Arthur nasceu, com 15 dias eu já voltei a caminhar... Então empurrei ele no carrinho milhares de vezes [risos], tinha o rolo em casa, que eu fazia 20 minutos por dia... Mas já fui voltando[...] E aí o Arthur teria 8 meses nesse, então essa foi minha primeira expedição, 8 meses depois de ter filho e aí eu coloquei limites e condições, que era de ficar, eu levei meu filho com um amigo [...] a gente chamou ele pra ir com a gente pra prova e ele encontrar a gente em todas as áreas de transição para eu conseguir amamentar e eu teria 15 minutos só com o Arthur [...] E aí deu muito certo, a gente ganhou a prova lá, ganhamos até dos Franceses que foram os campeões mundiais agora em 2024, eles estavam nessa prova e foi muito louca assim né, toda a experiência né, porque comecei a enxergar o esporte de uma nova maneira né, eu tinha muito mais pressa para chegar na próxima área de transição pra encontrar com o Arthur [risos] e poder ficar um pouquinho com ele, foi uma coisa muito instintiva né, de deixar a cria e ter que pegar tipo assim, foi bem desafiador, assim, foi... E... Mas ele estava lá comigo, então eu via ele uma vez podia, duas vezes por dia né, e nos outros momentos eu tirava leite com a bombinha manual e misturava um cappuccino [risos], e tomava durante a prova, o Gu tomava também [risos] (Participante 4).

A narrativa da Participante 4 revela uma posição de sujeita historicamente constituída nos jogos de saber-poder e atravessada por diferentes formações discursivas que produzem sentidos sobre maternidade, corpo e desempenho esportivo. A mãe-atleta também usou estratégias para o retorno às atividades físicas pós-parto: “*Então empurrei ele no carrinho milhares de vezes*”, “*tinha o rolo²⁵ em casa, que eu fazia 20 minutos por dia*”. Karen Appleby e Leslie Fisher (2009), em pesquisas anteriores, já haviam demonstrado que mães atletas conseguem integrar maternidade e esporte com êxito por meio de práticas como levar as crianças aos treinos. Já Farah Palmer e Sarah Leberman (2009) observaram, em seu estudo, a adoção de uma identidade dual, mantendo o esporte separado da vida familiar para garantir qualidade em ambas as funções.

O discurso da participante 4 também revela o embate entre normas sociais hegemônicas e práticas de resistência que reinventam modos de ser mãe e de ser atleta. A decisão de levar o filho à competição e negociar condições específicas para amamentar nas áreas de transição evidencia não apenas uma adaptação logística, mas a produção de um novo

²⁵ Rolo é um equipamento esportivo o qual permite pedalar a bicicleta de estrada de maneira estacionária, no conforto de sua própria casa.

regime de verdade sobre o que é possível ao corpo da mãe-atleta. Esse corpo, atravessado por exigências do rendimento e da maternidade, não é domesticado ou submisso, mas reativado como lugar de invenção e resistência. As participantes do estudo de Margie Davenport e Lauren Ray (2022), em pesquisa com mães-atletas de elite pós-parto, discutiram várias considerações sobre a amamentação durante o treino, enfatizando o esforço despendido para coordenar a rotina de alimentação de seus bebês com o treinamento de alto rendimento. O leite extraído manualmente durante a prova e misturado ao cappuccino simboliza uma articulação singular entre práticas de cuidado materno e manutenção da performance atlética, revelando uma corporeidade que escapa aos binarismos normativos e que fabrica para si novas formas de viver, treinar e maternar.

Ademais, a retomada precoce das atividades físicas, com apenas 15 dias após o parto, desloca os discursos normativos sobre o puerpério, reconfigurando a noção de corpo materno frágil e disciplinado para um corpo ativo, resistente e autônomo. Quando ela diz *“comecei a enxergar o esporte de uma nova maneira né, eu tinha muito mais pressa para chegar na próxima área de transição pra encontrar com o Arthur”*, evidencia que a maternidade passou a ser aliada ao desempenho esportivo e o filho, uma motivação a mais para a performance. Nesse processo, os saberes biomédicos, esportivos e maternos são mobilizados como tecnologias de si, nas quais o corpo é simultaneamente lugar de cuidado de si, dos/as outros/as (filho) e possível de ser treinado e preparado para o desempenho.

Dialogando com Michel Foucault (1990), podemos entender essas práticas como expressões das tecnologias do eu, nas quais a atleta cria estratégias para governar sua própria conduta diante da experiência da maternidade, sem abandonar o investimento em si mesma como sujeita atlética. Nesse sentido, a fala da atleta materializa uma forma de resistência que, como concebe Foucault, é imanente ao poder: ela emerge justamente nas fissuras dos discursos que tentam regular a conduta das mulheres-mães, abrindo possibilidades de subjetivação que rompem com os modelos prescritos. O deslocamento do foco da performance pela performance para a performance pelo encontro (com o filho, com experiências na natureza e com o próprio corpo e seus limites) é uma operação ética e política de cuidado de si e dos/as outros/as, redefinindo o lugar da maternidade no campo esportivo e social.

No dia-a-dia eu e Gu a gente usa o horário da escola do Arthur pra estar treinando junto, então de 8 à meio dia, é quando a gente tem pra treinar né, a gente não treina 4 horas por dia todo dia, mas entre uma e quatro horas né, dependendo do momento, da fase de treino e tal, sempre um pouco mais de

corrida, depois bike e por último canoagem né, no volume e de tarde eventualmente faz uma segunda atividade com o Arthur, faz uma escalada ou vai no rio e rema um pouquinho e ele fica lá tomando banho de rio, ou faz um funcional em casa né, às vezes essas coisas, às vezes ele vai pra casa de amigos também [...] Tem lá bastante abdicação assim, abdicação que fala? É né... É, de... Principalmente de vida social eu acho né, de coisas mais... E a demanda com o Arthur também é grande, porque eu quero passar tempo com ele, eu quero estar com ele né também, então, e essa fase passa rápido demais [risos] né, tipo, as fazes vão mudando igual videogame, vai ficando mais desafiador assim, mais... Da criança [risos] mas... Eu quero estar presente né, eu vejo a importância disso, de como foi a minha infância com a minha mãe, com meu pai. Tem coisa que eu quero fazer igual, tem coisa que eu quero fazer diferente [...] Por muito tempo eu fazia treinos curtos, duas, três horas no dia, máximo né, assim, uma hora, duas horas, três horas, não tinha assim longão não. Depois... Sim, voltei a fazer longões, faço alguns, faço menos do que eu já fiz, mas a gente se reveza né, eu e Gu. Eu vou sozinha e depois ele vai sozinho, tipo, ainda mais solitário [risos], minha única companhia que é ele, sabe, fica difícil. [...] Eventualmente a gente consegue deixar o Arthur com alguém e vai, aí a gente vai nós dois e.... faz o treino junto, porque também é mais legal [coda] (Participante 4).

Nesse outro momento da narrativa, a participante 4 revela os desafios, as negociações e as resistências produzidas nos cruzamentos entre maternidade, alta performance e vida cotidiana. A mãe-atleta inscreve-se num campo de saber-poder em que o corpo materno-esportivo é tensionado por diferentes regimes de verdade: o do desempenho, o da dedicação à criança e o da organização da vida familiar. O discurso revela uma produção de si marcada por uma lógica de autogoverno e ajustamento contínuo, em que os/as sujeitos/as precisam se reconfigurar para manter a vida esportiva ativa sem negligenciar os compromissos afetivos e parentais.

A gestão do tempo entre os turnos escolares do filho, o revezamento com o parceiro, os momentos de treino individual ou coletivo e o cuidado com a criança evidenciam práticas de tecnologias de si, em que a participante opera transformações em si mesma com vistas a um certo ideal: a conjunção entre um “bom desempenho” como atleta e uma “boa presença” como mãe. Esse trabalho constante sobre si, sobre o corpo, sobre o cotidiano e sobre as relações familiares não é neutro: é uma forma de resistência ativa às normatividades que exigem que a maternidade seja uma experiência totalizante, desvinculada do prazer, da realização ou da individualidade feminina.

As estratégias descritas pela atleta, como treinar enquanto o filho está na escola, envolver a criança em atividades físicas, adaptar a duração e o tipo de treino, ou fazer longões revezando com o parceiro revelam uma micropolítica do cuidado e da resistência. Trata-se de práticas de conciliação que produzem novas formas de viver a maternidade e o esporte, forjando subjetividades que escapam aos modelos hegemônicos de ambos os campos. Além

disso, há um deslocamento na compreensão da performance: ela deixa de ser somente medida por resultados, passando a incluir o esforço de manter-se em movimento dentro das condições concretas da vida, o que a torna política. Destarte, Kerry McGannon, Jenny McMahon e Christine Gonsalves (2018), em seu estudo, sugerem que mães precisam fazer “malabarismos” para manter a prática esportiva, o trabalho e os cuidados com os/as filhos/as.

Quando a mãe-atleta fala da “abdição de vida social” e da importância de estar com o filho, emerge o discurso da maternidade como valor, mas não mais como destino ou prisão. Ela constrói um ethos de maternidade relacional, reflexiva e ativa, que se afirma sem renunciar ao desejo por si, inclusive por uma prática esportiva exigente e solitária como a travessia de longas trilhas. A fala sobre sua infância e o desejo de “*fazer igual ou diferente*” aciona uma hermenêutica de si, como propõe Foucault, em que a maternidade também é um campo de experimentação ética, na tentativa de construir relações mais conscientes, tanto com o filho quanto consigo mesma.

Por fim, o discurso é atravessado por risos e hesitações (“*é abdição que fala?*”, “*fica difícil*”, “*mais solitário*”) que não enfraquecem o relato, mas o humanizam, revelando o quanto o processo de subjetivação é marcado por ambivalências, dúvidas e tensões. O riso, nesse caso, pode ser lido como marcador da consciência das normas sociais que estão sendo deslocadas, sem que isso se traduza em oposição aberta, mas sim em invenção silenciosa de outras possibilidades. Trata-se, portanto, de uma narrativa potente que encarna as complexas formas contemporâneas de viver a maternidade enquanto prática de liberdade.

Os discursos analisados evidenciam como a presença de uma rede de apoio sólida é decisiva para que mães-atletas conciliem as demandas do cuidado com as exigências de uma carreira esportiva de alto rendimento. Mais do que um arranjo logístico, essa rede constitui-se como prática social e discursiva que redistribui responsabilidades, reconfigura papéis e legitima ausências, operando como tecnologia que viabiliza a circulação das mães-atletas entre diferentes esferas normativas. Ao mesmo tempo, a resignificação da ausência como experiência de liberdade e cuidado de si rompe com o imaginário dominante da maternidade vigilante e integral, abrindo espaço para a construção de subjetividades que resistem e deslocam sentidos hegemônicos.

Essa dinâmica, no entanto, não é homogênea entre as mães-atletas. As narrativas do corpus revelam situações e momentos na vida dessas mulheres em que a rede de apoio é frágil, inexistente ou marcada por tensões, evidenciando que a possibilidade de sustentar um projeto esportivo competitivo está diretamente ligada às condições relacionais e estruturais de cada sujeita. É nesse entrecruzamento entre experiências individuais e dispositivos sociais

mais amplos que se torna possível compreender as formas múltiplas de gestão da maternidade no campo esportivo, tema que será aprofundado na análise seguinte.

5.4 Rede de apoio como dispositivo e resistência na experiência de mães-atletas

No campo dos estudos sobre maternidade e esporte, a noção de rede de apoio tem se mostrado fundamental para a compreensão das condições que permitem ou dificultam a continuidade da carreira esportiva após a maternidade. Pesquisas apontam que essa rede se constitui por um conjunto de relações (familiares, comunitárias, profissionais e institucionais) que viabilizam a reorganização das responsabilidades cotidianas e o compartilhamento do cuidado infantil (Leberman; Palmer, 2009; Darroch *et al.*, 2016). No contexto das mães-atletas, a rede de apoio não apenas cumpre uma função prática, mas também simbólica, pois oferece segurança emocional, legitima a participação em competições e atua como mediadora entre o espaço doméstico e o espaço esportivo (McGannon *et al.*, 2012).

Sob a perspectiva foucaultiana, essas redes podem ser compreendidas como dispositivos que articulam saberes, práticas e relações para gerir a ausência materna de forma socialmente confiável e aceitável, mantendo, ao mesmo tempo, a governabilidade da vida familiar e a presença da mãe-atleta no cenário competitivo. Entretanto, a composição e a eficácia dessas redes não são homogêneas; elas variam conforme contextos socioeconômicos, disponibilidade de recursos e capital social. Tal variação revela que a maternidade no esporte é atravessada por desigualdades estruturais, de modo que o acesso a uma rede ampla e estável pode representar um diferencial decisivo na viabilidade da carreira esportiva.

[...] eles participam ativamente né até porque para mim sair para uma competição ficar 10 dias fora tem que virar o mundo no Giraia, é mãe é, vô é tio, entendeu, para dar conta do barangolé, assim é muito... Tudo para, todo mundo... Eles saem de casa, existe né... Ou chega alguém de fora, então assim, quando eu compro essa coisa da corrida de aventura... E isso eles acabam comprando comigo né [...] Para uma pessoa, para uma mãe ir, tem muita gente indo né, junto na mala né, a gente não vai sozinha pra uma expedição, tem muita gente por trás né, quando você tem que ter um exército aí te apoiando... Então eu fico muito confiante nesse exército e me jogo mundo afora e o dia que eu vou [...] Então eu vou bem tranquila cabeça leve coração cheio e deixa os meninos aqui até a hora que eu voltar porque eu sempre volto [risos] (Participante 1).

A narrativa da Participante 1 articula-se em uma formação discursiva que tensiona dois regimes de verdade distintos: o da maternidade normativa, que historicamente associa a “boa mãe” à presença física constante, ao cuidado integral e à prioridade dos filhos, e o da CA,

marcado pela disponibilidade de mobilidade, busca de desempenho e autonomia individual. A fala, permeada por marcas de oralidade e por expressões metafóricas como “*virar o mundo no Giraia*” e “*exército te apoiando*”, constrói a rede de apoio como elemento estruturante de sua experiência. Essa rede, composta por familiares próximos (mãe, avô, tio), é enunciada como condição de possibilidade para a participação em competições que demandam longos períodos de ausência, revelando que o investimento no projeto esportivo da mãe-atleta não é individual, e sim um empreendimento coletivo.

Sob a lente foucaultiana, essa rede pode ser compreendida como parte de um dispositivo que reorganiza fluxos de cuidado, permitindo que a mãe-atleta circule entre diferentes campos (o familiar e o esportivo) sem romper totalmente com as demandas de responsabilidade materna. Trata-se de uma engrenagem que mobiliza saberes, práticas e relações para gerir a casa e o cuidado, mitigando os efeitos do afastamento e o legitimando socialmente. Tal arranjo evidencia uma dimensão de governamentalidade, na medida em que regula condutas, distribui papéis e ajusta a vida da mãe-atleta às exigências de dois campos normativos distintos.

Assim, a rede de apoio desempenha dupla função: no plano prático, viabiliza materialmente a permanência da mãe no esporte; no plano discursivo, sustenta um reposicionamento identitário que desloca os sentidos dominantes da maternidade, introduzindo brechas para a construção de novos modos de ser mãe e atleta. Ao mesmo tempo que revela a ausência de políticas institucionais de suporte, essa rede funciona como tecnologia social que, articulada ao dispositivo da maternidade e do esporte, possibilita não apenas a continuidade da carreira, mas também a produção de uma subjetividade que se reconhece livre, potente e legitimada.

Então sempre que nós viajamos para competir nós tentamos ir a família toda junta, é [...] Até mesmo por questão de rede de apoio... Eu tenho muito essa facilidade, que eu tenho meu marido, eu tenho a minha família que me ajuda, a Antonela tem uma Tata desde que é pequenininha, está com a gente também, então eu tenho uma ótima rede de apoio [...] Ela fica ou com meu pai e com a minha madrasta ou com a minha mãe e com meu padrasto... Normalmente... Ou às vezes com a mãe do Ricardo... Então sempre tem alguém para ficar com ela... Minha irmã... E ela adora né, casa de vó, como que não vai adorar, então ela fica bem feliz (Participante 2).

A narrativa da Participante 2 sobre sua rede de apoio é marcada por um tom de satisfação e segurança: “*ótima rede de apoio*”, “*ela fica bem feliz*”. Esse discurso constrói uma imagem de estabilidade emocional tanto para a mãe quanto para a criança. O uso reiterado de pronomes pessoais como “*eu tenho*”, “*nós tentamos*” e possessivos “*meu*

marido”, “*minha família*” evidencia um pertencimento e um reconhecimento da rede como parte constitutiva de seu cotidiano esportivo. A repetição de “*sempre*” reforça a ideia de confiabilidade e continuidade desse suporte. A figura da “Tata” (provavelmente uma babá/cuidadora fixa) insere uma dimensão profissional nesse arranjo, sinalizando que a rede não é composta apenas por laços afetivos, mas também por relações contratadas, o que remete a um contexto socioeconômico específico que permite essa ampliação do suporte.

Na lente foucaultiana, essa rede funciona como dispositivo que garante a governabilidade da vida cotidiana da atleta, permitindo que ela atenda às exigências do esporte sem romper com a lógica de responsabilidade materna. A mãe-atleta apresenta sua rede uma extensão da família, de modo que a ausência física é absorvida social e afetivamente.

O tom positivo e afetivo da afirmativa “*como que não vai adorar*” naturaliza a separação temporária e a desloca do campo da culpa para o campo da satisfação. Isso tem efeitos discursivos importantes, pois legitima a prática esportiva da mãe-atleta; reafirma a importância da rede como garantidora do bem-estar infantil e produz uma narrativa de harmonia, minimizando possíveis tensões ou dificuldades nesse arranjo. Esse efeito contrasta com discursos de mães-atletas que enfrentam redes instáveis ou ausentes, evidenciando que a experiência da maternidade no esporte é atravessada por desigualdades estruturais e contextuais.

Embora o discurso esteja alinhado a um modelo tradicional de apoio familiar, ele também opera como forma de resistência ao discurso da “boa mãe”. Ao delegar o cuidado com segurança e confiança, a atleta preserva espaço para o cuidado de si (no sentido foucaultiano) e para o desenvolvimento de sua trajetória esportiva, deslocando parcialmente o ideal da mãe disponível em tempo integral.

O enunciado constrói uma rede de apoio ampla, estável e afetivamente segura, que atua como condição de possibilidade para a prática esportiva competitiva. Essa rede, híbrida entre laços de parentesco e vínculo profissional, ilustra como a maternidade no esporte de alto rendimento exige arranjos flexíveis, mas também como nem todas as atletas têm acesso a essa estrutura. Ao naturalizar a delegação do cuidado e associá-la a prazer e bem-estar, o discurso reforça a legitimidade da participação esportiva materna, ao mesmo tempo que evidencia o papel da rede como dispositivo central na gestão da vida de mães-atletas.

A narrativa da Participante 3, a seguir, também evidencia como a disponibilidade econômica desempenha papel central na possibilidade de manutenção da carreira esportiva materna, especialmente quando envolve contar com apoio remunerado, como uma babá.

Ambas revelam estratégias de organização do cuidado infantil que se articulam à rotina de treinos e competições, mas que dependem de recursos para serem viabilizadas. Assim, as duas experiências revelam que, embora a rede de apoio possa ter formatos distintos (familiar, remunerada ou mista), a sustentação dessa estrutura pressupõe certo nível de capital econômico, que se traduz em maior flexibilidade para conciliar maternidade e alto rendimento esportivo.

[...] eu nunca abri mão de ter ajuda aqui em casa, justamente porque eu queria poder trabalhar e treinar né, mesmo quando eu era casada, mesmo, meu ex-marido uma vez falou: “Ah, não, você não precisa ter babá, ah não, para de trabalhar, cuida do Gabriel²⁶ que eu banco tudo.” E eu falei, não, de jeito nenhum, pode deixar que eu vou pagar a babá desde hoje, porque eu quero continuar trabalhando, era uma coisa assim que eu realmente fazia questão. E, enfim, continuei mantendo isso, de ter ajuda em casa, justamente... Eu prefiro sim, trabalhar, assim, ter ajuda pra poder trabalhar, ganhar dinheiro, pagar essa ajuda pra poder trabalhar e viajar e treinar né, porque, nas escolas do Gabriel ele já estudou de manhã, à tarde, porque cada escola era de um jeito, então quando ele estudava à tarde ele precisava de alguém pra ficar com ele de manhã, pra eu poder sair pra treinar. E hoje em dia é óbvio que ele já está um pouquinho maior então eu deixo ele em casa, mas antes disso eu tinha essa troca de final de semana né, quando ele era um pouco menor eu não podia deixar ele em casa sozinho... Era só as semanas que ele ficava com o ex-marido, com o pai enfim né. Então, a minha rotina de treino eu não abro mão. É... Eu consigo me organizar de um jeito que [pausa]. Hoje em dia eu faço meus treinos quando ele está na escola... Por exemplo: Eu vou remar na hora do almoço nos dois dias que ele também fica na escola até depois do almoço, entendeu? É claro que eu organizo de um jeito aonde eu consigo estar com ele o máximo possível, mas eu não preciso estar grudada né (Participante 3).

Analisando a narrativa da participante 3 também percebemos um posicionamento discursivo marcado pela recusa de se submeter à lógica normativa que associa maternidade exclusivamente à dedicação integral e presencial ao filho. O enunciado “*eu nunca abri mão de ter ajuda aqui em casa*” opera como um marcador de resistência frente ao que Foucault (2014) chamaria de um regime de verdade dominante: o de que a “boa mãe” deve renunciar a interesses e carreira para se dedicar exclusivamente ao cuidado. Ao relatar a ocasião em que o ex-marido sugere que ela abandone o trabalho (“*para de trabalhar, cuida do Gabriel que eu banco tudo*”), a resposta “*de jeito nenhum*” não apenas recusa a proposta, mas inscreve-se como um ato discursivo que rompe com a naturalização da dependência econômica e da renúncia de projetos pessoais.

Na perspectiva da ADF, é possível identificar formações discursivas que tensionam

²⁶ Nome fictício

dois campos: de um lado, o discurso tradicional da maternidade como dedicação integral e da mulher como dependente; de outro, um discurso de autonomia, vinculado a práticas de autogoverno e cuidado de si. A organização da rotina como o ajuste dos treinos ao horário escolar do filho e a manutenção de redes de apoio profissionais (babás) e familiares materializam uma “estratégia de subjetivação” que combina o cuidado de si com o cuidado do/a outro/a (Foucault, 1990).

Percebemos o uso recorrente de justificativas (“*justamente porque eu queria poder trabalhar e treinar*”; “*eu organizo de um jeito... mas eu não preciso estar grudada*”), as quais demonstram que, mesmo afirmando sua autonomia, a mãe-atleta negocia com a pressão social de provar que continua presente na vida do filho. Isso revela o que autoras como Sharon Hays (1996) e Terry Arendell (2000) chamam de “*intensive mothering discourse*”, que exige demonstrações constantes de dedicação, ainda que as práticas se afastem do ideal normativo. Portanto é importante observar que essa reconfiguração não significa sair do campo normativo, pois, ela ainda precisa negociar com expectativas sociais, como demonstrado na ênfase em “*organizar de um jeito que consigo estar com ele o máximo possível*”. Essa justificativa mostra a força persistente do dispositivo da maternidade, que exige não apenas o cumprimento de cuidados, mas também a performance discursiva de estar presente, mesmo quando a prática do cuidado é mediada por redes de apoio.

A decisão de manter ajuda remunerada e organizar a rotina de treinos reflete uma prática de liberdade foucaultiana: um exercício ético que não se reduz a simplesmente “desobedecer” a norma, mas implica criar para si um modo de vida que permita sustentar seus projetos e desejos, mesmo sob coerção social ou relacional. Nessa perspectiva, a rede de apoio não é vista como substituição da função materna, mas como tecnologia de si (Foucault, 1990) que possibilita a permanência no esporte de alto rendimento.

Farah Palmer e Sarah Leberman (2009) mostram que mulheres atletas frequentemente mobilizam redes de apoio para viabilizar suas carreiras pós-maternidade, mas que tais estratégias são atravessadas por julgamentos sociais, reforçando a necessidade de justificar escolhas. Holly Thorpe e colaboradores/as (2017) mostram que mães atletas frequentemente operam nesse campo de tensões, utilizando estratégias que não destroem o dispositivo, mas o reorientam para permitir a continuidade da carreira esportiva. Essas estratégias podem ser vistas como micro-resistências, as quais, no sentido foucaultiano, são práticas que não rompem totalmente com a norma, mas deslocam suas fronteiras (Foucault, 2006).

A fala da participante 3 também se alinha às análises de Karen Douglas e David Carless (2009) sobre narrativas de resistência no esporte, nas quais atletas mulheres criam

contra-narrativas que sustentam suas identidades atléticas em meio a contextos que tentam restringi-las. Além disso, estudiosas como Sally Shaw e Larena Hoeber (2003) apontam que o uso de redes de apoio, seja familiares, institucionais ou pagas, não é apenas uma solução logística, mas uma forma de redistribuir responsabilidades tradicionalmente atribuídas às mulheres, problematizando a ideia de que a maternidade é uma função exclusivamente individual.

Assim, o discurso analisado não apenas descreve logística e organização, mas enuncia um posicionamento político frente a dispositivos de gênero e maternidade. A recusa de abrir mão da carreira e do treino pós-maternidade, sustentada por redes de apoio, emerge como um ato que desestabiliza representações tradicionais e abre espaço para outras formas de ser mãe e atleta.

Desde que ele nasceu eu já organizava corridas de aventura, eu viajava muito [...] A primeira vez que eu viajei ele tinha 9 meses, eu passei uma semana fora. Não tinha nem 1 ano. Então eu já fiquei sete dias fora, entendeu? Então na vida dele, ele sempre se acostumou um pouco com a mãe... Ia e voltava, ia e voltava, ia e voltava... Aí, com certeza, essa foi a mais longa e mais longe né, porque... Eu depois da prova ainda fiquei viajando mais... Quase, tipo quinze dias lá em Fiji né, porque eu estava lá do outro lado do mundo né... Então eu passei quase um mês fora. Foram, tipo, 28 dias... E no fundo, assim, eu tenho uma teoria que eu tento até ajudar minhas amigas, é... Quando a criança é pequena, é... A gente tentar falar muito é pior pra eles, né... Porque uma vez que você sai de perto, assim, no começo tem saudade, de repente passa um período... Eles meio que esquecem... Está lá com o pai, com as avós, fazendo outras coisas tal, então eu nunca e, até hoje né, porque hoje eu ainda viajo bastante, organizo várias corridas né, ainda faço várias coisas. Às vezes eu passo uma semana fora e eu falo assim... Julho eu passo dez dias fora, assim, e ele aqui em São Paulo e eu estou viajando, eu falo com ele duas vezes, em dez dias assim. A gente não tem essa necessidade de ficar falando todo dia... Ai, você está bem, não sei o quê.... Ele não tem paciência. Toda vez que eu tento falar com ele, ele fica tipo, ah, foi bem na escola? Sim. Você foi no futebol? Sim. E o não sei o quê, foi legal? Sim. Tipo... Eles não, não... Não quer trocar ideia, beleza, tá bem? Tá bem, então tá, beijo, tchau, mamãe te ama tá? Tchau.

Este bloco analítico sobre o excerto acima busca problematizar a sobrecarga de cuidado vivida pela Participante 3 como produção histórica e governamental de subjetividades, desigualdades e práticas de cuidado. Ela relata que organiza corridas, viaja com frequência e gere a logística de afastamentos, apresentando as eventuais ausências como condição necessária à viabilidade de uma carreira de alto rendimento.

Sob a leitura foucaultiana, tais enunciados não são meros relatos individuais, mas um constructo de regimes de verdade que normalizam a distância física da mãe como técnica de

governança da própria vida familiar e da carreira de atleta e organizadora de eventos esportivos. O cuidado, nesse sentido, opera como uma prática disciplinar que, ao internalizar normas de eficiência e produtividade, transforma o tempo de ausência em recurso gerencial no qual a criança aprende a conviver com múltiplos cuidadores (pai e avós) e, ao mesmo tempo, legitima a atuação profissional da mãe-atleta. Essa estratégia de cuidado não apenas demanda energia logística (deslocamento, ausência prolongada, reconfiguração de rotinas) como impõe uma certa gestão emocional. A mãe-atleta desenvolveu uma técnica de cuidado na qual defende a ideia de que falar muito com a criança (durante o período de afastamento pelas viagens) pode ser contraproducente e demasiadamente exigente para a criança naquele estágio de desenvolvimento (*“uma teoria que eu tento até ajudar minhas amigas”*). A ausência não se configura como falta, mas como uma estratégia pedagógica/afetiva na qual a autenticidade do afeto é mantida por meio de uma comunicação minimalista (*“falamos duas vezes em dez dias”*, *“beijo, tchau, mamãe te ama”*) sem configurar uma negligência e sim uma norma construída para manter a relação sem exigir presença diária. Assim, o discurso alivia a culpa potencial de afastamentos, substituindo-a por uma lógica de eficiência emocional e prática. Na sociedade patriarcal, tal conduta é normalizada quando realizada por um pai, mas causa estranheza quando atribuída à mãe.

Importante destacar que a assimetria entre o papel materno (eixo organizador do cotidiano) e os papéis de apoio (pai, avós) funciona como um dispositivo de normalização que, sob o manto da autonomia infantil, codifica uma divisão sexual do cuidado, que, na prática, recai de modo desproporcional sobre a mãe. Nesse arranjo, o tempo de contato é regulado por demandas profissionais, o que evidencia uma forma de biopolítica na qual o corpo da criança é administrado pelo tempo disponível da mãe e pelas redes de suporte, inaugurando um regime de governança afetiva que busca equilibrar o desempenho esportivo com a viabilidade emocional da família. Em síntese, a análise revela que a sobrecarga de cuidado para a mãe não é apenas uma questão de tempo, mas um regime de saber/poder que produz subjetividades e normaliza desigualdades entre cuidadores. Além disso, a narrativa revela uma economia de cuidado que potencializa a carreira da atleta, porém essa estratégia parece custar uma gestão de afeto que recai de modo estrutural sobre a mulher.

[...] eu levei meu filho com um amigo (para uma competição de Corrida de Aventura de 5 dias, sem paradas), que era nosso professor na assessoria né, e aí ele estava constantemente com a gente e convivendo com o Arthur, então a gente chamou ele pra ir com a gente pra prova e ele encontrar a gente em todas as áreas de transição para eu conseguir amamentar e eu teria 15 minutos só com o Arthur e a galera fazendo a transição [...] E aí essa também

foi a primeira vez que minha mãe ficou mais tempo com o Arthur e aí começou a criar esse vínculo também que, que ela é minha maior rede de apoio né, isso é uma das coisas mais importantes assim que... Como sou eu e o Gu (pai) que vamos competir né, não tem como o Arthur ficar com um de nós, sempre nós dois, então ela entra tipo como o nosso braço direito esquerdo e tudo mais né, então às vezes ela vem para cá, fica aqui na minha casa [...] E aí, todo começo de ano ela já quer saber o calendário, as principais provas pra poder ajeitar a rotina dela entorno disso, porque eu até já tive que arrumar outras pessoas, tenho uma rede de apoio legal aqui no Vale do Capão, onde eu moro, mães de amigos da sala, já deixei, uma semana, com um, uma semana com outro, já tive também essa, esse, essa ajuda né, mas minha mãe é disparado quem mais me ajuda né, da melhor maneira possível assim, eu conto sempre muito com ela em todas as competições, diminuí também a frequência né, a gente acaba que faz o mínimo pra se manter dentro do circuito mundial, é... Também por questões de logística de ter que sair daqui, dirigir 500 km, organizar o Arthur, organizar com a minha mãe, ela vem, então tipo, tudo isso vai cansando, assim, é bastante desgastante mas a gente quer se manter ativo e competindo né, ao mesmo tempo a gente vem tendo os melhores resultados da vida né, assim esse equilíbrio, de alguma maneira a gente encontrou. No dia-a-dia eu e Gu a gente usa o horário da escola do Arthur pra estar treinando junto, então de 8 à meio dia, é quando a gente tem pra treinar né, a gente não treina 4 horas por dia todo dia, mas entre uma e quatro horas né, dependendo do momento, da fase de treino e tal, sempre um pouco mais de corrida, depois bike e por último canoagem né, no volume e de tarde eventualmente faz uma segunda atividade com o Arthur, faz uma escalada ou vai no rio e rema um pouquinho e ele fica lá tomando banho de rio, ou faz um funcional em casa né, às vezes essas coisas, às vezes ele vai pra casa de amigos também, tem muitos amigos aqui, tipo, Vale do Capão é meio uma cidade de interior dos anos 60 né [risos] [...] E ele tem essa liberdade, cem por cento seguro, então ele tem essa liberdade, ir pra casa de amigo andando sozinho, com sete anos, é... Um Manda mensagem pro outro, então é assim, muito seguro assim e ele ama demais, a escola também é muito legal, foi uma das, foi um dos motivos que a gente veio parar aqui no Vale do Capão também, por conta da escola... É uma escola com metodologia Waldorf que a gente acha bem legal e... Ele ama a escola também então é, um pouco a razão também de a gente né, é claro, tem toda a parte que a gente trabalha online, a gente foi aos poucos moldando a nossa vida para estar em um lugar como esse né, Parque Nacional da Chapada Diamantina, então é, e ter essa vida, de certa maneira né (Participante 4).

A narrativa da Participante 4 revela a mobilização de práticas que articulam cuidado com o próprio corpo (treinamento, manutenção da performance) e cuidado com o filho (amamentação em prova, escolha de escola alinhada a valores). A atleta constrói um relato de equilíbrio entre alto rendimento e maternidade, legitimando-se como capaz de manter performance (“*melhores resultados da vida*”) apesar de adaptações. Dessa forma, o discurso evidencia estratégias de governo de si e governo dos/as outros/as (gerir treinos, competições, deslocamentos e rotina familiar segundo parâmetros definidos internamente), mas ainda em diálogo com exigências externas do circuito competitivo.

A mãe-atleta utiliza estratégias de reorganização da rotina e dos treinos no período pós-maternidade, articulando cuidados de si e do filho por meio de práticas adaptativas, como o uso do horário escolar para treinar, o revezamento com o parceiro e a integração do filho em algumas atividades físicas. A rede de apoio aparece como elemento central, destacando-se a figura da avó materna como suporte primário e flexível (acompanha calendário competitivo, adapta rotina de trabalho, desloca-se entre cidades), complementada por laços comunitários no Vale do Capão, cuja configuração de segurança e sociabilidade reforça a autonomia da criança.

A decisão de reduzir a frequência de competições após a maternidade, mantendo apenas o mínimo necessário para permanecer no circuito mundial, indica uma reconfiguração das prioridades e da temporalidade competitiva, em que a logística, o desgaste físico e emocional e a organização familiar passam a integrar, de forma decisiva, o cálculo sobre quais eventos disputar. Sob a perspectiva foucaultiana, essas práticas expressam um exercício de autogoverno que negocia com as exigências do alto rendimento e com os dispositivos normativos da maternidade, produzindo um regime próprio de verdade em que desempenho esportivo, liberdade infantil e qualidade de vida coexistem. Nesse processo, a mãe-atleta constrói formas de resistência às lógicas produtivistas e urbanas, moldando um modo de vida que preserva a identidade competitiva enquanto expande a agência materna e um estilo de vida ligado à natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese procurou refletir e avaliar os desafios enfrentados por mães-atletas na corrida de aventura, explorando as formas pelas quais conciliam maternidade e carreira esportiva, bem como os significados que atribuem a essa experiência. A partir da análise de discurso empreendida em diálogo com teorizações foucaultianas e a literatura nacional e internacional produzida na temática da pesquisa, foi possível evidenciar que a maternidade, no campo esportivo, é atravessada por regimes de verdade que naturalizam papéis de gênero, delimitam expectativas e instituem formas normativas de ser mãe e de ser atleta.

O que as narrativas dessas atletas revelam é que o discurso da maternidade não é homogêneo. Cada mãe-atleta ocupa uma posição de sujeita diferente, produzindo discursos articulados a formações ideológicas, regimes de verdade e estruturas de poder (como patriarcado, neoliberalismo, feminismo, discurso de saúde, biopoder). A análise deixa visível o processo de produção de sentidos conflitantes sobre o ser mãe e ser atleta, mostrando que a identidade é sempre resultado de atravessamentos ideológicos, históricos e sociais.

Os resultados demonstraram que, embora o discurso da CA esteja associado à superação, à resistência e à liberdade, na prática, as experiências maternas nesse contexto revelam um cenário permeado por negociações constantes entre demandas familiares e exigências competitivas. As atletas elaboram estratégias singulares para manter o desempenho esportivo, muitas vezes recorrendo a redes de apoio compostas por familiares, companheiros, amigos e profissionais, outras vezes levando seus filhos às sessões de treinamento, tudo isso equilibrando sobrecargas significativas de trabalho, gestão doméstica e de cuidado. A assimetria observada nas divisões de tarefas entre mães e pais, mesmo em contextos nos quais o discurso da “parceria” está presente, expõe a persistência de lógicas patriarcais que se infiltram nas dinâmicas do cotidiano.

As análises indicam que a conciliação entre maternidade e esporte, longe de ser apenas um obstáculo ou interrupção, também se configura como espaço de invenção de si e de práticas de liberdade. Ao criar rotinas alternativas, redefinir prioridades e resistir a expectativas sociais sobre o ser mãe, essas mulheres não apenas permanecem no esporte, mas reconfiguram sua identidade atlética. Esse movimento, no entanto, ocorre dentro de condições históricas e sociais que limitam as possibilidades de escolha, revelando a tensão permanente entre agência individual e estruturas de poder.

Nesse sentido, a investigação trouxe à tona barreiras estruturais e socioculturais que tanto limitam quanto, em casos específicos, possibilitam a prática esportiva. A ausência de

políticas institucionais direcionadas à maternidade, a naturalização de uma divisão desigual das tarefas domésticas e a invisibilidade do cuidado no planejamento esportivo aparecem como obstáculos centrais. Por outro lado, em alguns casos, o acesso a condições socioeconômicas privilegiadas, a flexibilidade profissional ou a presença de familiares disponíveis funcionaram como elementos facilitadores, embora restritos a determinadas realidades.

As narrativas também mostram que as identidades maternas influenciam diretamente a permanência e o desempenho esportivo. Ser mãe não é apenas um marcador biográfico, mas um fator que reconfigura prioridades, rotinas e percepções de si. Algumas atletas relatam que a maternidade fortaleceu seu engajamento e ressignificou o sentido da prática esportiva; outras apontam limitações de tempo, energia e recursos que afetaram seu rendimento competitivo. Esse duplo movimento evidencia que a maternidade, no esporte, é atravessada por contradições e disputas simbólicas que impactam de forma singular a trajetória de cada mulher.

As narrativas evidenciam que as mães-atletas da CA enfrentam um conjunto complexo de desafios, entre eles o retorno aos treinos e às competições após o parto. O retorno ao esporte é atravessado menos por limitações corporais e mais pelas exigências de cuidado intensivo com o bebê, as quais impactam seus tempos, ritmos e disponibilidades. Somam-se a isso desafios logísticos cotidianos, como articular redes de apoio para treinar, competir e viajar, além de garantir que todos os aspectos referentes ao bem-estar da criança estejam adequadamente planejados. Em menor escala, mas ainda de modo significativo, essas mulheres também precisam negociar as pressões sociais do dispositivo da maternidade, que normaliza determinadas expectativas de cuidado e presença materna. Apesar dessas tensões, suas narrativas revelam um tom majoritariamente positivo: a maternidade aparece como um desejo, um sonho planejado e uma experiência que acrescentou mais do que restringiu suas trajetórias esportivas. Mesmo diante das demandas práticas e das expectativas normativas acionadas pelo dispositivo da maternidade, as mães-atletas de CA elaboram discursos que não reforçam a dificuldade como eixo central, mas afirmam sentidos de ganho, fortalecimento e realização. Assim, longe de ser representada como limite ou obstáculo, a maternidade é ressignificada por essas mulheres como parte constitutiva e enriquecedora de suas práticas na CA, reafirmando sua agência e ampliando o campo de possibilidades de viver tanto o esporte quanto a maternidade.

Outro achado importante refere-se ao papel das políticas de apoio institucional. As falas das atletas mostram que, na ausência de creches, licenças parentais equitativas ou

programas de suporte logístico em competições, a continuidade da participação depende quase exclusivamente das condições pessoais e do círculo familiar. Esse quadro reforça a necessidade de se pensar o esporte de rendimento em diálogo com políticas públicas e organizacionais que reconheçam a maternidade como parte da vida atlética, e não como exceção ou obstáculo.

Ao mesmo tempo, as atletas constroem estratégias de resiliência que vão desde acordar em horários extremos para treinar, reduzir o tempo das sessões de treinamento, negociar constantemente a divisão de tarefas com parceiros e familiares, até estratégias de contato mínimo por telefone ou chamadas de vídeo durante o distanciamento nas competições, o que elas chamam de sentimento de liberdade ou aproveitar ao máximo a experiência na natureza longe dos filhos, como um momento só delas. Tais estratégias revelam resistência aos discursos normativos da maternidade, mas também evidenciam as desigualdades estruturais que obrigam as mulheres a desenvolverem mecanismos de conciliação.

Além disso, é importante destacar a peculiaridade da CA enquanto *lifestyle sport*, o que a diferencia de modalidades olímpicas e do esporte de alto rendimento profissional. As atletas entrevistadas não dependem financeiramente da prática, tampouco estão submetidas à pressão direta de patrocinadores ou federações esportivas para o retorno pós-maternidade. Nesse contexto, a continuidade no esporte ocorre primordialmente por desejo pessoal e pela incorporação da CA como um estilo de vida. Essa dimensão cultural faz com que a prática não seja vivida como obrigação ou sacrifício, mas como valor que orienta escolhas cotidianas e é transmitido às próximas gerações. A análise das narrativas aponta que os/as filhos/as, longe de representarem apenas uma barreira, tornam-se também motivação para a permanência dessas mulheres no esporte, uma vez que elas desejam compartilhar com eles/as a “tradição” familiar de experiências na natureza e o amor pela prática esportiva. Assim, a maternidade, nesse caso, pode reforçar a permanência no esporte ao ressignificar o sentido da participação e ampliar o vínculo entre vida familiar e identidade atlética.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui para ampliar o debate sobre gênero, esporte e maternidade, especialmente no contexto da CA, campo ainda pouco explorado pela literatura acadêmica. Metodologicamente, reforça o potencial da análise de narrativas sob a luz da ADF para desvelar não apenas enunciados explícitos, mas também silenciamentos implícitos que estruturam as experiências. Em termos práticos, as narrativas deixam clara a centralidade das redes de apoio e da gestão do tempo; assim, os achados apontam para a necessidade de políticas institucionais que considerem a maternidade no planejamento de

eventos e treinamentos, bem como a criação de redes de apoio formalizadas e políticas públicas que ultrapassem a dependência exclusiva do círculo familiar e da disponibilidade de capital socioeconômico individual.

Sob a óptica teórica da ADF, esta pesquisa evidencia que o gênero opera como campo de enunciação no qual a mãe é posicionada como o eixo que coordena e legitima o cuidado, enquanto o pai pode aparecer como figura de suporte ou como parâmetro de governança da família, que, por sua vez, pode disfarçar hierarquias de poder sob a aparência da “dinâmica natural” de papéis. Essa configuração reforça a necessidade de políticas públicas e institucionais que promovam o compartilhamento do cuidado (licenças parentais equitativas, creches e estruturas de apoio à viagem para famílias de atletas, programas de apoio que considerem a logística familiar) com objetivo de reduzir a sobrecarga moral e prática sobre as mães-atletas.

Como toda investigação de natureza qualitativa e situada, este estudo apresenta algumas limitações que precisam ser reconhecidas. O recorte empírico, composto majoritariamente por mulheres brancas, de classe média e de alto capital cultural, inseridas na CA (modalidade não profissionalizada e praticada, em grande parte, por pessoas com maior acesso a recursos), restringe a possibilidade de generalização dos resultados para outras realidades sociais e esportivas. Além disso, reconheço que minha presença enquanto mulher, mãe-atleta e pesquisadora da área atravessou o campo e a interpretação dos discursos, configurando uma leitura situada, afetada e comprometida com a compreensão crítica das relações entre maternidade, corpo e poder.

Do ponto de vista de pesquisa, seria pertinente cruzar essas narrativas com as de mães-atletas homoafetivas, mães-atletas negras, pais-atletas, bem como depoimentos de mulheres atletas que optaram por adiar ou suspender a experiência da maternidade, para mapear como diferentes interdiscursos modulam as expectativas sociais, as redes de apoio e as consequências para a carreira. Além disso, estudos comparativos entre esportes de diferentes níveis de competição (amador, semiprofissional, olímpico) e esportes que já possuem sistemas de apoio institucional podem esclarecer como políticas organizacionais podem mitigar a sobrecarga de cuidado enfrentada por mães sem comprometer o desempenho esportivo. Comparações com estudos de outras populações como de países orientais também podem ser interessantes.

Passada quase uma década desde a minha pesquisa de mestrado, observa-se que a CA permanece marcada por desigualdades estruturais que a configuram como um esporte ainda restrito, majoritariamente praticado por homens brancos, de classe média/alta e elevado nível

de escolaridade. Apesar de avanços importantes, com o crescimento da participação feminina e com o surgimento de mulheres que assumem funções historicamente ocupadas por homens, como a navegação e a capitania das equipes, as mulheres continuam sendo minoria nesse campo esportivo, e sua presença segue atravessada por assimetrias de visibilidade, reconhecimento e acesso. Diante desse cenário, reforço a pertinência de incorporar no contexto escolar práticas corporais de aventura (como previsto na BNCC) relacionadas à CA, especialmente nas aulas de Educação Física, por meio de atividades como *trekking*, orientação e vivências em ambientes naturais, que ampliem o repertório esportivo de meninas e meninos desde cedo. Além disso, a maior divulgação da participação feminina na CA, tanto na mídia quanto em projetos educacionais e comunitários, pode contribuir para desestabilizar estereótipos de gênero, democratizar o acesso e inspirar novas gerações de meninas a ocuparem e transformarem esse espaço esportivo.

Por fim, ao dar visibilidade às vozes de mães-atletas que persistem na CA, esta pesquisa busca contribuir para a desconstrução de modelos normativos de maternidade e para o fortalecimento de narrativas plurais no esporte. Se, no imaginário social, a corrida de aventura representa um enfrentamento a terrenos desafiadores, para essas mulheres ela também simboliza a libertação da travessia cotidiana por entre as exigências do cuidado e as aspirações de performance, numa jornada que é, ao mesmo tempo, íntima, política e profundamente transformadora.

REFERÊNCIAS

ABDALAD, Luciana. Silva, COSTA, Vera Lúcia. Menezes. A Participação das mulheres nos esportes de voo livre: um estudo sobre as práticas de aventura e risco. **Revista Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 121- 145, 2. sem. 2009.

ALBARELLO, Flávia; CROCETTI, Elisabetta; RUBINI, Mônica. I and us: a longitudinal study on the interplay of personal and social identity in adolescence. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 47, n. 4, p. 689-703, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Necropolítica e neoliberalismo. **Caderno CRH**, n. 34, e021023, 2021

APPLEBY, Karen M.; FISHER, Leslie A. Running in and out of motherhood: elite distance runners' experiences of returning to competition after pregnancy. **Women in Sport and Physical Activity Journal**, e. 18, n. 1, p. 3-17, 2009.

ARCHELA, Danielle Guizzo; DALAQUA, Gustavo Hessmann; PAULINO, Sibebe. Revisando Foucault: homo politicus e homo economicus. **Doispontos**, Curitiba, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 265-288, abr. 2017.

ARENDELL, Terry. Conceiving and investigating motherhood: the decade's scholarship. **Journal of Marriage and Family**, v. 62, n. 4, p. 1192-1207, 2000.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elizabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. Tradução de Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BANDEIRA, Marília Martins; SILVA, Dirceu Santos; AMARAL, Silvia C. Franco. Da negação do turismo à defesa do direito ao risco: os primeiros projetos de lei para práticas de aventura no Brasil e a reação de esportistas. **Podium Sport Leisure and Tourism Review**, 2021, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 160-190.

BANDEIRA, Marília Martins. Ler o rio, entender com o braço e remar como um só: estudo etnográfico sobre corpo, técnica e aprendizagem na navegação de rios de corredeira em bote ou rafting. **Esporte e Sociedade**, v. 31, p. 1-28, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2008.

BASSETTE, Fernanda. **Pesquisa avalia como tratamentos de infertilidade podem impactar as relações familiares e de trabalho**. [Online]. São Paulo, SP; 2024. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/pesquisa-avalia-como-tratamentos-de-infertilidade-podem-impactar-as-relacoes-familiares-e-de-trabalho/53387>. Acesso em: 23 ago. 2025.

BELFORTH, Emma. The elite endurance athlete as a mother – a case study of four elite endurance young women. **Göteborgs universitets publikationer** – elektroniskt arkiv, 2013. 43. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/handle/2077/34408>. Acesso em: 29 jul. 2018.

BEILOCK, Sian L.; FELTZ, Deborah L.; PIVARNIK, James M. Training patterns of athletes during pregnancy and postpartum. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 72, n. 1, p. 39-46, 2021.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. 2. ed. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti e Denise Maria Gurgel Lavallée; revisão científica: Maria da Conceição Passeggi e Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. 167 p.

BEAUVOIR, Simone de. Mal-entendido em Moscou. In: SIMONS, M.; TIMMERMAN, M. (org.) **“As bocas inúteis”** e outros escritos literários. Urbana, University of Illinois Press, p.219-274, 2011.

BELLOWS-RIECKEN, Kai H.; RHODES, Ryan E. A birth of inactivity? A review of physical activity and parenthood, **Preventive Medicine**, v. 46, n. 2, 2008, p. 99-110.

BERTOLINI, Jeferson. O conceito de biopoder em Foucault: apontamentos bibliográficos. **Saberes: Filosofia e Educação/ Filosofia UFRN**, 2018, v. 18, n. 3, p. 86-100.

BITENCOURT, Vera Lúcia; AMORIM, Suzana. Corrida de Aventura. In: DA COSTA. Lamartine (Org.). **Atlas do esporte no brasil**. Rio de Janeiro: CONFEEF, 2006. Disponível em: <http://www.listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 322p.

BOUVIER, Noan. Being a female elite orienteer: a comparison of Sweden and France. **Idrottsforum**, Malmö University, Suécia, 23 maio 2024.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli (Org.). Comunicação e análise de discurso. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 19-44.

BRASIL. Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023. Dispõe sobre o Sistema Nacional do Esporte (Sinesp) e o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Esportivos (SNIIE), a ordem econômica esportiva, a integridade esportiva e o Plano Nacional pela Cultura de Paz no Esporte. **Diário Oficial da União**, ed. 112, seção 1, p. 6, órgão: Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 15 jun. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/Lei/L14597.htm. Acesso em: 23 out. 2023.

BROWN, Wendy. **Undoing the demos: neoliberalism's stealth revolution**. New York: Zone Books, 1995. 295p.

BRUENING, Jeniffer. E.; DIXON, Marlene. A. Situating work–family negotiations within a life course perspective: insights on the gendered experiences of NCAA Division I head coaching mothers. **Sex Roles**, v. 58, n. 1-2, p. 10-23, 2008.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Desfazendo Gênero**. Tradução Carla Rodrigues (português do Brasil). São

Paulo: Editora da Unesp, 2022.

CORRIDA DE AVENTURA. **Eco-Challenge**, Fiji: Amazon Prime Vídeo, 2019. Série de TV por assinatura.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **R. Fac. Educ**, São Paulo, v. 23, n. 1/2, p. 185-195, jan./dez. 1997.

DARROCH, Francine; HILLSBURG, Heather. Keeping pace: mother versus athlete identity among elite long-distance runners. **Womens Stud Int Forum**, n. 62, p. 61-8, 2017.

DARROCH, Francine, SCHNEEBERG, Amy; BRODIE, Ryan; FERRARO, Zachary M.; WYKES, Dylan; HIRA, Sarita; GILES, Audrey; ADAMO, Kristi B.; STELLINGWERFF, Trent. Impact of pregnancy in 42 elite to world-class runners on training and performance outcomes. **Medicine and Science in Sports and Exercise**, v. 55, n. 1, p. 93-100, 2022.

DAVENPORT, Margie H.; LAUREN, Ray; NESDOLY, Autumn; THORNTON, Jane; KHURANA, Rshmi; MCHUGH, Tara Leigh F. We're not superhuman, we're human: a qualitative description of elite athletes' experiences of return to sport after childbirth. **Sports Medicine**, Auckland-N. Z., v. 53, n. 1), p. 269–279, 2023.

DOUGLAS, Karen; CARLESS, David. Abandoning the performance narrative: two women's stories of transition from professional sport. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 21, n. 2, p. 213-230, 2009.

DUARTE E SILVA, Fabiana; MOURÃO, Ludmila ; NOVAIS, Mariana Cristina Borges; CHAVES, Bruna Silveira; PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. Narratives of mother athletes in Eco-Challenge: the world's toughest race. **Concilium** (English Language Edition), v. 24, p. 190-202, 2024.

DRUMMOND, John. Self-identity and personal identity. **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, v. 20, n. 2, p. 235-247, 2021.

FETTER, Júlio César. Atletas olímpicas brasileiras e a maternidade: do mito à realidade. **Olimpianos-Journal of Olympic Studies**, 2020, v. 4, p. 137-153.

FONSECA, Caco. **Corrida de Aventura: A natureza é nosso desafio**. São Paulo: Labrador, 2017. 216 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del you y otros textos afines**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 1990.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014. 80p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GARCIA, Loreley. **Meio ambiente & gênero**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

GASPAROTTO FILHO, Norberto. **Corrida de aventura da mulher “As Pamonhas”** 3. ed. [online]. Ponta Grossa-RS, 2024. Disponível em: <https://www.adventuremag.com.br/corrida-de-aventura-da-mulher-as-pamonhas-3a-edicao/>. Acesso em 13 jun. 2025.

GILL, Rosalind; SCHARFF, Christina (Ed.). **New femininities: postfeminism, neoliberalism and subjectivity**. Springer, 2011.

GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 13.^a edição, 2015, p. 172-190.

GOELLNER, Silvana. Vilodre. **Projeto garimpando memórias: manual básico do Centro de Memória do Esporte**. Porto Alegre, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da educação física. In: DORNELLES, P. G.; WERNETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Editora Unijuí, 2013, p. 23-43.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07-41, 1995.

HAYS, Sharon. **The cultural contradictions of motherhood**. New Haven: Yale University Press, 1996.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

HOFFMAN, Martin. D.; KRISHNAN, Eswar. Exercise behavior of ultramarathon runners: baseline findings from the ULTRA study. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 27, n. 11, p. 2939-2945, nov. 2013.

HUMBERSTONE, Barbara. Transgressões de gênero e naturezas contestadas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 21-38, 2007.

KAY, Joanne.; LABERGE, Suzanne. Mandatory equipment. Women in adventure racing. In: WHEATON, B. **Understanding lifestyle sports**. Consumption, identity and difference.

London: Routledge, 2004. P.154-174.

KLEIN; Clarin. “...Um cartão [que] mudou nossa vida?” Maternidades veiculadas e instituídas pelo Programa Nacional Bolsa-Escola. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

KNECHTLE, Beat; RÜST, Christoph. Aleander; ROSEMAN, Thomas Johannes. Performance in ultra-endurance events: age-related changes and the young of experience. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 7, n. 3, p. 277-289, 2012.

KNOESTER, Chris; EGGEBEEN, David J. Os efeitos da transição para a parentalidade e dos filhos subsequentes no bem-estar e na participação social dos homens. **Journal of Family Issues**, v. 27, n. 11), 2006, p. 1532-1560.

LAW, John. **After method: mess in social science research**. London: Routledge, 2004.

L'HEVEDER, Ariadne; CHAN, Maxine; MITRA, Anita; KASAVEN, Lorraine; Saso, SRDJAN; PRIOR, Tomas; POLLOCK, Noel *et al.* 2022. Sports obstetrics: implications of pregnancy in elite sportswomen, a narrative review. **Journal of Clinical Medicine**, v. 11, n. 17, p. 4977, 2022.

LIMA, Amanda. **Quando a experiência da maternidade e da prática esportiva se complementam** [online]. Bahia, Brasil; 2018. Disponível em: <https://www.sejaextraordinaria.com.br/post/quando-a-experiencia-da-maternidade-e-da-pratica-esportiva-se-completam.html>. Acesso em: 19 nov. 2019.

LIMA, Roberto. "On the rocks": corpo e gênero entre os escaladores do Paraná. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 149-164, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, v. 20. n.2, p.101-132, jun./dez. 1995.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Lia Zanotta. Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? In: **Sociedade Brasileira de Sociologia** (Ed.) Simpósio Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo, 52ª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência. Brasília: SBP, 2000.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, Florianópolis, v.9, n. p. 87- 99, 2001.

MARTINEZ-PASCUAL, Beatriz; ALVAREZ-HARRIS, Sara; FERNÁNDEZ-DE-LAS-PEÑAS, César; PALACIOS-CEÑA, Domingo. Maternity in Spanish elite sportswomen: a qualitative study. **Women & Health**, v. 54, n. 3, p. 262–279, 2014.

MARTINEZ-PASCUAL, Beatriz; ALVAREZ-HARRIS, Sara; FERNÁNDEZ-DE-LAS-PEÑAS, César; PALACIOS-CEÑA, Domingo. Pregnancy in Spanish elite sportswomen: a qualitative study. **Women & Health**, v. 57, n. 6, p. 741-755, 2017.

MARTINEZ-PASCUAL, Beatriz; ABUÍN-PORRAS, Vanesa; PÉREZ-DE-HEREDIA-TORRES, Marta; MARÍA MARTÍNEZ-PIEDROLA, Rosa; César; ALVAREZ-HARRIS, Sara; PALACIOS-CEÑA, Domingo. Experiencing the body during pregnancy: a qualitative research study among Spanish sportswomen. **Women & Health**, v. 56, n. 3, p. 345-359, 2016.

MARTINS, Laura; BRITO, Emilly; BARRETO, Soraya. **A construção da narrativa midiática da maternidade no esporte no veículo GE: uma análise com visualização de dados.** In: 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Universidade Federal de Pernambuco: Recife, PE, 2024.

MASSEY, Kelly L.; WHITEHEAD, Amy E. Pregnancy and motherhood in elite sport: the longitudinal experiences of two elite athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 60, p. 102139, 2022.

MATIAS, Aline Gomes Tavares; BARONE, Maria Antonella; RODRIGUES, Alexandro. Fazendo ruir o dispositivo da maternidade e (re)inventando maternagens possíveis: narrativas infames e potentes! **INTERthesis**, Florianópolis, 2021, v. 18, p. 01-18.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 1. ed. São Paulo: N-1, 2018

MCGANNON, Kerry. R; MCMAHON, Jenny; GONSALVES, Christine A. A Juggling motherhood and sport: a qualitative study of the negotiation of competitive recreational athlete mother identities. **Psychology of Sport & Exercise**, Tasmania, v. 36, p. 41-49, 2018.

MCGANNON, Kerry. R.; CURTIN, Kim.; SCHINKE, Robert. J.; SCHWEINBENZ, Amanda. N. (De)constructing Paula Radcliffe: exploring media representations of elite athletes, pregnancy, and motherhood through cultural sport psychology. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, n. 6, p. 820-829, 2012.

MCGANNON, Kerry R.; GRAPER, Sydney; MCMAHON, Jenny. Skating through pregnancy and motherhood: a narrative analysis of digital stories of elite figure skating expectant mothers. **Psychology of Sport and Exercise**, n. 59, p.102126, 2022.

MCGANNON, Kerry R.; GONSALVES, Christine A.; SCHINKE, Robert J.; BUSANICH, Rebecca. Negotiating motherhood and athletic identity: a qualitative analysis of olympic athlete mother representations in media narratives. **Psychology of Sport and Exercise**, n. 20: p. 51-59, 2015.

MCGANNON, Kerry R.; TATARNIC, Erin; MCMAHON, Jenny. The long and winding road: an autobiographic study of an elite athlete mother's journey to winning gold. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 31, n. 4, p. 385–404, 2019.

MCGREGOR, Brooke; MCGRATH, Richard; YOUNG, Janette; NOTTLE, Carmel. A scoping review of the experiences of elite female athletes concerning pregnancy and motherhood, **Sport in Society**, v. 27, n. 8, p. 1221-1253, 2024.

MCROBBIE, Angela. Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero. Tradução de Márcia Rejane Messa. **Cartografias Estudos Culturais e Comunicação**, Porto Alegre, p. 1-10, 2006.

MERKLE, Gustavo. O que é canoagem slalom. 2010. Disponível em: <http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/historia/id/46>. Acesso em: 8 set. 2018.

MEYER, Dagmar. E. Estermann. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Revista Gênero**, Niterói, v. 6, n.1, p. 81-104, 2. sem. 2005.

MILLER, Yvette D.; BROWN, Wendy. J. Determinants of active leisure for women with young children – an “ethic of care” prevails. **Leisure Sciences**, Waterloo, v. 27, p. 405-420, 2005.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; NARDI, Henrique Caetano. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). **Rev. Estud. Fem.** [online], Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009, v. 17, n. 2, p. 569-594.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; NARDI, Henrique Caetano. "Vida de equilibrista"? Modos de ser mãe e trabalhadora: trajetórias de mulheres em diferentes contextos sociais. **Revista Interamericana de Psicología/ Interamerican Journal of Psychology**, 2010, v. 44, n. 1, p. 187-198.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físicodesportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 5-18, 2000/2.

MULHERES no MTB: atletas contribuem para o crescimento feminino no esporte. **CIMTB**, 2020. Disponível em: <https://cimtb.com.br/mulheres-no-mtb-atletas-contribuem-para-o-crescimento-feminino-no-esporte/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

NUCCI, Marina. Maternidade, gênero e ciência: reflexões e tensionamentos. 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília, DF, 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Pontes, 2013.

PALMER, Farah. R.; LEBERMAN, Sarah. I. Elite athletes as mothers: managing multiple identities. **Sport Management Review**, v. 12, n. 4, p. 241-255, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Unicamp, 2014.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**. n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PFEIFFER, Ronald. P.; KRONISH, Robert. L. Off-road cycling injuries: an overview. **Sports Med** [online], v. 19, n. 5, p. 225-311, 1995.

PRADO FILHO, Kleber. A política das identidades como pastorado contemporâneo. *In*: CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de. **Foucault e o cristianismo**. Belo Horizonte:

Autêntica Editora, 2012. p. 111-119.

PRINSTER, Margeaux Elizabeth. A tanzanian woman's place is on top: an exploration of women's participation in kilimanjaro's trekking tourism industry. **International Development, Community and Environment (IDCE)** [Online], 143, 2017.

RABINOW, Paul.; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. **Política & Trabalho**, 2006, n. 24, p. 27-57.

RAGO, Margareth. **A Aventura de Contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. 341p.

RASQUINHA, Allison M.; BRADLEY J. Cardinal. Association of Athletic Identity by Competitive Sport Level and Cultural Popularity. **Journal of Sport Behavior**, v. 40, n. 2, 2017.

RIBEIRO, Edla Freitas; VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. A entrevista de narrativa de vida: uma abordagem que revela um gênero. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 209-224.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the “political economy” revisited. In: LEWIN, Ellen. **Feminist anthropology: a reader**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2006.

RUSSO, Jane; NUCCI, Marina Fisher. Parindo no paraíso: parto humanizado, ocitocina e a produção corporal de uma nova maternidade. **Interface**, Botucatu, 2020, n. 24.

SCOTT, Joan W. **Gender and the politics of history**. *New York*: Columbia University Press, 1988.

SHAW, Sally; HOEBER, Larena. “A strong man is direct and a direct woman is a bitch”: gendered discourses and their influence on employment roles in sport organizations. **Journal of Sport Management**, v. 17, n. 4, p. 347-376, 2003.

SILVA, Fabiana Duarte e; MOURÃO, Ludmila; BANDEIRA, Marília Martins. A verdadeira aventura: relato de uma mãe atleta no campeonato mundial de corrida de aventura. In: Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA)/ Congresso Internacional de Atividades de Aventura (CIAA), 10 abr. 2018, Diamantina. **Anais...** São Paulo: Editora Supimpa, 2020. p. 227-231.

SILVA, Fabiana Duarte e; SANTOS, Francielle Pereira; MOURÃO, Ludmila Nunes; BANDEIRA, Marília Martins. A prática recreativa do mountain bike no interior de Minas Gerais: lazer, natureza e domínio dos homens. In: MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza (Org.). **Sexualidade e relações de gênero**. Atena Editora, 2019. p. 85-94.

SILVA, Fabiana Duarte. **Memórias de Atenah**: trajetórias de mulheres brasileiras na corrida de aventura. 161 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Juiz de Fora, 2018.

SILVA, Juliana Márcia Santos; SALVADOR, Andréia Clapp. Coletivos de mães universitárias

rompendo com a história da exclusão feminina nas universidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31, 2021, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos**. Rio de Janeiro: ANPUH – Brasil, 2021. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/ais/8/snh2021/1628176107_ARQUIVO_6c5ff0b3c39fb6a13b440aa157_afdc9d.pdf. Acesso em: 4 out. 2022.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev Esc Enferm USP**, 2003, v. 37, n. 2, p. 119-26.

SPOWART, Lucy; BURROWS, Lisette. Negociando o terreno moral: mães praticantes de snowboard. In: THORPE, H., OLIVE, R. (orgs.) **Mulheres em culturas esportivas de ação**. Série Cultura Global e Esporte. Palgrave Macmillan, Londres, 2016.

SPOWART, Lucy; BURROWS, Lisette; SHAW, Sally. I just eat, sleep, and dream of surfing: When surfing meets motherhood. **Sport in Society**, 2010, n.13.

STREAMING, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/streaming>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SCHWARTZ, Gisele Maria; FIGUEIREDO, Juliana de Paula; PEREIRA, Leonardo Madeira; CHRISTOFOLETTI, Danielle Aurieno, DIAS, Viviane. Kawano. Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. **Motricidade**, Vila Real, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2013.

TOGUMI, Wladimir. A corrida de Aventura. In: FONSECA, C. **Corrida de Aventura: A natureza é nosso desafio**. São Paulo. Editora Labrador, 2017. p.13-25.

THORPE, Holly; CHAWANSKY, Megan. The gendered experiences of women staff and volunteers in sport for development organizations: the case of transmigrant workers of Skateistan. **Journal of Sport Management**, v. 31, n. 6, p. 546–561, 2017.

THORPE, Holly; MCGANNON, Kathleen R.; MCMAHON, Jennifer; MCDONALD, Kate; MCDONALD, Lindsay. Exposing a motherhood penalty in sport: a feminist narrative analysis of elite athlete mothers' mediated journeys to the Tokyo 2020 Olympics. **Sport in Society**, v. 26, n. 4, p. 617–634, 2023.

VIANA-MEIRELES, Livia Gomes; MEYER, Antônia Valeska T. de Lima; CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. Relações de trabalho e maternidade no contexto esportivo: um estudo de caso. **Psicologia Revista**, v. 32, n. 1, p.123-149, 2023.

WALCZAK, Aline Teresinha; SILVA, Fabiane Ferreira da. Maternidade e carreira científica: Experiências e concepções das docentes mães da Universidade Federal do Pampa. **Interfaces da Educação**, v. 14, n. 40, p. 640–659, 2023.

WEEDON, Chris. **Feminist practice and poststructuralist theory**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

WHEATON, Belinda. **The consumption and representation of Lifestyle Sports**. London, England: Routledge. 2013. p. 1-264.

WORLD’S toughest race: eco-challenge Figi [Seriado]. Direção: David Charles. Produção:

Mark Burnett, Eric Van Wagenen, Lisa Hennessy, Barry Poznick, Bear Grylls, Delbert Shoopman. Fiji: Produtora Amazon.com Services LLC, 2020. 10 episódios.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.